

HANNAH JAYNE

REAL,

ELA PENSOU QUE ERA UM ACIDENTE.

LOUCO,

ELA ESTAVA ERRADA.

MORTAL



Companhia
Editora Nacional



DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [Le Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [Le Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [LeLivros.site](#) ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados [neste link](#)

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."



**REAL,
LOUCO,
MORTAL**

**REAL,
LOUCO,
MORTAL**

Hannah Jayne



**Companhia
Editora Nacional**

Copyright © 2013, Hannah Jayne
Copyright © 2014, Companhia Editora Nacional

Primeira Publicação por Sourcebooks.

Direitos de Tradução concedidos por Taryn Fagerness Agency e Sandra Bruna Agência Literária, SL.

Todos os direitos reservados.

Diretor Superintendente: Jorge Yunes

Diretora Editorial Adjunta: Silvia Tocchi Masini

Editores: Cristiane Maruyama, Marcelo Yamashita Salles

Editora Júnior: Nilce Xavier

Tradução: Rodrigo Mendes de Almeida

Preparação: Carolina Caires Coelho

Produtora Editorial: Solange Reis

Coordenação de Arte: Márcia Matos

Estagiária de Arte: Camila Simonetti

Design de Capa (original): Elsie Lyons, Sourcebooks, Inc.

Imagem de capa: © Christy Chaloux/Getty Images

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) **(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)**

Jayne, Hannah

Real, louco, mortal / Hannah Jayne ; [traduzido
por Rodrigo Mendes de Almeida]. -- 1. ed. --
São Paulo : Companhia Editora Nacional, 2014.

Título original: Truly, madly, deadly

ISBN 978-85-04-01852-3

1. Ficção de suspense 2. Ficção norte-americana

I. Título.

13-08246

CDD-813

Índices para catálogo sistemático:

1. Ficção de suspense : Literatura norte-americana 813

1ª edição - São Paulo - 2014

Todos os direitos reservados



**Companhia
Editora Nacional**



Av. Alexandre Mackenzie, 619 – Jaguaré

São Paulo – SP – 05322-000 – Brasil – Tel.: (11) 2799-7799

www.editoranacional.com.br – editoras@editoranacional.com.br

CTP, Impressão e acabamento IBEP Gráfica

Para minha mãe, que
provavelmente não sabe que
a busca pela realização de
seu sonho me deu coragem
para correr atrás do meu.

Sumário

Capa

Página de Título

Direitos Autorais

Dedicação

UM

DOIS

TRÊS

QUATRO

CINCO

SEIS

SETE

OITO

NOVE

DEZ

ONZE

DOZE

TREZE

CATORZE

QUINZE

DEZESSEIS

AGRADECIMENTOS

– Obrigada por vir.

As palavras brotaram e caíram no carpete macio, e Sawyer ficou pensando se deveria tirar a bolinha de pelo do lóbulo da orelha de Kevin, que estava presa lá, firme e branca, contrastando com o azul-marinho do terno dele.

– Eu não conseguiria aguentar o dia de hoje sem você – disse a srta. Anderson, apertando a mão gelada de Sawyer.

Sawyer sabia que deveria dizer algo reconfortante, algo acalentador, mas só conseguia prestar atenção à bolinha de tecido na orelha esquerda de Kevin.

– Disseram que foi instantâneo – alguém sussurrou. – Que ele estava bêbado.

Sawyer ouvia essas palavras girando em sua mente sem parar, o tempo todo, nas últimas quarenta e oito horas. *Foi instantâneo, Kevin estava bêbado, não teve como escapar.* Não estava chorando – não conseguia mais – enquanto olhava para Kevin. Os olhos dele estavam fechados, os lábios entreabertos, as mãos delicadamente cruzadas sobre o peito. Sawyer não conseguia deixar de pensar, em algum lugar sombrio, bem no fundo, que pelo menos agora, ele não poderia mais machucá-la.

– Você deve estar arrasada.

Sawyer sentiu o professor Hanson, seu professor de espanhol, pousar a mão em seu ombro com gentileza. Ela se retraiu, o cheiro dos lírios de repente se tornara enjoativo demais.

– Já volto.

Ela subiu a escada, dois degraus de cada vez, pisando com as sapatilhas pretas sem fazer barulho no carpete. Parou no patamar de cima ao ver a garota no fim do corredor.

A garota piscou para Sawyer.

Ela era alta e magra – até demais – com um corpo parecido ao de um menino, de ossos aparentes. Seus longos cabelos castanhos estavam presos em uma trança espinha-de-peixe e caíam por um dos ombros, e fiozinhos espetados podiam ser vistos ao redor da cabeça, escapados da trança frouxa. Seus olhos pareciam já ter sido de um castanho aveludado e muito vivos, mas estavam fundos e sem vida agora. Os lábios carnudos estavam um pouco rosados, meio tristes. A menina usava sua roupa de luto como se fosse uma segunda pele.

Sawyer hesitou; a menina também.

Sawyer parou por um instante e puxou a trança, então desviou os olhos do espelho que refletia uma garota que ela mal reconhecia. Continuou a atravessar o corredor rapidamente.

Ela sabia, desde as noites em que mentia para os próprios pais e fugia de casa, e passava, descalça, pela porta do quarto dos pais dele, que o quarto de Kevin era o último à esquerda. Entrou ali com um suspiro e fechou a porta com cuidado. Uma pintura com as pontas viradas para fora estava presa com fita adesiva atrás

da porta do quarto de Kevin e Sawyer, atônita, passou a mão por ela. Era uma cena de praia que ela pintou no primeiro dia em que Kevin falou com ela. Eles estavam na aula de artes e ela estava distraída com as pinceladas, apertando os olhos, aproximando-se da tela para deixar as ondas o mais realistas possível.

– Você é muito boa – disse ele, apontando a cena com o queixo. Sawyer ainda podia sentir o calor aumentando nas bochechas enquanto passava o indicador pelas curvas da espuma na água da paisagem eternamente imóvel.

Ela ouviu uma respiração suave na luz amarelada que passava pela persiana e se esparramava na pintura.

– O recrutador veio vê-lo, sabia?

O sr. Anderson disse aquilo sem se virar. O pai de Kevin estava sentado na beira da cama de seu filho; mantinha a cabeça abaixada e estava de costas para Sawyer, mas ela viu que ele passava os dedos pelo tecido sedoso da camisa de futebol americano número 21 dos Hawthorne Hornets, diante de um exército de troféus dourados de futebol.

– Ele falava em se casar com você – o sr. Anderson olhou para trás, os olhos azuis marejados encontraram Sawyer, abrindo um quase-sorriso nostálgico com os lábios rachados. – Ele falou que entraria na Cal e você entraria no Instituto de Arte, e pronto.

Sawyer tentou sorrir, tentou se lembrar de quando ela e Kevin se deitavam na grama, quando ela segurava a mão dele e eles falavam sobre um futuro distante e puro, sem divórcio e ciúmes, sem as pressões da escola e os conflitos. Ela se lembrava de ter contado a Kevin que queria estudar no Instituto de Arte, lembrava do olhar distante dele ao sorrir.

– *O que foi? – perguntou ela, mal contendo um sorriso irônico.*

Kevin balançou a cabeça e apertou a mão de Sawyer gentilmente.

– *Não é perfeito? Eu vou para a Cal, ser a grande estrela do futebol americano, e você vai estar do outro lado da baía, no Instituto de Arte, pintando quadros de seu amado.*

– *Quadros do John Lennon? Acho que me cansaria disso.*

Kevin deu um puxão no braço dela – gentil, delicado – e Sawyer se aproximou, amando sentir os braços dele ao redor de seu corpo. Ela se sentiu tão segura, tão aquecida, e quando os lábios dele roçaram sua orelha, ela sentiu um arrepio na barriga.

Naquele momento, hesitou com a lembrança. *Isso foi quando as coisas eram boas*, ela disse a si mesma.

O sr. Anderson suspirou, e isso trouxe Sawyer de volta à realidade; ela olhou para a frente bem a tempo de ver o pai de Kevin se curvar com as mãos grandes na cabeça. Não ouviu nenhum som a não ser o soluço dele, seguido pelo choro.

Sawyer sentiu o lábio inferior tremer, e quando fechou seus olhos, viu Kevin, bochechas rosadas e bem vivo, lábios abertos naquele sorriso parecido com o de seu pai. Na visão, o sorriso virou um rosnado. Ela ouviu o barulho horrível de pele contra pele em sua mente. Ela cambaleou, sentindo a pontada novamente.

– Ele te amava tanto.

Sawyer sentiu a respiração quente de Kevin, ouviu a voz grave dele ao dizer, pela primeira vez, que a amava. Ela se lembrou do arrepio que a percorreu do

topo da cabeça até a base da coluna, uma sensação deliciosa, maravilhosa, extasiante. Kevin – Kevin Anderson, o garoto mais popular da escola – sentia amor por *ela*. Ela se sentiu o máximo naquele momento em que as pontas dos dedos de Kevin roçaram suas costas, quando os lábios dele tocaram os dela. Sua vida – sua família – havia se despedaçado. Sua mãe se mudara para o outro lado do país, seu pai amava outra mulher, mas Kevin Anderson queria Sawyer. Ele queria Sawyer Dodd, e isso a fazia se sentir *viva*. Ela queria se agarrar àquele momento, estava desesperada para se agarrar àquele momento e a mais nada – não a quando ele ficava bravo, não a quando ela o deixava furioso, não à torrente de desculpas chorosas que se seguia.

Sawyer assentiu, com lágrimas escorrendo pelo rosto.

– Eu o amava também.

O clima na escola na segunda-feira estava pesado, e Sawyer estava cansada das pessoas desviando o olhar quando ela passava. O coral no terceiro período era sua fuga favorita, e quando ela entrou na sala da banda, não conteve um sorriso ao ver Chloe Coulter, sentada ao piano balançando as pernas compridas.

– Sawyer! – Chloe se levantou, o rabo de cavalo loiro balançando atrás dela. Envolveu Sawyer em um abraço entusiasmado, nem ligando para os demais estudantes que passavam por elas. – Como você está? – Os olhos de Chloe eram de um azul-claro límpido, e naquele dia eles estavam especialmente grandes e simpáticos, emoldurados por cílios pretos e sobrancelhas grossas. – Você está bem?

Sawyer fez que sim com a cabeça devagar, e sua melhor amiga apertou sua mão e suspirou.

– Você acabou de voltar para a cidade?

Chloe assentiu, atrasada, mas solidária em suas condolências.

– É. – Ela observou Sawyer. – Sinto tanto, Sawyer. Que ria ter estado lá. Foi horrível? Deve ter sido horrível, não? Eu devia estar lá com você. Deus, eu sou péssima.

Sawyer engoliu em seco.

– Era o aniversário de noventa anos da sua avó. Ninguém esperava que você fosse voltar.

– Mas eu teria voltado – disse Chloe, o rabo de cavalo loiro balançando.

– Não acredito que ele morreu – disse Maggie Gaines, com o nariz muito vermelho. Várias pessoas estavam ao seu redor, oferecendo condolências e lençinhos de papel enquanto Maggie murmurava numa voz alta o suficiente para ser ouvida pelos demais. Quando viu Sawyer olhando, seu olhar se tornou intenso e ríspido.

– Olha só para ela – disse Chloe, – Kevin era o seu namorado, mas ela precisa

ser o inconsolável centro das atenções. Deveria ser você ali.

Sawyer se encolheu dentro da blusa de moletom.

– Deixe-a aproveitar o momento dela – murmurou, – eles também namoraram por um tempo.

Chloe torceu o nariz.

– Tipo uns cem anos atrás.

O sr. Rose abriu a porta lateral com o pé e entrou com uma arara de fantasias na sala do coral. O murmurinho dos estudantes se aquietou e todos se viraram para a frente, com os olhos grudados nas novas roupas do coral.

– Senhoras e senhores – disse o sr. Rose, – sei que todos vocês estão muito ansiosos para saber o que vestirão na competição regional deste ano.

O grupo resmungou em um afinado uníssono.

O coral Hawthorne High Honeybee era conhecido apenas por duas coisas: ter sido campeão nacional quatro vezes seguidas e por ter as roupas mais feias da humanidade. No primeiro ano de Sawyer, era uma roupa verde-oliva com mangas bufantes e detalhes em renda para as garotas, e blazers de veludo verde igualmente feios para os garotos. No segundo ano, o orçamento sofreu cortes, e o coral Honeybee se apresentou como um exército muito bem afinado de garçons vestindo coletes brancos. No fim do último ano, a escola ficou com “peninha” do coral e ofereceu algumas becas de formatura que haviam sobrado, nas quais a equipe de figurino costurou vespas¹ lutadoras e notas musicais. Era esse tipo de coisa que o grupo esperava quando o sr. Rose começou seu discurso empolgado.

– Então, sem mais delongas... – o sr. Rose puxou o tecido preto de cima da arara e um grande “ah” coletivo tomou conta da sala. Maggie parou de fungar no lenço de papel, Chloe se assustou e Sawyer se endireitou na cadeira.

– Minha nossa! – Elas são lindas!

Em uma das mãos, o sr. Rose segurou, no alto, um tubinho preto básico de cetim, com uma faixa de cetim vermelha na cintura. Na outra mão, um blazer preto com uma gravata vermelha. Os alunos vibraram.

O sr. Rose, sorrindo de orelha a orelha, também vibrou.

– A diretoria da escola ouviu seus protestos e decidiu que – finalmente – os Honeybees precisavam de uma roupa digna de *pentacampeões* regionais!

Quando os estudantes finalmente retomaram a ordem, o sr. Rose passou a distribuir as roupas envolvidas por plástico. Quando chegou a vez de Sawyer, ele parou, dando aquele sorriso solidário do qual ela estava começando a ficar bem cheia. Ele pousou a mão delicadamente no ombro dela, inclinando a cabeça. – Você está bem, Sawyer?

Sawyer pegou o vestido e abriu um sorriso tímido para o sr. Rose. – Estou, sim, obrigada, sr. Rose.

– Sabe, queria que os Honeybees fizessem um pequeno número em homenagem ao Kevin. Ele era uma parte importante da comunidade Hornet.

Sawyer sentiu um nó na garganta e assentiu com a cabeça.

– Parece legal. O Kevin gostaria disso.

– Eu gostaria que você fizesse um solo nesse número. – O olhar do sr. Rose era doce, ele erguia as sobrancelhas grisalhas com expectativa. – Tudo bem pra

você?

Sawyer assentiu sem dizer nada; pavor, excitação, tristeza e ansiedade tomavam conta dela, tudo ao mesmo tempo.

– Obrigada, sr. Rose. – Ela conseguiu dizer finalmente.

O sr. Rose passou por Sawyer e por Chloe, e continuou a distribuir as roupas para os demais Honeybees. Chloe se inclinou, demonstrando animação.

– Um solo? – perguntou ela, sem fôlego. – Ah, meu Deus, isso é demais! Só é chato que... – Chloe desviou os olhos dos de Sawyer, olhando para as próprias mãos, entrelaçadas em seu colo. – Só é chato que o Kevin não estará lá para ouvir você.

Sawyer tentou responder ou dizer algo coerente, mas não conseguiu.

O sr. Rose se posicionou atrás do piano e os Honeybees fizeram seu aquecimento. Na última nota, ele fez um sinal para Sawyer. Ela foi até a frente da sala, sentindo todos os olhares sobre si. Quando ela se virou, viu apenas Maggie, seus olhos apertados, desafiadores. Sawyer abriu um breve sorriso pacífico, que Maggie ignorou.

Nós éramos amigas, Sawyer disse a si mesma, silenciosamente.

O ódio de Maggie era muito claro.

Quando o sinal tocou, Sawyer e Chloe pegaram suas mochilas, as roupas novas e se dirigiram para a porta. Maggie, de braços cruzados, parou Sawyer abruptamente.

– Um solo? – disse. Ela olhava para Sawyer, deixando a insatisfação evidente.

– Você pode me dar licença, por favor? Preciso passar no meu armário antes do quarto período. – Estava cansada demais para lidar com um dos ataques de ciúmes de Maggie.

Mas Maggie permaneceu na frente de Sawyer.

– Você acha que eu caio no seu teatrinho de “coitadinha de mim”? Até parece. Você não merece esse solo, e não merecia Kevin. Uma namorada de verdade não estaria tão bem assim, ainda mais se preparando para fazer um solo.

Sawyer quis revidar, mas estava exausta e apática. Talvez Maggie estivesse certa, ela não merecia ser namorada de Kevin, não merecia receber a raiva dele, dizia uma vizinha no fundo de sua mente. Sawyer afastou seus pensamentos e empurrou Maggie, com mais força do que pretendia.

– Sai fora, Maggie.

– Se liga – Sawyer ouviu Chloe rosnar. – Sawyer não precisa bancar a mocinha arrasada, você já desempenha esse papel muito bem. Pena que esteja fazendo isso desde que Kevin te deu o fora. Quando foi isso, mesmo? Nove, dez meses atrás? Tempo demais para ainda estar ressentida, não? – Chloe mexeu em uma mecha dos cabelos compridos de Maggie, franziu o nariz e continuou: – Está na hora de você curar essa depressão debaixo do chuveiro. Vai ser bom para todos nós.

Chloe empurrou Maggie para passar e deu o braço para Sawyer, levando-a pelo corredor.

– Você não precisava ter feito isso – disse Sawyer, carregando a mochila em um dos ombros. – Eu posso cuidar da Maggie.

Os olhos azuis de Chloe se arregalaram e ganharam um ar inocente, como os

de um bebê.

– Ah, querida, eu não fiz isso por você. – Ela piscou, com um sorriso irônico nos lábios rosa-choque. – Fiz por mim mesma.

– *Hola, señoras.* – O sr. Hanson era o único professor de espanhol da escola, mas, com quase trinta anos, ele parecia mais um aluno do que um membro do corpo docente. Ele passou entre Sawyer e Chloe e sorriu, enquanto um corredor inteiro de garotas babava. – *Perdon, perdon.* Ah, Sawyer! *Has estudiado para la prueba?* – perguntou, olhando para ela com expectativa.

Sawyer sentiu a vermelhidão tomar conta de seu rosto e mudou o peso de uma perna para a outra. – Hum, *si, señor.*

– *Bueno!* – Um grande sorriso se abriu no rosto do professor Hanson, seus olhos se estreitaram com o esforço.

– Ahmeudeus, o que ele acabou de dizer para você?

Sawyer deu de ombros.

– Para ser sincera, nem faço ideia. Minhas respostas padrão são *si, no*, ou a pergunta-chave: “como se diz cólica menstrual em espanhol?”

Chloe franziu o nariz.

– Eca.

– Eles nunca pedem para você traduzir essas coisas de *sombrero* quando acham que você está com cólica.

Chloe ficou observando o professor Hanson se afastar e entrar na sala do Diretor Chappie.

– Que se dane o francês, vou mudar pro espanhol.

– Você estava fadada a desperdiçar tudo com um franco-canadense, mesmo.

– Você não adora ele?

Sawyer olhou para trás, vendo, de relance, o cabelo escuro do professor Hanson enquanto ele entrava na sala.

– Você não acha que ele é meio ansioso demais?

– Por favor! Metade dos meus professores nem sabe meu primeiro nome. O Hanson, tipo, acabou de se formar, ou sei lá, e ainda está todo cheio de esperanças. Ele ainda acredita na gente. – Chloe piscou docemente.

– Sei.

– Além disso, ouvi dizer que ele deu uma carona pra Libby outro dia.

Sawyer abriu sua mochila.

– E aposto que ela soube agradecer.

Chloe cruzou seus braços, entediada.

– Está tudo certo para amanhã à noite?

– Você está falando da convocação?

– Oooh, convocação. Sinônimo de *vestibular*?

Sawyer riu.

– Minha passagem para fora do inferno suburbano. Deixe eu confirmar com você sobre amanhã depois. Papai e a esposa número 2 devem querer fazer alguma coisa bem educativa e emocionalmente satisfatória que eles leram no livro deles sobre famílias recompostas.

– Ah, mais uma noite esfregando placenta um no outro e cultuando a lua?

Sawyer suspirou.

– Tem certeza que você não quer que eu vá a sua casa ver seus pais sendo agressivos-passivos, evitando um ao outro, enquanto demonstram para você como estão desapontados com as suas escolhas?

Chloe enfiou um pedaço de chiclete na boca e mastigou enquanto pensava.

– Não mesmo. Quarta-feira é dia de frango frito e macarrão-com-queijo-de-legumes. Esse desprazer é todo meu. E eles não são meus pais; Lois e Dean são meus guardiães.

Sawyer inclinou a cabeça e cruzou os braços.

– Não são mais mãe e padrasto amigo?

– Espero que não. Faz mais de uma semana que eu não vejo Dean. E eu estou falando desse negócio de guardião para que Lois finalmente ceda e admita que eu sou adotada.

Sawyer sorriu.

– Tirando o fato de você ser igualzinha à sua mãe.

– Sawyer Dodd, isso é uma coisa horrível para se dizer a alguém.

– É claro. Mil desculpas. Eu retiro o que disse.

– Melhor – Chloe mandou um beijo para Sawyer. – Vou ficar do lado do telefone esperando ansiosamente seu telefonema com os dedos engordurados.

– Vou deixar a ambulância de sobreaviso – disse Sawyer, olhando para trás.

Ela sorriu enquanto observava a amiga saltitar pelo corredor. Pela primeira vez depois de muito tempo, as coisas pareciam normais e leves novamente.

– Com licença – Logan Haas sorriu timidamente para Sawyer e ela deu passagem, abrindo espaço para que ele usasse o armário abaixo do dela. Logan tinha as três piores características que alguém podia ter na escola, pois era magrelo, baixinho e usava óculos, mas Sawyer gostava dele.

– Opa, desculpa – disse ela.

Logan empilhou seus livros, fechou a porta do armário, aceitou de um jeito esquisito para Sawyer e caminhou pelo corredor, olhando para os próprios sapatos. Sawyer virou os números do cadeado na combinação certa e abriu a porta do armário, e espantou-se ao abri-lo. No meio das suas coisas muito bem organizadas, havia um envelope pequeno e cheio, verde-claro. Seu nome estava impresso numa fonte de computador que imitava uma letra manuscrita. Ela pegou o envelope e olhou para trás, para os dois lados; não havia ninguém por perto com o rosto vermelho ou sorrindo, indicando ter deixado o envelope ali.

Ela rasgou o papel para abri-lo e tirou de dentro um cartão no mesmo tom verde-claro com uma minúscula folha de carvalho impressa. Quando ela o desdobrou, uma notícia recortada de um jornal caiu. Sawyer nem precisou ler a manchete para saber do que tratava: “Estudante da região morre em acidente de carro”. Ela engoliu o choro e leu a mensagem no cartão.

Dizia simplesmente:

De nada.

Sawyer sentiu um arrepio percorrer sua coluna. O bilhete estava assinado com “um admirador”, e aquela palavra, *admirador*, a assustou. Seus dedos começaram a tremer e ela jogou o bilhete dentro do armário e bateu a porta, pressionando a testa contra o metal frio.

Não é nada, ela disse a si mesma. *Provavelmente alguém enviou flores... todo mundo mandou flores*. De hora em hora após a notícia da morte de Kevin, aparecia mais um buquê, espalhafatosos, sentimentais, simplórios, com ramos, com fitas brilhantes das cores da Hawthorne High School. Cada buquê fazia Sawyer se lembrar de Kevin – principalmente quando as flores morriam.

De repente, ela passou a detestar flores.

– Tenho certeza de que é isso – murmurou Sawyer.

– Tique-taque, srta. Dodd – o Diretor Chappie deu tapinhas no seu relógio gigante de pulso ao passar, dando seu rugido de diretor e alertando os alunos sobre a hora.

Sawyer jogou a mochila nos ombros e se afastou de seu armário, mas aquela mísera frase – “De nada” – era como uma corda invisível que a puxou de volta. Girou o disco do mecanismo de acordo com sua senha e levou a mão em direção ao bilhete, os dedos sobrevoando o papel como se ele estivesse em brasa. Por fim, pegou o bilhete e o enfiou na mochila, e foi para a aula de biologia.

Chloe apareceu no corredor na metade do caminho para a sala de Sawyer e começou a acompanhá-la. Ela se aproximou.

– Você está horrível – ela sussurrou.

Sawyer engoliu em seco e lambeu os lábios.

– Tinha um negócio no meu armário.

– Tipo um rato morto? – perguntou Chloe.

– Aham – disse o sr. Rhodes de dentro da sala. – Assim que a srta. Dodd terminar a conversa, poderemos começar a aula.

Sawyer olhou do sr. Rhodes para Chloe.

– Tenho que ir.

Chloe foi para a sala dela e Sawyer entrou pela porta aberta e a fechou em seguida, sussurrando desculpas.

– Gentileza sua se juntar a nós, Sawyer. Pode se sentar.

– Desculpe – ela se enfiou na carteira no fundo da sala e pegou o livro de biologia, tentando controlar sua mente, que insistia em vagar sem parar. Ao longo do dia, ela tentou tirar o bilhete da cabeça, mas cada vez que o sinal tocava, seu coração disparava. Ela evitou propositalmente ir a seu armário – o que foi fácil, já que para a aula de oratória não era preciso levar um livro e ela pretendia comprar seu almoço, de qualquer forma –, mas não conseguiu fugir no fim do dia. Assistiu à última aula, fazendo o possível para evitar olhar para o relógio. Mas a cada minuto que se passava, um pavor foi tomando conta dela. Quando o

sinal finalmente tocou, ela demorou a arrumar suas coisas.

Chloe espiou do corredor, apontando a cabeça pela porta, e olhou para Sawyer.

– Meu Deus, Sawyer, as geleiras estão derretendo – ela gemeu. – Vamos!

Sawyer enfiou o último livro na mochila e a colocou no ombro. Seguiu Chloe pelo corredor lotado, e ao se aproximarem dos armários, sentiu um arrepio de ansiedade – ou medo. Tentou se acalmar, pensou na teoria bem estabelecida sobre as flores, mas o bilhete – e sua mensagem – pesavam em sua mente.

– Ei, você está bem? – perguntou Chloe.

Sawyer negou com a cabeça e deu de ombros.

– Você não disse que tinha visto algo?

Sawyer prendeu a respiração, olhando fixamente para o armário. *Será que haveria outro bilhete?* Ela destrancou e abriu o armário, e soltou o ar quando viu que ele estava exatamente como ela o havia deixado: sua pilha bem organizada de livros, dois protetores labiais, uma foto dela com Kevin – e nenhum bilhete.

– Planeta Terra chamando Sawyer.

– Desculpe, Chloe. Estou só... estou só cansada, acho. Não tenho dormido muito bem.

– Achei que seu médico tivesse te dado umas pilulas pra dormir, sei lá.

Sawyer assentiu, trocando os livros no armário pelos da mochila.

– Ele deu, mas se eu tomar uma, eu durmo como pedra.

– Parece o paraíso.

Sawyer revirou os olhos.

– O paraíso com uma dose bem pequena de alucinações junto.

Chloe deu pulinhos.

– Oba, alucinógenos prescritos? Pode contar comigo!

– Aí, eu fico toda mole no dia seguinte.

– Você derrubou algo – Chloe se abaixou e apanhou o envelope verde-claro do chão. – O que é isso?

Sawyer hesitou.

– Não é nada. – Ela pegou o envelope de volta e Chloe ergueu uma sobranceira.

– Rápida no gatilho.

Sawyer mordeu o lábio, e forçou um sorriso descontraído.

– Me liga mais tarde?

– Ligo.

Sawyer se sentiu como uma sonâmbula durante o treino de corrida – e o treinador Carter disse exatamente a mesma coisa. Ela ficou aliviada quando ele finalmente liberou a equipe depois das tomadas de tempo.

– Você está bem, S? – perguntou o treinador Carter enquanto os alunos saíam do campo.

– Sim, desculpe, treinador, eu estava... – Sawyer mordeu o lábio inferior, certa de que o treinador Carter perceberia, veria que ela estava mentindo. — Distraída.

O treinador assentiu.

– Esse não é o seu normal. – Ele abriu um sorriso amistoso e deu uns passos

para trás. – Você vai se sair melhor da próxima vez, certo?

Sawyer retribuiu o sorriso, aliviada, pela primeira vez, por ver que o treinador Carter não ligava para nada além de seu desempenho na pista.

– Claro – disse ela, forçando um sorriso.

Sawyer não entrou no vestiário para se trocar e foi direto para seu carro no estacionamento da escola. Jogou a mochila, com o bilhete bem seguro enfiado no bolso da frente, no assento do passageiro. Seu carro era um Honda Accord azul-escuro novinho, com todos os opcionais. Apesar de ter ficado feliz, não ficou tão empolgada com o automóvel quanto seus amigos. Enquanto eles viam rodas brilhantes novinhas e promessas de liberdade, Sawyer via a última tentativa de paz por parte dos pais – ou de desculpas – enquanto a mãe se mudava para uma cidade a 3.200 quilômetros para comandar um escritório de uma grande empresa, e seu pai e a esposa número 2 se mudavam com Sawyer para a periferia do inferno. Os pais deram o carro a ela como se fosse algo de extrema necessidade. O bairro do pai, com a casa nova como-todas-as-outras, ficava a quinze quilômetros de Chloe, de Hawthorne High e de cada pedacinho de civilização que Sawyer conhecia.

Ela enfiou a chave na ignição, o chaveiro de plástico da Vespa Lutadora balançou, mas não deu a partida no carro. Mordeu o lábio e escutou o coração se acelerar, sentindo a tensão percorrer sua coluna. Ela abriu a mochila e tirou o bilhete, observando-o como se alguma pista nova fosse aparecer de repente. Não aconteceu nada. Respirando fundo, ela tirou o cartão do envelope e o abriu, lendo a fonte que imitava letra de mão de novo.

De nada.

Ela disse as palavras em voz alta, e elas pareceram pre encher completamente o carro, empurrando o ar para fora. Sawyer mordiscou o lábio inferior, olhando para a notícia de jornal e depois para o bilhete. *De nada por quê?*

Ela ouviu o apito do técnico de futebol americano ao longe, sinalizando o fim do treino. Os jogadores, enlameados e suados, começaram a tomar o estacionamento, seus gritos e conversas abafados pelos vidros fechados do Accord. As namoradas vinham atrás, com as animadoras de torcida, que andavam em grupos, conversando animadamente, rabos de cavalo balançando. Os membros da banda levavam seus instrumentos, e atrás deles Sawyer viu um grupo de jogadores de futebol do time do colégio com camisas combinando – vespas verdes, com as palavras “Nunca Vamos te Esquecer” impressas acima de um brilhante número 21 branco e o sobrenome Anderson.

Kevin.

Sawyer desviou os olhos das camisas para o bilhete que segurava. Sua respiração ficou difícil e seus dedos – e o bilhete – começaram a tremer.

Alguém sabia.

Um sedã azul-marinho estava na frente da garagem de sua casa quando Sawyer chegou do treino. Sawyer estacionou atrás dele e saiu, e a noite já começava a cair, envolvendo as casas na escuridão. Ela hesitou ao ver o brilho da ponta de um cigarro ao lado da casa. Ela imaginou que o dono do sedã estava dando uma olhada nas redondezas; era comum compradores em potencial irem checar a “casa modelo” dos Dodd.

– Oi, pai – Sawyer começou –, parece que tem alguém olhando... – Ela parou ao ver as três pessoas que se viraram para encará-la.

Sentiu o estômago embrulhar quando percebeu os olhares sobre ela, observando-a com um olhar que ela começava a reconhecer – e odiar –, de pena e curiosidade, com uma pontinha de frustração.

Os olhos escuros de Sawyer passaram de sua madrastra para o pai.

– O que está acontecendo?

Andrew Dodd olhou para a esposa e pigarreou. Eles estavam sentados no sofá novo, as almofadas intocadas, mas a expressão dos dois era séria. havia um homem no sofá bem em frente a eles, com um caderno de capa de couro sobre as pernas.

– Essa é sua filha? – perguntou o homem.

– Sim – disse Andrew Dodd, que se levantou e foi na direção dela. – Essa é Sawyer. – Ele pôs a mão nas costas da filha e a levou para dentro da sala de estar. – Sawyer, esse é o detetive Frank Biggs.

Frank Biggs era igualzinho ao que se imaginaria de um homem chamado Frank Biggs: tinha bigode e vestia uma camisa de botões e mangas curtas, uma gravata azul manchada e calças de sarja que precisavam ser passadas ou descartadas.

Sawyer apertou a mão dele e ele sorriu, soltando o ar, com forte cheiro de goma de nicotina sabor menta.

– Muito prazer.

– Pai, o que foi?

– O detetive Biggs só quer te fazer algumas perguntas sobre o Kevin. – Andrew pigarreou mais uma vez, evitando olhar para Sawyer. – Sobre o que aconteceu com ele.

– São só algumas perguntas de rotina – disse Biggs, brincando com uma caneta esferográfica preta entre os dedos de falanges cobertas por pelos.

Sawyer assentiu.

– OK. Mas eu contei ao outro policial tudo o que eu sabia. Biggs assentiu e abriu seu caderno.

– Então, você viu o Kevin na noite do acidente, Sawyer?

Ele disse o nome dela como *Só-ia* e a encarou com os olhos castanhos inexpressivos.

– Sim. Eu o vi antes. – Ela tentou controlar a vontade de chorar. – Antes do acidente.

– Você esteve no carro com ele em algum momento?

Andrew suspirou alto.

– Isso é mesmo necessário? Ela já disse que se encontrou com o Kevin e depois voltou para o carro dela.

Sawyer se virou para o pai.

– Está tudo bem, pai.

– Então você estava no carro do Kevin. Até quando?

– Não sei. Nove horas, talvez?

– E estavam perto das colinas.

– Sim.

– Então, você não estava no carro com Kevin quando ele desceu o monte.

Sawyer negou com a cabeça.

– Não. Não, ele tinha bebido. Eu desci sozinha. Posso perguntar por que está me fazendo essas perguntas? O outro policial... ele já me perguntou sobre praticamente tudo.

O detetive Biggs levantou o olhar do caderno.

– Achamos um sapato afundado na lama perto do local do acidente.

– Um sapato?

Biggs assentiu e pegou uma fotografia colorida de um sapato ao lado de uma régua.

– É um sapato feminino, tamanho 36. Que tamanho você usa?

Sawyer ergueu uma sobrancelha.

– Uso 36.

Tara pigarreou do sofá.

– Eu também calço 36, detetive. É um tamanho bem comum para mulheres.

O detetive olhou para ela meneando a cabeça.

– Não estamos fazendo nenhuma acusação, sra. Dodd. Só tentando entender alguns fatos. – Ele se voltou para Sawyer e mostrou a fotografia para ela. – Você reconhece esse sapato?

Sawyer pegou a fotografia.

– Eu tenho um par. Assim como praticamente toda garota de Hawthorne.

– Posso vê-los, por favor?

Ela se surpreendeu.

– Meus sapatos?

– O que pretende, exatamente, detetive Biggs? – perguntou Andrew.

– Estamos trabalhando numa teoria, só uma teoria, de que outra pessoa podia estar com Kevin no carro aquela noite.

Sawyer prendeu a respiração.

– O quê?

– O banco do passageiro estava puxado para trás, espaço suficiente para alguém ter saído pela porta.

– Mas o carro... todo mundo disse que ele ficou destruído. Um passageiro não teria morrido? Ou pelo menos se ferido gravemente? E por que ninguém disse nada? Por que a pessoa não diria que estava no carro?

O detetive Biggs ergueu as mãos grandes.

– Por enquanto ainda é apenas uma teoria. Como eu disse, ainda é só uma teoria, estamos tentando estabelecer os fatos, entender da melhor maneira o que aconteceu naquela noite. O fato de o banco estar naquela posição pode ser apenas uma coincidência. E o sapato enterrado na lama... bem, podia estar no carro antes e ter sido lançado para fora com o impacto, ou talvez estivesse no

acostamento desde antes. Vocês, garotada, passam bastante tempo lá no Hicks. Sempre tem um monte de lixo por lá.

Sawyer sentiu um embaraço estranho, como se o detetive tivesse descoberto o segredinho infame de sua geração.

– Posso ver o sapato, Sawyer?

Sawyer assentiu calada e subiu as escadas, repassando em sua mente a ideia de que alguém poderia estar no carro com Kevin. *Se tinha alguém com ele lá, ela pensou, por que essa pessoa deixou o Kevin dirigir, se sabia que ele tinha bebido?*

Ela remexeu na bagunça do seu armário, revirando sapatos de festa e tênis de corrida. O par em questão – um par de sapatilhas discretas, bem comuns, prateadas – não estava lá. Sawyer se sentou no chão, franzindo a testa. Para descargo de consciência, olhou embaixo da cama, antes de começar a mexer, meio sem esperança, em uma caixa de papelão cheia com uma etiqueta na qual se lia “Sawyer”.

Vinte minutos depois, ela desceu as escadas e deu de ombros.

– Não consigo achá-los. – Sawyer gesticulou em direção à foto que o detetive Biggs havia deixado na mesinha de café. – Mas esses daí não podem ser meus. – Ela lambeu os lábios, esforçando-se para falar enquanto flashes das imagens daquela noite passavam por sua mente. – Eu não os estava usando naquela noite.

O detetive Biggs levou a língua aos dentes e pareceu pensar no que Sawyer acabara de dizer. Ela se pôs em alerta e, de repente, sem entender, começou a se sentir culpada. Quando o detetive finalmente quebrou o silêncio no que pareceu muito tempo depois, Sawyer finalmente conseguiu voltar a respirar.

Biggs estendeu a mão para o pai e a madrastra de Sawyer.

– Desculpe ter perturbado vocês, sr. e sra. Dodd. – Ele apontou em direção a Sawyer. – Vocês têm uma filha muito esperta.

Sawyer viu o pai e Tara apertarem a mão de Biggs, sentindo uma certa frustração por ninguém ter corrigido Biggs, por ninguém ter dito que Tara não era sua mãe. Quando o detetive estendeu a mão para Sawyer, ela o cumprimentou mecanicamente, sem dizer nada. Quando a porta se fechou e ele se foi, Sawyer se mexeu.

– Vou tomar um banho.

– Não quer comer alguma coisa antes? – perguntou Tara.

Sawyer fez que não com a cabeça, sentindo a pressão de... alguma coisa... na boca do estômago.

– Não, não estou com muita fome.

Ela virou de costas para Tara e seu pai, que a observa vam com ansiedade, e jogou a mochila por cima do ombro. Assim que chegou ao quarto, fechou a porta, largou a mochila e enfiou o bilhete em um lugar que ninguém pudesse achar. Então, ligou o chuveiro no nível mais quente que aguentava, como se a água pudesse lavar o último ano de sua vida.

Sawyer estava de pijama, os cabelos enrolados num turbante de toalha, deitada na cama, quando ouviu uma batida no batente. Desviou os olhos da lição de casa de espanhol e viu seu pai.

– Oi – disse ele gentilmente.

– Oi.

Ele entrou e se sentou na beirada da cama de Sawyer, apoiado numa das mãos.

– Ela está tentando, sabe?

Sawyer não disse nada. Continuou mexendo o lápis, apesar de ter parado de conjugar verbos e estar só rabiscando círculos no caderno.

– Eu sei.

– Não é fácil para ela.

Sawyer olhou para ele, expressando revolta no olhar.

– Também não é fácil para mim.

– Eu sei. E a Tara entende isso. Mas é tudo muito novo para ela. Marido novo, casa nova. Filha adolescente nova. É muito pra se lidar. Ela só quer fazer tudo dar certo. Quer que sejamos uma família. Você pode dar uma chance a ela?

Sawyer sentiu os olhos arderem. Rangeu os dentes, apertando os molares até a mandíbula doer.

– Também é meio novo para mim, lembra? Quando ela estava arranjando um marido novo, eu estava arranjando uma madrasta. E uma casa nova. – Ela engoliu em seco, tentando desfazer o nó na garganta. E *perdi minha mãe de verdade*, sentiu vontade de dizer.

Andrew passou a mão pelos lábios e suspirou.

– Mas você é forte, querida. Tara não é como você. Ela precisa de um pouco mais de ajuda.

Sawyer absorveu aquela palavra, *forte*. Quando o casamento dos pais ruiu, as pessoas disseram que ela era *forte*, só porque ela não havia começado a se cortar nem levado uma arma para a escola. Mas ela não era forte. Era fraca, pequena e assustada, e se sentia segura quando Kevin abria os braços para ela, aninhava a cabeça embaixo do queixo dele. Ela se lembrou do subir e descer do peito dele, da primeira vez em que fizeram sexo, a primeira vez, depois de tanto tempo, em que ela não precisou ser forte. No começo, Kevin a protegia.

– Sawyer?

As linhas da folha do fichário começaram a embaçar diante de seus olhos, mas ela se recusou a chorar. Apenas fungou e assentiu com a cabeça.

– Claro, pai. Vou tentar.

Sawyer caiu na cama às 23h30, com o corpo exausto. Mas o sono não vinha. As palavras do bilhete não saíam de seu pensamento, como se pudessem revelar quem era o admirador secreto se fossem lidas com um pouco mais de atenção, se fossem mais analisadas. Perto da uma da manhã, Sawyer finalmente chutou para longe suas cobertas, frustrada, e pegou o bilhete da sua gaveta de calcinhas, onde ela o escondera. Ela leu a mensagem de novo, virou o papel várias e várias vezes na mão, mas nada vinha à mente, nenhuma lembrança ou ideia. Ela estava enfiando de novo o bilhete na gaveta entre uns shorts e uma calcinha fio-dental de lantejoulas que Chloe havia lhe dado de brincadeira quando uma luz iluminou

o quarto. Veio num arco suave, branco-azulado, passando pela porta aberta do banheiro, da mesinha de computador, de seu mural, até chegar em Sawyer. Ela ficou paralisada sob a luz brilhante. Quando a luz foi embora, deixando-a no escuro novamente, seus olhos arderam e a adrenalina correu por suas veias, tensionando seus músculos já doloridos.

– Ah, Deus – Sawyer levou a mão ao peito, sentindo o coração bater forte. – Agora tenho medo de luz.

Riu baixinho ao voltar para a cama, enfiando embaixo das cobertas amontoadas. Quando o arco de luz apareceu de novo, ela se convenceu a se acalmar, a parar de achar que havia algo errado.

– Faróis de carro, sua esquisita – Sawyer disse para si mesma, com a voz rouca e baixa. – Nada de estranho em... – Ela se sentou de uma vez, pulou da cama e caiu de joelhos no carpete. Apoiou as mãos no parapeito e se abaixou, de modo que só seus olhos e o topo da cabeça aparecessem.

Observou a rua.

– Quem estaria dirigindo por aqui a essa hora? – murmurou na escuridão. Não havia vizinhos, visitantes, civilização, só vacas e casas-modelo. Tudo o mais ficava a pelo menos vinte minutos de carro.

Sawyer subiu a cabeça mais um centímetro e olhou para o lado, tentando ver o cruzamento das ruas. Mas lá fora estava totalmente silencioso. Não tinha nenhum vento balançando o que sobrara das folhas do outono, nenhum vizinho com a televisão ainda ligada nem nenhuma luz. Sawyer odiava aquele tipo de bairro. Durante o dia, as casas pareciam alegres e aconchegantes, como se tivesse uma mãe de avental na cozinha-modelo assando biscoitos, os filhos perfeitos prestes a saírem correndo pela porta a qualquer momento. Mas no escuro, aquelas mesmas casas pareciam ostentar seu vazio, e as janelas, que pareciam resguardar a perfeita família americana durante o dia, eram escuras e ameaçadoras à noite. Não se notava som nem movimento – até Sawyer ver um ponto vermelho de soslaio. Era a lanterna de um carro. A outra devia estar queimada, e descia a rua tranquilamente. Se fosse de dia, um único carro não chamaria a atenção de Sawyer; as pessoas estavam sempre passando por ali, fingindo que iam para suas casas novas, ela imaginava. Mas aquela era uma noite excepcionalmente escura, sem estrelas, e sem iluminação pública, não se via nada. A não ser que você soubesse o que estava procurando.

Sawyer se arrepiou e fechou as cortinas. Voltou devagar para a cama, puxando as cobertas até o queixo, olhos bem abertos, focados no teto. Tentou fechá-los, mas em sua mente havia um turbilhão. Ela se virou de lado. Os olhos, já acostumados com a escuridão, pousaram em seu criado-mudo, na pilha de livros que ali estava, e pararam no frasco de remédios tarja-preta enfiado atrás da revista *US* daquela semana. Sawyer suspirou e se virou para o outro lado, fechando os olhos com força.

Em seguida, rolou de volta.

– Não, eu odeio esse negócio – murmurou. – Faz eu me sentir muito doida. – Deitou a cabeça em um travesseiro e cobriu o rosto com outro.

À medida em que seus pais comunicavam as “novas”: divórcio, casas separadas, o papai se mudando para o inferno suburbano, a “chance da vida”

para a mamãe, que se mudou para o outro lado do país, eles começaram a olhar para Sawyer com preocupação. E quando um carro novo e as promessas de “um promissor recomeço” não a fizeram sorrir – nem dormir –, o dr. Johnson entrou em cena, com uma hora por semana de “E como você se sente com isso?” e, finalmente, o antidepressivo trazodona.

Depois de se revirar por mais vinte minutos, Sawyer foi ao banheiro, encheu um copo de água e tomou uma dose do remédio.

– Só pra eu conseguir dormir um pouco – murmurou para seu reflexo de olhos fundos. Então, ela voltou para a cama e caiu num sono pesado, pouco revigorante.

TRÊS

Chloe alcançou Sawyer e as duas atravessaram o corredor da escola na manhã seguinte.

– Então, você não deu notícias ontem.

Sawyer arrumou as alças da mochila, os olhos fixos nos próprios sapatos.

– Desculpe. Eu estava ocupada.

– Seu pai e Tara estavam uivando para a lua, ou algo assim, metafisicamente estranho?

Sawyer pensou no sapato encontrado, no detetive Biggs sentado na ponta do sofá.

– Um detetive foi à sua casa?

Chloe parou e se virou para Sawyer.

– Hein?

– Esquece.

– Um detetive? Não. Nunca. Mas o Departamento de Narcóticos foi desmantelar o laboratório clandestino do meu vizinho, certa vez. – Ela balançou a cabeça. – Coisa da polícia federal. Sempre tentando acabar com os pequenos empresários. Ei!

Ela se esticou e beliscou Sawyer no braço.

– Ei! Ai!

– Você não está nem me ouvindo.

– Ouvi sim, Narcóticos.

– Foi engraçado. Você nem riu.

Sawyer forçou-se a abrir o maior sorriso que conseguiu.

– Eu só estou com muita coisa na cabeça.

– Então, esvazia. – O último sinal tocou e Chloe deu de ombros, com a mão na maçaneta da porta da sala de inglês. – Até mais.

* * *

Já estava escuro quando Sawyer chegou a Blackwood Hills. Os dias estavam ficando mais curtos, e embora ela normalmente gostasse dos dias agradáveis do outono, a escuridão tomava toda a região de casas vazias com uma atmosfera assustadora. Seu pai sempre prometia que os postes de iluminação, que agora se erguiam como mãos frias e rígidas em direção ao céu seriam acesos em breve. *Em breve*, Sawyer pensou, provavelmente seria quando alguma outra família se mudasse para o bairro.

Naquele momento, os faróis de Sawyer só quebravam um pouco a escuridão,

ainda mais intensificada pelos vapores que subiam do asfalto novo. Era aquele o problema de se morar numa cidade que se dizia “vizinha ao mar”. Não dava vista para o mar, mas tinha a cerração que vinha do oceano e, às vezes, aquele cheiro de água suja.

Sawyer avançou pelas ruas escuras, suspirando enquanto passava pelas várias casas vazias. A casa dos Dodd foi a primeira a ser ocupada, apesar de se localizar no fim do bairro. Ela ficava num leve declive, e quando o resto das casas estivesse ocupada, eles teriam uma bela vista das luzes brilhantes com quilômetros de ciprestes além. Os panfletos chamavam Blackwood Hills de um “um oásis no meio da floresta”. Sawyer o chamava de lugar irritantemente distante da civilização e assustador quando anoitecia.

A luz da varanda estava acesa na frente da residência dos Dodd, e Sawyer desbravou o caminho pelo chão pedregoso, cheio de sujeira, um labirinto de bandeiras de sinalização e calçadas que ainda estavam só pintadas no chão. Ela enfiou a chave na porta, abriu-a com o pé e deixou a mochila no piso de mármore da antessala.

– Cheguei.

Sua voz ecoou pela casa vazia, rebatendo no teto de seis metros de altura e pela nova parede de gesso.

– Pai? Tara?

Sawyer esperava um fuzil de balões azuis, ou rosas, ou – pelo amor de Deus, não! – dos dois, mas não havia nada além dos restos encaixotados de sua vida antiga junto com os presentes de casamento dos seus pais e coisas alegres do bebê. Ela deu uma topada numa girafa molenga e passou por cima das caixas, acendendo as luzes da cozinha.

– Olá?

Sawyer se assustou, escutou o batimento acelerado do coração ao ver o bilhete na mesa da cozinha, encostado em uma garrafa de cidra. Levou a mão ao peito e deu uma risada estranha quando reconheceu a caligrafia caprichada de seu pai no papel.

– É uma menina! – Ela leu em voz alta. – Pense só nas coisas que você vai poder ensinar para sua nova irmãzinha. Tara e eu saímos para comemorar. Tem pizza na geladeira. Com amor, de seu sempre orgulhoso Papa. Papa? – Sawyer resmungou, dobrou o bilhete e olhou para a cidra. – Genial.

Sawyer abriu o celular e andou de um lado a outro da cozinha que parecia industrial, olhos grudados na tela do telefone. Equilibrou-se em um dos pés perto da janela e então subiu no balcão de granito, procurando sinal de celular. Soltou algo parecido com um resmungo e pegou o telefone fixo da parede.

– Que tipo de lugar não tem sinal de celular? – disse ela assim que Chloe atendeu. – O Inferno, Calcutá e Blackwood. Aliás, corrigindo, acho que Calcutá já tem cabos de fibra óptica.

– Então, convo... espera, do que você chamou?

– Convocação – Sawyer sorriu. – Não é você a inteligente?

– Não, eu sou a desorganizada que vai ganhar uma bolsa pelas suas façanhas nos textos e deixar todo mundo no camping de trailers bem orgulhoso.

Sawyer se recostou na parede.

– Orgulhoso?
– É coisa do vestibular. As meninas da sua quebrada não entenderiam. Então, vamos fazer alguma coisa ou não?

Sawyer fez um bico.

– Acho que não. Eu tenho cidra e, pelo que parece, uma irmãzinha.

– Cidra? – Chloe gaguejou ao telefone.

– E uma irmãzinha a caminho.

– E eles esperam que você faça um brinde à criaturinha mutante com cidra?

– Não acho que ela vai ser mutante. A Tara é linda – Sawyer olhou em volta da cozinha organizada em estilo sustentável, em tons de verde. – E tão certinha em relação ao meio ambiente.

– Tá – Chloe falou, mexendo em celofane do seu lado da linha. – Sabe o que vai bem com cidra?

– O quê? – Sawyer perguntou, enchendo uma tigela tamanho família de cereal e subindo no balcão de granito.

– Cerveja.

Sawyer torceu o nariz, mastigando o cereal.

– Parece nojento.

– Quer que eu vá aí? Se eu sair agora, chego terça que vem. Sawyer franziu a testa.

– Não, obrigada. Não estou muito boa companhia agora. Podemos convocar semana que vem?

– Uau, convocar?

– Acho que acabei de inventar isso. Enfim, acho que só vou comer minha pizza de comemoração depois do cereal, tomar um banho e aceitar o fato de que vou bombar em espanhol.

– *Que bueno*. Tenha uma ótima noite onde Judas perdeu as botas.

– Não vai deixar seu trailer enferrujar.

Sawyer deixou sua tigela na pia e vestiu a calça do pijama, acendendo todas as luzes por onde passava. Apesar de ser nova, a casa dos Dodd fazia um monte de barulhos estranhos, que deixavam Sawyer com medo. Ela ligou a televisão e aumentou o volume, deixando as trilhas de risadas e os diálogos falsos de família preencherem a casa vazia.

* * *

O resto da semana passou sem grandes acontecimentos novos, sem nenhum bilhete novo e Sawyer permaneceu atolada em uma montanha de inscrições para faculdades e provas de meio de semestre. Então, quando a porta da sala de espanhol se abriu na sexta-feira seguinte, Sawyer estava muito concentrada nas conjugações verbais em espanhol e não se virou para olhar.

– Telegrama florido!

Sawyer sentiu um aperto no peito, lembrando-se do ano passado, do monte de cravos para arrecadar dinheiro. Ela e Kevin tinham acabado de começar a namorar, e ele a encheu de flores, uma dúzia em cada aula, buquês de flores rosas e brancas, cada um com uma mensagem especial: *Eu te amo, Você é linda*. Agora, as flores estavam espremidas numa caixa de papelão com uma etiqueta “Sala da Sawyer”, do lado do bilhete que ela pensou que era seu preferido – um coelho engraçadinho desenhado em uma folha de fichário com as palavras *Eu nunca vou machucar você* impressas. Sawyer engoliu em seco e escondeu seus olhos marejados atrás do livro.

Maggie era a líder do fórum de arrecadação de dinheiro, e estava entrando na sala, sorrindo em meio aos cravos perfumados, seus subordinados ao lado, com os braços cheios de botões de flores.

– Professor Hanson, alunos do último ano. Como todos sabem, nosso programa de telegramas floridos não serve apenas para levantar o espírito escolar e o das pessoas...

– Acho que meu almoço está querendo voltar – alguém murmurou.

Maggie lançou um olhar cortante.

– Como eu estava falando, esses telegramas floridos levantam o espírito e o dinheiro para a formatura. Então, se você for um dos poucos que não receber uma flor hoje, ainda há três dias para receber a sua. – Maggie sorriu de um jeito encantador, digno de miss, e apertou os olhos na direção de Sawyer. – Ou então, mande uma para você mesmo. Ninguém além de mim e de você vai saber, e é por uma boa causa.

Sawyer revirou os olhos e voltou para o verbo *brincar*.

– Agora, sem mais delongas, seus telegramas floridos.

Maggie pigarreou e começou a ler os nomes enquanto seus ajudantes andavam pela sala, entregando flores e cartões sentimentais amarrados com fitas que pendiam como folhas.

Maggie fez uma pausa, e pareceu engasgar no nome seguinte.

– Sawyer Dodd. – Ela disse com os lábios tortos, sem nem tentar disfarçar o desdém na voz. – Duas flores.

Um ajudante de Maggie colocou duas flores na mesa de Sawyer sem olhar para ela. Sawyer baixou o livro de espanhol. Parecia que a sala toda havia caído em um silêncio curioso – e acusador. Se o namorado de Sawyer estava morto, seus olhares pareciam dizer, quem mandaria flores?

Sawyer abriu o primeiro bilhete com os dedos trêmulos. Será que seu admirador se revelaria – para explicar a mensagem misteriosa?

“Para Tom Sawyer - subindo o rio. Todo o meu amor, Huck Finn.”²

Ela sentiu o sangue voltar a circular e sorriu. Chloe era o Huck Finn de Sawyer – e Sawyer havia pintado mais que algumas cercas para ela, como na história em questão –, e apesar de a brincadeira do “rio acima” não ser nova, sempre fazia com que ela sorrisse.

Confiante agora, Sawyer pegou o segundo bilhete e o abriu sobre a carteira.

Seu sorriso desapareceu.

Querida Sawyer...

Você tem um sorriso lindo, mas eu não o vejo o suficiente. Talvez a gente pudesse mudar isso se você aceitasse sair comigo.

- Cooper

Sawyer virou sua cabeça para a direita, encontrou o rosto enrubescido de Cooper Grey enquanto ele pegava uma caneta e começava a rabiscar, muito concentrado, em seu caderno.

Cooper era novo na Hawthorne High – transferido de Kentucky ou Kansas, e tinha um sotaque meio lento, sensual. Um corpo musculoso. E um sorriso tímido que Sawyer via com frequência pelo canto do olho. Ele e Sawyer se sentavam um do lado do outro, mas nunca conversavam.

Sawyer engoliu em seco e tocou no braço de Cooper bem quando o sinal soou. O corredor entre as carteiras se encheu de alunos se empurrando para sair da sala.

– Ei, ei, ei! – o professor Hanson gritou, balançando as mãos como duas mariposas. – Provas. Peguem as provas antes de sair.

Sawyer guardou as coisas lentamente de maneira proposital. Apesar de Cooper parecer ser bonzinho, sair com alguém era a última coisa em que estava pensando agora. Ela queria falar isso para ele com calma e privacidade, mas assim que se virou, a sala estava vazia, e ele também tinha ido embora.

Sawyer colocou a mochila nos ombros e foi parada na saída da sala pelo professor Hanson, que segurava o que ela acreditava ser sua prova de espanhol enrolada na mão. Ele bateu o rolo na mão uma vez, e o entregou para Sawyer.

– Sua prova. – Foi quase uma pergunta, e na hora, Sawyer ficou em dúvida se queria mesmo pegar a folha. O professor Hanson era bonito, tinha cabelos escuros com mechas que caíam do alto da testa e sobrancelhas que ele erguia de um modo curioso. Sawyer não sabia dizer bem o porquê, mas as sobrancelhas erguidas do professor, somadas aos olhos castanhos a incomodavam. Ela manteve a mochila firme no ombro e olhou para o fundo da sala, para a porta, para as fileiras de carteiras abandonadas atrás dela. Finalmente, olhou para o papel nas mãos dele.

– Essa é a minha?

– Sabe, Sawyer, estou preocupado com você. – O professor Hanson entregou a prova, e ela engoliu em seco.

– Quarenta e sete por cento?

Ele abriu um sorriso simpático, pôs a mão no ombro dela e apertou levemente. O movimento espalhou um calor por seu corpo, e ela tentou imaginar se teria como escapulir sem parecer grossa demais.

Mas, então, ela pensou no dr. Johnson.

O dr. Johnson era o terapeuta pau-pra-toda-obra do pai dela, que cuidava de todos os traumas de adolescência. Vai se divorciar? Deixe seus filhos no terapeuta. O namorado da filha morreu? Terapeuta. Notas caindo, menina

desorientada, matando aula? Terapeuta, terapeuta, terapeuta.

– Sinto muito por isso – disse ela balançando a prova. – Vou melhorar. Sei que vou me sair melhor da próxima vez. Mas talvez eu possa fazer algum trabalho extra para ajudar? Quero muito melhorar minha nota.

– Melhorar a nota? – As sobrancelhas do professor Hanson se ergueram. – Acho que podemos pensar em algo.

– Obrigada. Eu só... eu preciso muito ficar, no mínimo, com B de média final nesta matéria.

O professor Hanson subiu a mão pelo braço dela, traçando um círculo em sua pele com o polegar. O toque causou uma tensão, como um choque – Sawyer imaginou uma enguia serpenteando entre pedras – e sua pele se arrepiou.

– Oh – disse o professor Hanson, esfregando os dois braços de Sawyer. – Você está morrendo de frio.

– Não – disse ela, dando um passo para trás. – Estou bem. – Ela tirou a mochila do ombro, colocando-a entre ela e o professor. Deu um passo para a frente.

– Eu preciso ir embora.

– Sabe, Sawyer, sua nota está caindo muito, você não é assim.

– Eu sei, eu...

– Eu sei que você teve um mês muito difícil.

Sawyer assentiu com a cabeça, sentindo os olhos marejarem. Ela estava brava, estava morrendo de medo; e nem sabia do quê. Mas não começaria a chorar, ela disse para si mesma. Já tinha passado tempo demais caindo no choro em momentos inoportunos. Rangeu os dentes e cerrou os punhos, e as unhas marcavam meias-luas nas palmas de suas mãos.

– Não quero ser o malvado. Eu sei que você deve estar bem triste e confusa.

Os olhos do professor eram escuros, um tom forte de castanho. Quando ele tentou tocar o rosto de Sawyer, ela se esquivou – em sua mente, pelo menos. Seu corpo estava rígido, os pés plantados firmes no chão.

– Talvez até um pouco solitária. – Ele sorriu gentilmente. – É normal. Eu perdi alguém também, então entendo. – Ele puxou a folha dos dedos dela. – Mas uma faculdade pode não ser tão compreensiva. Eles são estranhos. O pessoal de lá não vai saber que você é uma garota inteligente e talentosa.

Sawyer endireitou a coluna.

– Professor Hanson, eu...

– Eu quero ajudar você. – Ele colocou a prova de lado, na mesa dele, tirou a mochila dos dedos enrijecidos de Sawyer e colocou-a de lado também.

– Acho que consigo melhorar minha nota se estudar um pouco mais. – Ela deu um passinho para trás. – Vou fazer isso. Quer dizer, eu sei que consigo... se eu... estudar mais.

A mão do professor Hanson escorregou do cotovelo dela, as pontas dos dedos dele traçaram um caminho em sua pele, deixando-a arrepiada. Ele sorriu.

– Não precisa ficar com medo de mim. Eu ajudo muitos dos meus alunos.

– Oh. – Sawyer começou a raciocinar. *Todo mundo adora o professor Hanson*, ela pensou, *ele só está sendo legal. Pare de ser tão maluca*. Ela forçou uma risada que saiu alta demais, forte e estridente demais na sala vazia.

– Você quer que eu te ajude? Só vai demorar um minuto. – Ele pegou a versão para professores do livro de espanhol e ela imediatamente relaxou, sentindo-se envergonhada, de repente.

Viu? Ele é professor. Para. De. Agir. Como. Uma. Maluca. Sawyer assentiu devagar, tentando agir e falar de modo casual. Ela mudou o peso de uma perna para a outra.

– Claro. Obrigada.

O professor Hanson puxou uma cadeira para Sawyer e a guiou até ela. Ela se sentou e ele deslizou a prova diante dela. Ele se inclinou para a frente, com uma mão em seu ombro, a outra sobre a mesa.

– Está vendo aqui? – Ele apontou e Sawyer fez que sim com a cabeça.

– Deveria estar escrito *nosotros* – respondeu ela devagar.

– Certo. – Ele apertou o ombro dela. – Viu? Provavelmente foi só falta de atenção. Agora, e essa? – Ele apontou para algo mais para baixo na página e Sawyer se curvou para ver de perto, e ele passou os dedos por suas costas até chegar na base da coluna. Começou a traçar pequenos círculos com o polegar e Sawyer engoliu em seco, o coração acelerado. Cada músculo de seu corpo gritava que tinha algo terrivelmente errado ali, mas quando ela se virou para olhar para o professor, viu um sorriso aberto e o rosto gentil.

Ele está me ajudando, Sawyer disse para si mesma, engolindo em seco. *É só isso.*

– Sei que você consegue entender isso. Você é uma garota inteligente. – Ele piscou. – Não é só um rostinho bonito.

Sawyer olhou para o relógio e empurrou a cadeira para trás.

– Eu preciso mesmo ir embora. Hum... obrigada, err, por me ajudar.

– É só isso que eu quero, Sawyer. Ajudar. – Ele abriu os braços para um abraço, e Sawyer se sentiu extremamente tola.

Ela o abraçou e sentiu os braços dele envolvendo-a, um aperto rápido, inocente.

Viu? Inocente. Pare de ser uma maluca assustada com tudo.

Mas ele manteve o abraço e encostou os lábios na orelha dela. Seu hálito era quente e úmido.

– Estou sempre aqui para ajudar – ele sussurrou.

Ela o abraçou um pouco mais forte e Sawyer perdeu o equilíbrio, tombando para a frente. Encostou o rosto no colarinho da camisa polo Lacoste. Tentou se endireitar, se afastar do professor, mas ele ainda a abraçava.

De repente, Sawyer só queria se afastar. Era irracional e mal-educado, ela pensou, mas se sentiu sufocada, acuada e desconfortável. Poderiam ter se passado seis minutos ou seis segundos – Sawyer não sabia ao certo –, mas o cheiro do professor Hanson, de cigarro, colônia e suor, a sufocava e ela rangeu os dentes, mordendo forte seu lábio. Sentiu o gosto de sangue na boca bem quando sentiu os dedos do professor escorregarem de suas costas para o cóis da calça jeans, chegando aos bolsos de trás da sua calça.

Ele não sabe, ele não sabe, ele não sabe, ela gritava mentalmente. *Ele não sabe que está me tocando.*

Ela tentou recuar, o corpo todo tenso, mas ele não a soltou. Finalmente, ela

apoiou as mãos no peito dele e empurrou.

– Professor, eu tenho que ir. Tenho que ir agora mesmo.

– Do que você está falando? Você veio até mim. – Sua respiração estava ofegante, abafada pelos cabelos dela, e Sawyer parou, sentindo a ansiedade aumentar. *Ela foi até ele. Ele só queria ajudar.* Sua cabeça começou a girar. *Ele estava tentando ajudar... certo?*

Ele pressionou o corpo contra o dela mais uma vez, a fivela do cinto em sua barriga, e ela teve uma sensação ruim. Horror – e raiva – tomaram conta dela.

– Não! – Ela agarrou a camisa dele e levantou o joelho, forte e rapidamente, pegando-o desprevenido, acertando-o entre as pernas. O professor Hanson gemeu e se dobrou para a frente, agarrando o rabo de cavalo dela. Sawyer cambaleou, fazendo uma careta ao escutar os fios de cabelo se soltando enquanto o professor a puxava. Ela o empurrou para longe de novo, com as mãos em garras, as unhas raspando o rosto dele, deixando uma marca vermelha terrível em suas bochechas.

– Jesus, Sawyer!

– Fique longe de mim! Eu tenho spray de pimenta! – Ela segurou a mochila na frente do corpo como um escudo, procurando às cegas no bolso da frente enquanto continuava olhando para o professor. Ele ergueu as mãos e riu, e o som desencadeou um calafrio em cada veia de Sawyer.

– Não sei o que você está pensando. Eu só estava oferecendo ajuda com a sua lição de casa.

Ela atravessou a sala em três passos grandes e abriu a porta.

– Sinto muito se você entendeu errado.

Sawyer balançou a cabeça, tentando não chorar.

– Não, eu não entendi errado, você... você...

O professor cruzou os braços e recostou-se na mesa. Ele esboçou um sorriso – Sawyer não soube dizer se era de gentileza ou malícia – e ergueu uma sobrancelha. Ela sentiu o calor do rubor no rosto, e um tufo de cabelo caiu de seu rabo de cavalo, pairando diante de seus olhos. Mas o professor Hanson parecia calmo, sossegado. Sawyer recuou, o coração martelando em seu peito.

– Você... você fez.

Ela tentou se lembrar com clareza, mas os fatos já estavam confusos.

Kevin sempre dizia que ela exagerava. Dizia que ela era sensível demais, que sempre levava as coisas para o lado errado. Talvez essa fosse uma dessas vezes?

Sawyer olhou para o professor através dos cabelos.

– Agradeço por ter pedido ajuda com a lição de casa, Sawyer, mas acho que você deveria ir embora, o prédio já está quase vazio. – Ele inclinou a cabeça, contraindo os lábios em um sorriso discreto. – Nunca se sabe o que a gente pode encontrar lá fora, quando escurece.

Sawyer olhou para o corredor apagado e de volta para o professor Hanson. O sorriso dele ganhou contornos sinistros, os olhos brilhavam de forma desafiadora. Ela se apressou pelo corredor, os saltos das botas batendo no linóleo e fazendo um barulho agudo, que ecoava pelas paredes e em seus ouvidos. Ela só voltou a respirar quando saiu pelas portas duplas que davam para o jardim da escola. Olhou para o céu que escurecia, então se agachou, mãos nos joelhos, lágrimas

escorrendo por seu rosto, pingando de seu queixo.

– Sawyer? – Logan chamou de modo gentil. – Você está bem?

Ela se endireitou rapidamente, usando as costas da mão para enxugar o rosto. Fungou, forçou um sorriso e disfarçou um soluço.

– Logan, oi. – Ela viu a preocupação sincera naqueles olhos de cocker spaniel, e abriu a boca, mas parou ao se lembrar do olhar gélido e o sorriso desafiador do professor. A sensação era de que ele a envolvia, como se ainda sentisse a respiração dele em seu pescoço. Era como se ainda sentisse o toque dele.

– Estou bem, obrigada. É só que...

– Eu sei – disse ele suavemente.

Sawyer sentiu o estômago revirar.

– Você sabe?

– Kevin.

– Kevin? – Sawyer parou um instante e então balançou a cabeça, concordando. – Certo, Kevin. – Procurou afastar a culpa que sentia por usar Kevin como desculpa, por usar o que havia acontecido a Kevin para disfarçar. Ela procurou a chave do carro dentro da mochila. – Preciso ir. Eu não tive treino. Meus pais devem estar preocupados. – Sabia que estava falando demais, mas era bem confortável falar sobre coisas normais.

O ranger alto das portas duplas se abrindo atrás dela a fizeram parar, e seu coração pareceu descer pelo peito até seus já fraquejantes joelhos.

– Sawyer Dodd. Justamente a jovem que eu estava procurando. – A voz do professor Hanson, leve, inalterada, percorreu Sawyer como um veneno abrasador, e ela ficou tensa, alerta. Não se virou para olhar para ele. Escutou Logan procurar algo em sua mochila, pegar algo envolto em celofane, e tudo começou a acontecer em câmera lenta, e mesmo os ruídos mais simples e irrelevantes – a embalagem se abrindo, Logan mastigando – tornaram-se subitamente ensurdecedores.

– Opa, oi, Logan.

Sawyer não precisou olhar para saber que o professor estava sorrindo para ela. Podia sentir seu olhar, sua respiração cobrindo cada centímetro dela.

– Oi, professor Hanson. Quer um? – perguntou Logan, estendendo um pacote de bolachas de manteiga de amendoim.

– Não, obrigado. Sou alérgico a amendoim, lembra? E na verdade, eu estava procurando Sawyer. Ela esqueceu a prova de espanhol dela. Devia estar com muita pressa de ir embora hoje.

– Desculpe. – A voz de Sawyer soou robótica, automática, e ela se virou lentamente, mas manteve os olhos fixos nos sapatos do professor. – Eu estava com pressa.

O professor Hanson estendeu a prova e ela a pegou entre os dedos polegar e indicador. Ele só soltou o papel quando ela olhou em seus olhos inexpressivos, observadores.

– Por que não vamos à minha sala para conversar?

Ela foi tomada por uma onda de raiva.

– Não – disse ela rapidamente, e sentiu os joelhos tremerem. Uma gota de suor escorreu entre seus seios e ela ouviu Logan morder outra bolacha,

mastigando alto. – Eu prometi uma carona ao Logan e já o fiz esperar demais. – Ela agarrou a prova com a mão esquerda e segurou o punho de Logan com a direita. Logan levantou rapidamente, os olhos bem abertos, surpresos, o pacote aberto rolou por seu colo. – Desculpa, Logan. Eu te levo em casa agora. Meu carro está no estacionamento.

Sawyer correu escada abaixo puxando Logan. Finalmente, ele se soltou e parou.

– Eu não pedi para você me levar em casa. Eu posso pegar o ônibus. Ele chega aqui às 15h50.

Sawyer olhou para trás e viu o professor ainda de pé, em frente às portas duplas, com um sorriso suspeito.

– Ainda falta quase uma hora. Você vai ficar esperando aqui sozinho. Eu posso te levar. Não me custa nada.

– Eu preciso ir para o trabalho. Eu trabalho no Mercado Cassini – Logan parecia surpreso. – É bem fora de mão.

– Você está com sorte. Eu vou para bem fora de mão. Além disso, eu gostaria de ter companhia.

Logan parou, pensando.

– Então acho que tudo bem.

– Então, pronto – Sawyer enfiou a chave na porta, de costas para o professor. Ela não queria se virar e olhar. Disse a si mesma que não iria virar e olhar. Jogou a mochila dentro do carro, afivelou o cinto de segurança e deu uma olhada, com o canto do olho, enquanto dava a partida no carro. O professor Hanson não estava mais no topo da escada.

Por algum motivo, isso não fez Sawyer se sentir nem um pouco melhor.

– Carro legal. Normalmente, eu só gosto dos clássicos, mas este é bem bacana. – A voz de Logan chamou a atenção de Sawyer, que girou a chave e pisou no acelerador, fazendo Logan se segurar no assento.

– Desculpe – ela murmurou.

– Eu não a culpo por querer sair correndo daqui. – O sorriso dele era grande e meio abobado.

Sawyer sorriu, sentindo-se à vontade, de repente, ao sair do estacionamento, deixando a Hawthorne High para trás.

– Você sempre espera quase uma hora para pegar o ônibus?

Logan ficou olhando tanto tempo pela janela que Sawyer achou que ele nem tinha ouvido a pergunta.

– Não – disse ele finalmente. – Só quando eu perco o das 14h47.

– Ficou preso na sala, ou algo assim?

– Algo assim.

Sawyer mordeu o lábio inferior.

– Posso te perguntar uma coisa, Logan?

Ele deu de ombros.

– Acho que sim.

– Por que você está usando as roupas de educação física? Eu podia jurar que vi você de jeans mais cedo.

Ela viu um músculo na mandíbula de Logan tremer, e então parar.

– Eu... – Ele hesitou, respirou e começou de novo. – Eu estava de calça jeans. Ela está molhada.

Sawyer ergueu as sobrancelhas e Logan se virou em seu assento, com olhos bem abertos.

– Não, não, nada disso. Eu não me mijeí nem nada disso. Eu... eu meio que cai na fonte.

– A fonte da escola? Como alguém “meio que” cai na fonte? Tem um muro de um metro e meio em volta dela.

Logan olhou para ela fixamente.

– Pergunta para o time de futebol americano.

Eles ficaram em silêncio até o carro de Sawyer sair da cidade e entrar na rodovia.

– Então, você trabalha no mercado?

Logan assentiu, e passou a pontinha da língua no lábio inferior.

– Meu irmão me arranjou o trabalho ano passado.

– Ah, ele trabalha lá também?

– Ele trabalhou enquanto estava na escola. Agora, ele é policial.

– Ele estudou na Hawthorne? Acho que não me lembro dele.

Logan se virou para olhar Sawyer bem de frente.

– Stephen Haas?

Sawyer entreabriu os lábios, surpresa.

– Stephen é seu irmão? – Procurou disfarçar a reação.

– Não precisa esconder seu espanto. Ninguém percebe. Não somos exatamente... – Logan olhou para baixo, para suas pernas finas, e balançou os braços magros – ...parecidos. Bom, ele é policial agora. Pode pegar essa saída. – Logan fez um muxoxo. – Hum, Sawyer, por que você quis me dar carona hoje? – Ele deu uma risadinha, como se risse de si mesmo e também demonstrasse um pouco de esperança.

– Afinal, eu sei que você não gosta de mim. Não somos exatamente amigos.

Sawyer se virou e olhou para Logan, cabeça baixa, olhando para as mãos no colo.

– Poderíamos ser. Eu só estava tentando ser legal. – Mas o tom de voz de Sawyer não convenceu nem ela mesma.

– Ninguém é legal no colégio.

Sawyer sorriu e ligou a seta.

– Aqui à esquerda, certo?

– Certo, esquerda. – Ele riu, e parou. – E o professor Hanson?

Sawyer sentiu o estômago revirar, e engoliu uma saliva amarga.

– O que você quer dizer?

– Ele sabe ser um baita idiota, né?

Sawyer arregalou os olhos, e sentiu aquele calor bem familiar subindo por suas costas.

– Ele ameaçou me reprovar só porque não gostou do meu sotaque.

Sawyer queria que seu sotaque fosse a única coisa em que seu professor estivesse interessado.

– É aqui que você fica, né?

Logan olhou para cima enquanto Sawyer parava o Accord no estacionamento do Mercado Cassini.

– Ah, sim – Logan ajeitou sua mochila e olhou para Sawyer, como se ele quisesse se certificar de que ela realmente estava ali, de que realmente havia lhe dado uma carona até o trabalho. – Muito obrigado, Sawyer. Até amanhã, na escola.

Sawyer contraiu os lábios e acenou só com os dedos antes de engatar a marcha do carro para partir pela estrada em direção a Blackwood Hills. O sol se espalhava no horizonte, lançando sombras sobre seu carro quando ela finalmente chegou ao bairro. O que restava do pôr do sol iluminava as janelas das casas-modelo, dando a elas uma aparência aconchegante, e até parecia que elas estavam habitadas, uma contradição ao uivo do vento, o tremular das bandeiras nas quais se lia *Novas casas aqui!*

Andrew Dodd estava no balcão de granito, picando salsão em pequenos “C”s muito precisos, quando Sawyer entrou. Ele olhou para a filha, sorrindo.

– Bem, aqui está a irmãzona!

Sawyer lambeu os lábios e tentou sorrir, tentou afastar as lembranças do professor Hanson.

Ela estava exagerando.

Aquilo não tinha sido nada.

Ela teria que vê-lo amanhã de novo.

O estômago de Sawyer se revirou com esse último pensamento e o pai parou de sorrir.

– Algo errado, querida?

Sawyer chacoalhou a cabeça e pigarreou.

– Não, nada. É que... foi um dia longo. – Ela roubou um pedaço de salsão e mastigou devagar. – Então, cadê a nossa pequena incubadora?

Andrew apontou com o queixo na direção da porta, por onde Tara, grávida, rosto rosado e as mãos cheias de ervas recém-cortadas, estava entrando. A madrastra de Sawyer tinha olhos bem azuis emoldurados por cílios supercompridos e um nariz de fadinha, que fazia uma curva para cima na ponta. Seus cabelos, na altura dos ombros, estavam graciosamente despenteados e dourados, fazendo Sawyer conscientemente ajeitar seu próprio rabo de cavalo de cabelos ralos.

– Oi, Tara.

Tara abriu um sorriso que iluminou seu rosto.

– Sawyer! Estou tão feliz de você estar em casa! – Ela atravessou a cozinha com passos curtos e desajeitados e deixou as ervas sobre a tábua de cortar de Andrew. – Seu pai e eu queremos sua ajuda com nomes de menina. – Ela passou a mão sobre a barriga protuberante, ainda sorrindo. – Meus alunos já têm me dado algumas ideias. – Tara era professora de biologia ambiental na Faculdade de Crescent City.

– Mas a lista de nomes que eles deram têm basicamente os mesmos nomes que esses programas sobre donas-de-casa – Andrew entrou na conversa. – David realmente é nome de garota hoje em dia?

O sorriso de Tara ainda estava aberto, inalterado.

– Você acredita que vamos ter mais uma garota na casa? Sawyer sentiu uma sensação estranha, incômodo, ciúmes, não tinha certeza. Queria sair correndo, bater a porta novinha de seu quarto, se enfiar debaixo das cobertas e cobrir a cabeça. Ela sabia que se sentiria bem com o cheiro de sabão tão familiar; Sawyer lavava a roupa com a mesma marca de sabão que a mãe usava, recusando-se a usar a porcaria ultraorgânica, feita-de-pôr-do-sol-e-hippies da Tara. O cheiro de limpeza do produto químico a acalmava e reconfortava; enrolada nas cobertas com os olhos bem fechados, Sawyer quase conseguia acreditar que sua mãe não havia ido embora.

– Mal posso esperar para comprar todas aquelas coisinhas cor-de-rosa – disse Tara, muito feliz.

Sawyer engoliu em seco, tentando afastar o sabor amargo das palavras em sua garganta. Ela olhou para o rosto meigo de Tara e para o do pai, tomado de afeto; contraiu os lábios em um sorriso discreto, porém convincente; e assentiu com a cabeça.

– Claro, vai ser divertido.

– O jantar estará pronto em meia hora – disse Andrew.

– Sabe, não estou com muita fome.

O rosto de Tara se fechou.

– Hoje não é o dia da sua corrida longa? Você precisa comer, Sawyer.

– O treino foi cancelado por causa da chuva. – Ela apontou para trás. – Acho que vou tomar um banho de banheira. Eu desço e como alguma coisa mais tarde, tudo bem?

Tara abriu a boca para responder, mas voltou a fechá-la.

Ela assentiu com um sorriso amarelo que Sawyer já tinha visto várias vezes.

QUATRO

Sawyer tentou ao máximo esfregar o corpo até se esquecer do toque do professor Hanson. Sua pele já estava avermelhada, com o aroma de sabonete de morango, mas, de alguma forma, as mãos dele, assim como o cheiro de sua colônia pós-barba, ainda estavam impregnados nela, e ela estremeceu.

Ela vestiu o roupão e remexia, dentro de uma caixa na qual se lia “banheiro”, frascos de loções e cremes, quando ouviu o primeiro *plink!* Sawyer se endireitou imediatamente, tirando as mãos da caixa. Fez silêncio até outro *plink!* ser ouvido. Sawyer abriu a janela e se abaixou para não ser atingida por outras pedrinhas.

– Chloe? O que você está fazendo?

Chloe estava parada na rua, com as mãos na cintura, iluminada pelos faróis do carro da mãe.

– Finalmente!

– Por que você não me ligou em vez de ficar jogando... – Sawyer pegou uma bolinha cor-de-rosa do peitoril da janela – ...jujubas na minha janela?

Chloe suspirou tão alto que Sawyer escutou de onde estava, no segundo andar.

– Porque eu estava tentando ser romântica.

– Oh.

– E o lugar onde você mora não tem o básico, como sinal de celular. – Ela balançou o telefone.

– Desculpa. Já vou descer.

Sawyer abriu a porta da frente, fechando o roupão para se proteger do frio do outono.

– O que você está fazendo aqui?

Chloe sorriu.

– Vim te resgatar. Vista uma roupa. Nós vamos sair.

Sawyer começou a balançar a cabeça, discordando.

– Não, não. Vou ficar aqui hoje. Meu pai e minha madrastra já estão na cama.

– Melhor ainda. Está tendo uma festa na casa de Evan Rutger e você vai.

– Não estou animada para ir a uma festa.

Chloe inclinou a cabeça, com as mãos na cintura.

– Sua terapeuta não falou que você precisa voltar a fazer coisas normais, de adolescente? O que é mais adolescente do que festa de adolescente?

– Não acho que o dr. Johnson estivesse se referindo a encher a cara apesar de ser menor quando disse que eu deveria fazer atividades normais de adolescente.

– Você não *acha* que era a isso que ele se referia. Não tem certeza. Vamos lá – Chloe deu um tapinha no traseiro de Sawyer. – Já pra cima. Vista uma roupa.

– Tá bom – disse Sawyer. – Uma hora.

– Tá, tá. Mas venha comigo, pra não parecer que eu sou tão solitária.

Carros, copos vermelhos de plástico e adolescentes tomavam o espaço no jardim extremamente bem cuidado da família de Evan Rutger.

– Onde estão os pais de Evan? – perguntou Sawyer quando Chloe estacionou seu carro entre dois outros.

– Não sei. Só sei que saíram.

– Os boatos rolam rápido por aqui.

– Com certeza. Pronta pra festa?

Sawyer suspirou.

– Não muito. Ei, Chloe...

Chloe parou, os olhos azuis refletindo a luz da rua.

– Quê?

Sawyer pensou no professor Hanson, pensou em suas mãos passando por sua pele nua. Um arrepio tomou seu corpo.

– Nada. – Ela deu o braço para a melhor amiga. – Vamos curtir a festa.

O som dentro da casa de Evan Rutger era ensurdecedor – um baixo potente combinado com risadas muito altas e a cacofonia generalizada de estudantes falando alto, um mais alto do que o outro e mais alto do que a música no último volume. Um casal passou correndo por Sawyer e Chloe; ela gritava e ria; ele puxava a barra da saia dela. Alguém enfiou um copo na mão de Sawyer e um pouco de cerveja espirrou, e o líquido gelado molhou seu punho e as pernas de sua calça.

– Oh, desculpa. – Cooper arregalou os olhos e olhou para o braço de Sawyer.

De repente, Sawyer se sentiu feliz por estar ali, feliz de fazer parte da massa de estudantes amontoados naquela sala. Ela chupou um pouco da cerveja que pingava do braço e sorriu.

– Tudo bem.

– Bom, você sabe levar as coisas na esportiva, né?

Sawyer tomou um gole da cerveja; assim que o líquido gelado passou por seus lábios, ela virou o copo e engoliu tudo de uma vez.

– Teve um dia difícil? – perguntou Cooper.

Sawyer levantou o copo.

– Você nem faz ideia. Sabe onde tem mais disso?

Cooper pegou o copo vazio de Sawyer e segurou a mão dela. Seu toque provocou uma sensação boa, e ela sentiu um friozinho na barriga. Gostou daquilo.

Cooper e Sawyer andaram no meio das pessoas, e pararam na entrada da cozinha, onde um amontoado de estudantes bloqueava a entrada.

– Só um segundo – disse Cooper olhando para trás. Ele não soltou a mão de Sawyer, e ela não queria mesmo que ele soltasse.

– Aqui está – Cooper entregou para ela um copo cheio.

– E eu achei que você não queria saber de festa! – Chloe apareceu na frente de Sawyer, segurando um copo de plástico. Ela estava abraçada com um cara que Sawyer reconheceu da aula de espanhol.

– Oi, Ryan – disse rapidamente. Então, falou para Chloe: – Quanto você tomou? Chegamos faz só cinco minutos.

Chloe inclinou a cabeça, e um cacho de cabelo loiro caiu por seu ombro.

– O suficiente para torná-lo interessante. – Ela sorriu, mexendo na orelha do cara que mal conseguia segurá-la, bebendo de seu próprio copo. – Ei! – disse ela, livrando-se do cara e se inclinando para Sawyer, agarrando seus dois braços. – A gente devia dançar.

Sawyer foi dançar com Chloe.

– Você está bem bêbada.

Chloe deu risada.

– Não estou; só é mais divertido assim. O que tá rolando entre você e Cooper?

Sawyer olhou para trás, para onde Cooper estava encostado na porta, e ele sorriu quando a viu.

– Não sei. Nada. Mas ele é muito legal.

– Acho que ele te ama.

– Cala a boca. – Apesar de protestar, sentiu uma animação. – Você acha?

Chloe segurou o braço de Sawyer.

– Você *está* a fim.

Sawyer sentiu-se enrubescer.

– Não estou pronta para namorar. Mas é legal ter alguém interessado em mim. Ei, a música acabou.

– Da próxima vez, eu conduzo. O namorado está te olhando. – Chloe girou Sawyer e deu um tapinha em seu traseiro. – Vai que é sua!

– Você dança muito bem – disse Cooper, sorrindo. Passou um braço na cintura de Sawyer e a puxou para perto dele, bem quando duas pessoas trombaram nela a caminho da cozinha. – Quer ir para algum lugar onde a gente possa conversar? Ou pelo menos onde a gente não seja esmagado?

Sawyer olhou para trás, para o monte de estudantes completamente alheios a ela e a Cooper. Ela viu o jardim dos fundos atrás dele, luzes pálidas dançando sobre a piscina, o pátio relativamente vazio.

– Sim, vamos lá fora.

Cooper entrelaçou os dedos nos de Sawyer e a levou pela porta de vidro, para o jardim dos Rutgers. Alguns estudantes estavam lá, no escuro, dando uns amassos ou fumando.

– Uau – Maggie apareceu das sombras, sua carranca aparente à luz fraca. Ela olhou Sawyer de cima a baixo, e viu que os dois estavam de mãos dadas. – Não demorou muito para voltar à ativa.

Sawyer engoliu em seco, sentindo a vergonha crescer dentro de si.

– Somos só amigos – disse Cooper, de um jeito lento e doce. Ele apertou a mão de Sawyer e a levantou. – Aqui está muito lotado. Eu só não queria perdê-la.

O calor da mão de Cooper subiu pelo braço de Sawyer, fazendo desaparecer a vergonha que ela sentia por estar com um garoto.

– Não importa – disse Maggie, jogando furiosamente os cabelos para trás. – Kevin merecia muito mais. – Ela passou bufando por Sawyer, dando uma cotovelada em suas costelas.

– Caramba, essa garota é pura maldade.

Sawyer sorriu timidamente.

– Nós éramos amigas.

Cooper olhou para Maggie e então para Sawyer, incrédulo. Ele balançou a cabeça.

– Não, não acredito que alguém como você possa ser amiga de alguém como Maggie.

Sawyer pareceu surpresa.

– Alguém como eu?

Cooper olhou para baixo, para suas mãos.

– Você sabe, gentil. Legal. Bonita.

Sawyer desviou o olhar, e seu sorriso ficou escondido pelas sombras.

– E esse Kevin era o seu namorado?

Sawyer hesitou.

– Você não sabe?

– Saber o quê?

– Kevin Anderson. Ele era meu namorado.

– O nome é familiar, mas... – Cooper balançou a cabeça, mas seus olhos castanhos estavam inexpressivos.

– Ele morreu. – Sawyer disse com dificuldade, sentindo o corpo ficar tenso ao se lembrar.

– Anderson... – Cooper olhou para cima enquanto pensava. – Não foi ele que sofreu um acidente de carro depois de beber?

Sawyer sentiu o calor em sua nuca, as palmas das mãos começarem a coçar com o suor.

– É.

– Oh. – Cooper arregalou os olhos. – Sinto muito. Eu não sabia. Você está bem?

Sawyer não soube o que dizer. Tinham feito essa pergunta para ela muitas vezes, todos os dias desde o acidente – “Você está bem? Você está bem?” –, mas ouvir a mesma sequência de palavras vindas da boca de Cooper, com os olhos tão solidários e tão maravilhosamente reais, pegou fundo em seu coração.

– É difícil. – Ela murmurou. – Tem sido difícil.

Cooper levou Sawyer até um arco coberto de plantas na lateral da casa, e ela se sentou num banco de cimento. Ele soltou a mão dela.

– Não era a minha intenção trazer o assunto à tona.

Sawyer balançou a cabeça, sentindo o cabelo escuro roçar nas suas bochechas.

– Não, está tudo bem. Desculpe. – Ela percebeu que estava chorando e limpou as lágrimas na manga. – Não sou exatamente a melhor companhia para festas, né?

Cooper se sentou ao lado de Sawyer, ombro e coxa tocando nela. Ela esperou sentir culpa, esperou que fosse se retrair ao entrar em contato com o corpo dele. Desde a morte de Kevin, ela andava tomada de vergonha, com a sensação estranha de que, a qualquer momento, seria acusada de ter feito algo errado, algo terrível – algo que ela teria que corrigir. Perto do fim, ela estava sempre com os nervos à flor da pele, observando Kevin, reparando em seus trejeitos. A raiva

dele era imprevisível, as emoções eram inconstantes, e sem se dar conta, Sawyer começou a agir pensando no que *poderia* acontecer. Então, ver que seu corpo não reagiu mal, e até sentiu conforto com a aproximação de Cooper, foi demais e ela se afastou, esfregando as mãos nas coxas como se estivesse com frio.

Cooper não pareceu ligar.

– Acho que você é ótima companhia – disse ele, olhando para baixo.

Sawyer sorriu.

– Se você quiser conversar sobre isso um dia, eu meio que sei como você se sente. – Cooper apertou as mãos e chutou a terra. – Nós nos mudamos para cá porque a família do meu pai mora aqui. – Sawyer viu um músculo do rosto de Cooper se contrair. – Minha mãe morreu doze semanas atrás.

– Oh, meu Deus.

– Câncer. Foi muito rápido.

– Mal posso imaginar... mas eu entendo. Num minuto eles estão lá...

– E no outro, não estão mais.

Quando Cooper virou o rosto para Sawyer, seus olhos estavam marejados, e as sardinhas de seu rosto eram iluminadas pela luz que ainda brilhava no quintal. Sawyer se sentia cada vez mais atraída por ele, sentiu algo forte entre eles, e sem pensar nas implicações, nas consequências, ela o beijou. Seus lábios pressionaram os dele com força, e ela sentiu o amargo da cerveja e, então, a doçura dos lábios de Cooper, quando ele os abriu, as línguas se encontraram. Um turbilhão de lembranças tomou conta de Sawyer, irrompendo como cacos de vidro a seus pés. Ela se sentiu envergonhada, viva e livre quando Cooper passou os braços por sua cintura, puxando-a para perto dele. Seu toque era forte, porém suave, e Sawyer adorou o jeito como ele a abraçava, fazendo-a se sentir segura e desejada ao mesmo tempo. Cooper levou a mão aos cabelos dela e seus dedos se embrenharam nele; ela apertou as mãos nas costas fortes dele, sentindo os músculos firmes sob sua camiseta justa. O coração dela batia forte contra o dele, desesperada para puxá-lo para mais perto, puxá-lo contra ela, para afastar as lembranças de Kevin, do bilhete, de tudo.

Um grito cortou a noite, cortou o clima, e Cooper e Sawyer se afastaram.

– Que foi isso? – perguntou Cooper, ofegante.

O gritou soou de novo... agudo, angustiado.

– É uma menina.

– É a Chloe. – Sawyer ficou de pé, e as batidas gostosas de seu coração se transformaram em algo doloroso. – Onde ela está?

Sawyer abria caminho entre as pessoas no quintal, Cooper logo atrás dela.

– Chloe! – Mas sua voz se perdia na multidão, engolida pela batida do baixo.

– Acho que ela está aqui dentro – disse Cooper, pegando a mão de Sawyer e levando-a para dentro da casa.

– Ai, meu Deus – Sawyer parou bruscamente na porta, soltando a mão de Cooper e se encostando no batente. – Chloe.

Todos na festa fizeram silêncio e se viraram para olhar para Chloe.

Ryan estava do lado dela de novo, mas dessa vez, parecia segurá-la. Chloe mantinha a cabeça baixa, as mãos pressionadas contra o rosto. Sawyer viu o

sangue escorrendo entre os dedos da melhor amiga. Ela saiu correndo pela sala.

– O que aconteceu?

Chloe estava chorando, e seus ombros tremiam.

– Alguém, alguém...

– Alguém a atacou – Ryan completou.

– Oh, meu Deus, Chloe, você está bem? Quem foi?

– Está tudo bem – Chloe assentiu, tirando as mãos do rosto. Havia um corte profundo acima de seu olho esquerdo. O sangue começava a secar sobre a pele cortada e inchada. Sawyer se aproximou, envolvendo-a com os braços.

– Quem fez isso com você?

Chloe balançou a cabeça.

– Não sei. Fui pegar uma blusa no carro e alguém estava lá com o capô aberto.

– O capô do seu carro? — perguntou Cooper.

Ryan assentiu.

– Ainda estava aberto quando eu cheguei lá. Eu a ouvi gritar e fui correndo.

– Eu falei para o cara sair fora, sabe, deixar meu carro, e quando ele me ouviu, virou e me acertou. – Chloe levou os dedos trêmulos ao ferimento. – Não sei com o que ele me acertou.

– E você não viu quem foi?

Chloe fez que não com a cabeça.

– Não. Ele me acertou e saiu correndo, acho. Não me lembro muito bem. Eu senti, percebi que caí, e já vi o Ryan perto de mim.

Cooper olhou por cima do ombro de Ryan, para a porta aberta.

– Você acha que ele ainda pode estar lá fora?

– Vamos lá, cara.

Sawyer tentou alcançar Cooper, mas só resvalou em sua camiseta quando ele passou por ela.

– Se ele ainda estiver lá, eles podem se machucar – disse Chloe, com lágrimas enormes correndo por seu rosto.

Sawyer assentiu e pegou o lenço que alguém lhe dera. Ela o pressionou contra a testa de Chloe e a levou até o sofá.

– Vou dar uma olhada. – Ela enfiou a mão no bolso, protegendo o celular. *Se eu não vir os garotos no próximo segundo, ela raciocinou, vou ligar para a polícia.*

Mas Cooper e Ryan estavam na calçada, os rostos raivosos iluminados por um feixe de luz da rua.

– Você viu alguém?

Cooper negou com a cabeça.

– Não tem ninguém aqui.

– Mas encontramos isto. – Ryan mostrou um macaco de trocar pneu e o estômago de Sawyer se revirou quando ela viu uma mancha de sangue no metal.

Sangue de Chloe.

– O que ele estava fazendo aqui? Arrombando o carro da Chloe? – Sawyer vasculhou com o olhar o estacionamento na frente da casa dos Rutger. Havia carros por todos os lados, todos eles uma escolha melhor que o Dodge velho da mãe de Chloe.

– Ele não queria roubar nada – disse Cooper, apontando para o carro. – Não tem como entrar no carro pelo capô.

– Bom, por que alguém estaria mexendo no capô? Para sabotar o motor? Tentando pregar uma peça?

Ryan pôs as mãos na cintura.

– Uma peça seria trancar a chave dentro do carro ou encher o vidro de creme de barbear.

– Açúcar no tanque de combustível. – Cooper sugeriu, e se inclinou sobre o motor exposto, olhando. – Ei, Ryan, você entende alguma coisa de carros?

Ryan deu de ombros, mas foi olhar mesmo assim.

– Eu sei que não se deve deixar ferramentas debaixo do capô. Sawyer foi até lá e olhou para onde Ryan estava apontando, apertando os olhos para ver melhor. Ela alcançou a ferramenta e a levou até a luz.

– O que é?

Cooper a pegou das mãos dela, olhando para Sawyer e Ryan.

– Um alicate.

– Para que um alicate? – Sawyer quis saber. – E por que esconder isso no carro de alguém?

Ryan chacoalhou a cabeça lentamente, seus olhos fixos no alicate na mão de Cooper.

– Ninguém esconderia isso no carro de alguém – disse ele. – Mas poderia deixar cair aqui se fosse pego no flagra Sawyer hesitou.

– Que flagra?

– Cortando os freios de Chloe.

Sawyer sentiu um embrulho no estômago.

– Como alguém... poderia? Chloe poderia morrer! Sem freios ela poderia morrer! – Perceber aquilo foi um balde de água fria e Sawyer ficou paralisada, sem conseguir respirar.

Ryan passou o dedo pela tela do celular e o colocou sob o capô aberto. A luz azul do aparelho iluminou o motor, e ele apontou:

– Bem ali.

Cooper soltou um assobio baixo enquanto passava o dedo por um corte reto em um tubo metálico fino.

– Ele fez um corte certo.

Lágrimas rolavam pelo rosto de Sawyer agora, trilhas quentes em suas bochechas.

– Por que alguém faria isso?

Mas ela não precisava nem ouvir uma resposta, porque já sabia: o admirador de Sawyer estava atrás de sua melhor amiga também.

Sawyer sentiu a cabeça zozna e incrivelmente pesada ao mesmo tempo e subitamente ela sentiu o concreto duro e frio contra suas costas, e sua cabeça pendeu. Sentiu o cheiro de grama e terra, a umidade na cabeça e no pescoço. Piscou quando uma luz forte bateu em seus olhos.

– Cooper? – Seus lábios pareciam inchados e a cabeça pulsava. – O que aconteceu?

– Você desmaiou. – Ele ajudou Sawyer a se levantar e Ryan guardou a

caneta-lanterna que estava usando no bolso de trás da calça.

– Precisamos chamar a polícia – disse Sawyer.

Cooper chacoalhou a cabeça enquanto levava Sawyer para a sala de estar dos Rutger, que estava consideravelmente mais vazia. Só alguns estudantes aqui e ali ainda permaneciam ali, olhos bem abertos, segurando firme seus copos vermelhos. Chloe estava sentada sozinha na poltrona, os olhos vermelhos e as bochechas bem rosadas. Ela puxou os joelhos contra o peito e os abraçou.

– Chloe não quer.

Chloe olhou para Sawyer, com caminhos de lágrimas recentes ainda brilhando em seu rosto.

– Meus pais não sabem que eu estou aqui. Eles vão me matar.

Sawyer engoliu um suspiro.

– Chloe, isso é muito perigoso. Alguém atacou você e... – Ela conteve um soluço. – Eles cortaram seus freios. Poderiam ter matado você. Eles... eles queriam machucar você, machucar de verdade. Você precisa contar para a polícia.

Ela balançou a cabeça.

– Não. Não posso.

– Eu vou levá-la para casa – disse Ryan gentilmente.

– Eu vou com você – disse Sawyer.

– É, eu que trouxe a Sawyer pra cá.

– Sem problema – disse Cooper. – Eu levo a Sawyer pra casa.

Sawyer olhou para Cooper e então para Chloe.

– Acho melhor eu ir para casa com ela. Chloe, seus pais provavelmente nem estão lá. Você não deveria ficar sozinha.

– Mas como você vai para a sua casa depois? – perguntou Ryan. – Olha, eu levo a Chloe e fico com ela até os pais dela chegarem.

Sawyer abriu a boca para protestar, mas Ryan levantou a mão.

– Sem discussão. Você também teve uma noite complicada.

Cooper assentiu.

– Você desmaiou. É melhor se deitar ou arranjar uma bolsa de gelo ou algo assim.

Chloe estendeu a bolsa de gelo dela.

– Tem lugar para mais uma.

– Chloe – Sawyer se sentou ao lado dela, tocando delicadamente o sangue acima do olho da amiga. – Deixe, pelo menos, eu ir com você.

Chloe se inclinou e sussurrou.

– Sawyer, todo mundo está olhando para mim. Estou envergonhada. Não ligo para quem está em casa, só quero ir para casa.

– Mas seu carro...

– Provavelmente foi só uma brincadeira idiota – disse Chloe, com olhar desafiador –, e eu peguei o cara de surpresa.

– Uma brincadeira?

– Nós estamos indo – disse Ryan, puxando Chloe do sofá.

– Te ligo mais tarde – disse Chloe, protegendo o corte acima do olho com a manga da blusa.

Uma brincadeira.

A palavra queimou na língua de Sawyer. A correia de freio cortada, o sangue vermelho-escuro de Chloe – tudo isso girava em sua mente. Se aquilo tinha sido uma brincadeira, então tinha alguém na Hawthorne High com um senso de humor péssimo.

CINCO

Sawyer observou Ryan colocar Chloe cuidadosamente em seu carro. Chloe acenou rapidamente quando o carro partiu e a luz do poste iluminou o corte em seu supercílio. Sawyer sentiu um calafrio e passou as mãos nos braços.

– Aqui – disse Cooper, tirando a blusa de capuz com zíper para abrigá-la. – Melhor?

Sawyer assentiu com a cabeça. A blusa teria ajudado se o frio não viesse de dentro.

– Vamos?

Cooper assentiu.

– Sim, claro. – Ele enfiou a mão no bolso para procurar a chave e Sawyer tocou gentilmente seu pulso, os dedos gelados na pele quente dele.

– Você está bem para dirigir?

Ele sorriu.

– Só tomei meia cerveja, e isso foi... – Ele apertou os olhos mirando o relógio – há mais de uma hora.

– Não parece que já faz tudo isso.

– Bom, teve o lance da Chloe, e antes disso... – Cooper mordeu o lábio inferior de um jeito que deixou Sawyer com calor. – O nosso lance.

Sawyer sentiu calor e também culpa. Ela tinha beijado um cara – um cara que *não* era Kevin – enquanto alguém tentava assassinar sua melhor amiga.

Que tipo de garota você é? Ela sentiu um aperto por dentro.

– Pronta?

Sawyer assentiu, e quando Cooper apoiou seu braço no ombro dela, ela se afastou. Torceu para parecer um gesto normal, mas percebeu o olhar magoado de Cooper.

Ele dirigiram num silêncio constrangedor até o carro de Cooper chegar à rodovia.

– Sinto muito pela sua amiga.

– Chloe – disse Sawyer.

– Chloe. Vocês se conhecem há muito tempo?

Sawyer sorriu, lembrando-se.

– Lembra quando eu falei que era amiga da Maggie?

– Lembro, mas ainda não acredito. – Cooper sorriu no escuro do carro, mas seus olhos brilharam docemente. Sawyer tentou conter o calor que sentiu por dentro.

– Nós três éramos melhores amigas. Tínhamos cinco anos; Maggie ainda não tinha aprendido a ser malvada.

– Ah, a peça que faltava.

Sawyer começou a se sentir mais confortável, relaxou os ombros e se acomodou no assento.

– Nós nos conhecemos na aula de dança. Nada especial, mas a gente fazia tudo juntas. Tudo. Nós três.

– E quando foi que tudo desmoronou?

Sawyer franziu o rosto.

– Não sei exatamente como começou. Estávamos no final do ginásio e a Maggie começou a ficar popular. Chloe teve que sair da aula de dança, e Maggie ficava perturbando a paciência dela para que contasse o motivo para todo mundo. Parecia que ela queria mostrar para todo mundo como ela era bacana por colocar Chloe – nossa melhor amiga – numa saia-justa.

Cooper ligou a seta quando Sawyer mostrou a saída que ele deveria pegar.

– E qual era o grande segredo de Chloe? Ou isso ainda é informação confidencial?

Sawyer sorriu para Cooper; não conseguiu se conter.

– Os pais de Chloe... acho que ainda eram os pais dela, ou talvez já fosse um padrasto. Eles não estavam conseguindo pagar.

Cooper franziu as sobrancelhas.

– Só isso? Não era porque ela dançava mal pra caramba, ou alguma coisa assim?

– Não! – Sawyer riu.

– O fato de os pais de alguém não conseguirem pagar as aulas de dança não parece algo assim tão trágico.

– Bom, quando você tem onze anos, qualquer coisa que te diferencia das outras garotas é trágico. Eu disse para a Chloe que eu nem ligava, mas ela ficou morrendo de medo de as outras garotas descobrirem. Eles se mudaram para um camping de trailers horrível, venderam o carro. A Maggie descobriu pela fofqueira da mãe dela e partiu para o ataque. De um dia para o outro, todo mundo já sabia da situação da Chloe. As pessoas caçoaram dela, a chamaram de lixo do trailer ou de menina do gueto – Sawyer balançou a cabeça. – Ela ficou arrasada.

– Mas você ficou do lado da sua amiga.

– Claro – Sawyer sorriu. – Ela é a minha melhor amiga.

– E isso foi quando? Cinco, seis anos atrás?

Sawyer assentiu.

– Algo assim.

– E você não conversa mais com a Maggie desde então?

Sawyer contraiu a mandíbula.

– Nada de divertido.

Sawyer se lembrou do dia em que a notícia de que ela e Kevin estavam namorando se espalhou. Maggie era a ex-namorada de Kevin; eles haviam terminado fazia pouco mais de dois meses, mas pela cara de buldogue da Maggie, qualquer um imaginaria que ele havia simplesmente trocado uma pela outra.

– Acho que a Maggie não é do tipo que faz as pazes.

Cooper assentiu.

– Você é durona, Sawyer Dodd.

Sawyer se virou em seu assento.

– Por que você diz isso?

– Enfrentar uma valentona? Mesmo aos cinco anos, isso é algo bem corajoso.

Uma imagem de Sawyer acovardada em um canto enquanto Kevin a repreendia, louco de raiva, surgiu em sua mente. A humilhação tomou conta dela, e ela olhou para o outro lado.

– Não sou tão corajosa assim.

– Chloe tem sorte de ter uma amiga como você.

– Não é assim. Ela segura as minhas barras também. Quando eu contei pra ela que meus pais estavam se separando, ela ia todos os dias à minha casa com sorvete de creme e dois litros de refrigerante.

Cooper entrou com o carro pelos portões de Blackwood.

– Sorvete de creme e refrigerante? Sem chocolate? Sem marshmallow? Parece meio chato.

– Não quando se abre um furo na embalagem do sorvete e preenche com refrigerante. Vira uma boia de refrigerante.

– Entendi – disse Cooper com um sorriso. – Então eram o sorvete de creme e o refrigerante que faziam de você uma garota durona, né?

Sawyer se fingiu de brava.

– O que você quer dizer com “faziam”? Cooper Grey, eu dou um pau em você aqui mesmo.

– Eu bem que queria que você desse. – O comentário era sugestivo e fez pesar o clima dentro do carro. Sawyer foi tomada pela excitação e, com a mesma rapidez com que veio, ela se foi, substituída pela sensação de culpa, de traição. Ela viu os olhos apertados de Kevin, viu o sangue escorrendo do corte de Chloe.

– Essa é a minha rua – disse ela rapidamente.

Cooper reduziu.

– Qual é a sua casa?

– Sabe, não se preocupe. Pode me deixar aqui. É logo ali. – Ela acenou para as proximidades de sua casa, no escuro.

– Quê?

Sawyer destrancou a porta e Cooper pisou no freio.

– Vou sair aqui mesmo. – Ela pegou a mochila e saiu do carro. – Muito obrigada mesmo, Cooper. Hum, foi legal... bom, não tão *legal*, legal, mas... você entendeu. Valeu. – Ela fechou a porta antes que Cooper pudesse dizer qualquer coisa e deu um aceno rápido com os dedos, virou-se e caminhou em direção ao amontoado de casas escuras. Ela odiava o jeito como elas pareciam olhar para ela, aquelas estruturas grandes, mas de uma hora para a outra, o clima dentro do carro havia se tornado tão pesado, a ponto de deixá-la sem fôlego. Ela correu para a casa e entrou pela porta da frente sem esperar para ver Cooper partir.

Sawyer não conseguia lembrar quando – nem se – caiu no sono, mas olhava fixamente para o teto quando o Sol começou a tingir o céu escuro com um brilho rosado. Estava quieto demais para dormir; a cada respiração, ela imaginava o silêncio mortal enchendo seus pulmões, entrando em seu corpo. Quando o primeiro feixe de luz rompeu a escuridão de seu quarto, ela afastou os cobertores e vestiu um top e uma calça de agasalho, e também uma camiseta de manga longa e meias esportivas. Ela foi chutando o amontoado de roupas jogadas e um monte de coisas espalhadas pelo chão até achar um pé de tênis; estava abaixada, com o peito no chão, tateando debaixo da cama, quando sentiu algo frio. Ela puxou a mão e torceu o nariz para os pedaços de lama seca que haviam grudado em sua palma. Limpou a lama na camiseta e deu um empurrão na cama com o quadril, movendo-a alguns centímetros. Seu tênis perdido estava lá, de lado, enfiado entre alguns livros que ela pretendia guardar quando tivesse prateleiras e uma sapatilha prateada. Sawyer pegou o tênis e limpou a sujeira, tentando lembrar a última vez em que corra. A sujeira em seus sapatos normalmente era vermelha, da pista de corrida. Calçou o tênis e olhou de novo para o monte de livros e para o outro sapato sozinho, e depois, para a terra seca. Puxou a cama de volta para o lugar e prometeu a si mesma que usaria o aspirador de pó depois.

Quando Sawyer foi para a varanda, sentiu o frio intenso, de congelar. Sua respiração saía em nuvenzinhas brancas, e seus músculos se contraíram quando o ar gelado entrou em seus pulmões. Ela partiu mesmo assim, mãos fechadas, pernas em movimento. Não demorou para o calor tomar seu corpo. Ela passou por três casas em construção, vigas expostas como esqueletos altos e magros, e o ar aquecido saía de seus pulmões, tomava seus músculos.

Sawyer era fundista, não corredora de distâncias curtas, mas se afastou de sua casa rapidamente, percorrendo a rua e o quarteirão todo em tempo recorde. Enquanto corria, sentiu que a lembrança de Kevin, do bilhete, e do ferimento de Chloe a puxavam, criavam resistência, mas ela avançou, mais depressa, o coração acelerando mais e mais, mantendo o ritmo constante das passadas que ecoavam na rua vazia. No meio do caminho, algo chamou sua atenção – algo que ela não havia notado. Estava perdida em pensamentos, tentando achar a peça perdida, quando ouviu passos atrás de si. Eram rápidos, acompanhavam o ritmo dela com facilidade, ecoando na rua vazia, pelas casas-modelo vazias. Sawyer diminuiu o ritmo e os passos fizeram o mesmo.

Ela parou.

Subitamente o silêncio se tornou intenso, profundo. Sawyer sentiu um aperto no peito, uma pressão que trouxe a sensação de claustrofobia. Ela segurou o zíper da blusa e, depois, a gola da camiseta. O silêncio na rua era sepulcral.

Ela havia imaginado os passos?

Um galho se quebrou atrás dela, e Sawyer prendeu a respiração, com medo de se virar – e com medo de não se virar. Ela observou a paisagem à sua frente e o ar foi saindo aos poucos, enquanto ela via cada umas das casas iguaizinhas, perfeitas e vazias.

Ela partiu como uma bala.

Avançou movendo os dedos e forçou as pernas até as coxas arderem, um calor úmido se irradiava em seus músculos.

Ela apertava os olhos conforme o vento batia em seu rosto, e transformava as lágrimas que ela nem sabia que estavam rolando em golpes dolorosos e frios. Ela seguiu em frente, já havia alcançado a rua arqueada que levava de volta à sua casa quando os passos se tornaram mais pronunciados, mais rápidos. Seus pés doíam e ela sentiu uma fisgada na panturrilha esquerda, e a dor foi muito aguda. Ela tentou afastar a sensação, tentou controlar o cérebro para que ele fizesse as pernas continuarem se movendo com rapidez, com mais força, mas o joelho fraquejou sem o apoio da panturrilha e Sawyer caiu, num movimento em câmera lenta. Ela percebeu cada detalhe naquele quarteirão mais bem-acabado enquanto caía – a discreta tinta cor de amêndoa, os batentes cor de chocolate, a sombra sob um dos beirais. E ela sabia que estava sendo observada.

Seu ombro atingiu o asfalto primeiro, seguido pelo braço, pelas palmas das mãos, barriga e queixo. Ela sentiu a pele em contato com o chão gelado, sentiu-a se ferir e arder enquanto ela escorregava pelo asfalto. O impacto tirou seu fôlego, e quando ela tentou gritar, só conseguiu emitir um gemido baixo. Ela procurou, desesperada, quem a perseguia, olhou para a sombra sob o beiral – mas não havia nada. Novamente, o silêncio tomou o espaço ao seu redor, até que um saco de papel amassado voou com o vento e atravessou a calçada, pousando no ponto onde ainda haveria uma varanda no futuro.

Sawyer rolou até ficar de costas no chão e se esforçou para respirar. Quando conseguiu respirar e os batimentos cardíacos começaram a desacelerar, ela se colocou de pé, fazendo uma careta ao apoiar as mãos feridas no asfalto. Olhou em volta, seu medo era quase palpável à luz da manhã, seus músculos exaustos ainda estavam doloridos.

A rua estava deserta. Não havia ninguém.

Ela começou a bater os dentes e as lágrimas correram soltas pelo rosto. Fungou enquanto começava um trote lento, de volta para casa. Sua mandíbula doía quando ela atravessou o arco de sua propriedade, e quando pisou na varanda, viu um brilho rápido pelo canto do olho.

Um flash – *de uma máquina fotográfica?* Sawyer pensou.

Apareceu e se foi antes num piscar de olhos, e não emitiu nenhum som, mas Sawyer se virou mesmo assim. Nada. Ninguém apertando um botão, tirando outra foto. Nenhum carro se afastando. Nada.

A frustração apertou seu peito, e ela usou os punhos para esfregar os olhos e depois piscou, olhando ao seu redor: só casas vazias. A rua deserta e úmida. O asfalto marcado onde ela havia caído.

Depois de alguém tê-la seguido?

Sawyer chacoalhou a cabeça, tentando clarear as ideias. Imaginou a neblina densa da manhã ao seu redor. Tomara o remédio ontem à noite?

Sim, sim, devo ter tomado, ela disse a si mesma. *Têm que ser isso. Aquele negócio faz eu ver coisas, me deixa paranoica. É só isso.*

Mas mesmo tentando se convencer disso, havia algo estranho, e a intranquilidade pesava em seu peito.

Quando ela enfiou a chave na fechadura, seu pai estava do outro lado, abrindo a porta. Ele sorriu até observar a filha, no vermelho vivo no queixo dela.

– O que aconteceu com você?

– Eu... eu caí. Alguém estava me perseguindo e eu caí.
Andrew Dodd abriu mais a porta e puxou Sawyer para dentro.
– Quem estava perseguindo você? – Ele olhou por cima do ombro dela. – Quem estaria fora de casa essa hora da manhã?
Sawyer fungou.
– Não sei.
– Você sabe quem era?
Ela negou com a cabeça.
– Ele estava de carro ou a pé?
Sawyer deu de ombros.
– A pé, mas eu não o vi. Eu vi uma sombra, e tipo, um flash de câmera. E ouvi os passos. Ele estava correndo no mesmo ritmo que eu.
Andrew então sorriu.
– No mesmo ritmo que você? Sawyer, tem certeza de que ouviu alguém? É meio assustador lá fora com todas as casas vazias, eu sei. Você não acha que talvez sua imaginação tenha exagerado e você só se assustou por nada?
Seu pai estava tentando ser delicado, mas a raiva cresceu dentro de Sawyer.
– Você não acredita em mim.
Andrew inclinou a cabeça.
– Sawyer...
– Não estou inventando nada disso, pai. – Sawyer fez uma pausa, puxando o ar entre os dentes. – Ah meu Deus, você acha que isso tem a ver com os pesadelos, né?
– Você mencionou que eles tinham voltado, e Tara disse ter visto o Trazadona no seu criado-mudo de novo enquanto ela estava arrumando.
– Por que diabos a Tara estava no meu quarto?
Andrew franziu o cenho para repreendê-la.
– Sawyer, Tara estava só ajudando.
– Você quer dizer ajudando a xeretar nas minhas coisas. Além disso, os pesadelos idiotas voltaram logo depois que o Kevin morreu, pai. Não agora. E hoje, eu estava fora de casa, estava correndo, eu estava *acordada*.
– Eu sei, eu sei. – Ele levantou suas mãos, palmas para fora. – Tenho certeza de que você realmente acha que ouviu alguma coisa, mas Sawyer, tem uma cerca de quatro metros em volta desse condomínio. E os portões ficam fechados a noite toda.
Sawyer cruzou os braços, abraçando a si mesma, pensando nos passos, nos faróis da noite anterior.
– Mas não estão trancados.

* * *

Sawyer tentou ligar para Chloe uma segunda vez, depois de sair do banho,

mas a amiga não atendeu.

– Oi, sou eu de novo. Só quero saber se você está bem, depois de ontem à noite. Recebi sua mensagem de texto falando que você chegou bem em casa, com o Ryan, mas ainda estou preocupada. Me liga. Além disso, quero saber se ainda vamos ao jogo hoje à noite. Eu entendo perfeitamente se você não quiser ir; não sei nem se eu quero mesmo ir... – Ela fechou seu telefone, sentindo-se meio inquieta, e desceu as escadas. Apesar de ter corrido de manhã, o peso de muitas noites sem dormir e a confusão causada pelo remédio começavam a atrapalhar. Ela encheu uma caneca grande de café e se sentou à mesa da cozinha, pensando sem parar.

Será que a pessoa que tentou machucar Chloe é o meu admirador?

Não havia motivo, Sawyer pensou, mordiscando o lábio inferior. Chloe era sua melhor amiga; ela nunca a machucaria. Sawyer engoliu com dificuldade – Chloe nunca a machucaria como Kevin fizera. O pensamento era aleatório, percorrendo seu subconsciente, e ela se virou de lado e dobrou os joelhos, colocando-se em posição fetal.

A primeira vez foi algo parecido com um empurrão. Foi tão rápido que Sawyer não teve certeza de que havia acontecido. Kevin a abraçou imediatamente, acalmando-a, beijando-a, dizendo ter sido um acidente. E ela acreditou nele. Ele a amava tanto, dizia isso o tempo todo. Ele ligava para ela o tempo todo. Era mais forte que ele, dizia. Sua paixão por ela o consumia, e às vezes, ele não se dava conta do que estava fazendo. Nunca quis machucá-la.

Ninguém teria entendido.

Sawyer fechou os olhos bem apertados, e o rosto de Kevin, seus olhos intensos, apareceram em sua mente. Em seguida, Cooper apareceu, com a mão delicada segurando a dela, e ela sentiu os olhos arderem de culpa.

* * *

A única palmeira no Pacific Palms Park tinha só 1,20 m de altura e ficava na entrada do condomínio. Com a guarita abandonada, pintura descascando, e a grama mais amarela que verde, também não parecia um parque. Sawyer passou pelo portão gradeado que já havia sido branco e caminhou pela vizinhança de casas pré-fabricadas assentadas em concreto rachado. Quando chegou à casa dos Coulter, Chloe já estava andando de um lado para outro na garagem coberta.

– Oi – disse ela quando Sawyer parou o carro. – Por que você demorou tanto? Achei que viria direto para cá.

Sawyer ergueu uma sobrancelha.

– Está me rastreando, é?

– É, sou seu namorado ciumento.

Chloe riu, um comentário inocente e bobo para ela, mas forte para Sawyer. Ela se esforçou para levar na brincadeira.

– Está pronta para ir?

– Não, e nem você.

Sawyer olhou para a calça jeans e camiseta preta. Não era exatamente alta-costura, mas ela acreditava que era uma escolha adequada para ir a um jogo de futebol.

– Você não parece em nada com uma fã do Fighting Hornet.

Sawyer tentou sorrir; aquele era o primeiro jogo ao qual ela iria desde a morte de Kevin. Assim, Chloe teve que implorar por dez minutos seguidos para que ela fosse.

– É um jogo importante – ela lembrou à amiga –, e você vai ter que voltar a ir a um jogo de futebol em algum momento.

Apesar de ela não adorar a ideia de ir ao jogo, e adorar menos ainda a ideia de se arrumar para ir, era difícil dizer não para Chloe quando ela olhava intensamente para Sawyer daquele jeito, com entusiasmo sem fim – e contagiante.

– Entre – disse Chloe, – a não ser que você se incomode de ficar numa casinha tão pobre por um minuto.

Sawyer pegou a porta de tela atrás de Chloe.

– Não é casinha tão pobre, é uma casa normal.

– Seja lá o que for, é feita de madeira e grama artificial.

Elas entraram na sala de estar – um quadrado de painéis de madeira e carpete sintético, com cheiro forte de cigarro. As janelas estavam cobertas por cortinas grossas com uma estampa enjoativa de flores e círculos, e a única luz vinha de uma enorme televisão, que ocupava quase uma das paredes inteira, e a avó de Chloe estava na poltrona de frente para ela, com um cigarro preso no canto da boca. Apesar de ser o meio da tarde, ela ainda estava de roupão e chinelos, e Sawyer sabia que a velhinha só trocava de roupa para ir ao bingo ou à igreja.

– Ei, vó, você se lembra da Sawyer? – Chloe deu um tapinha nas costas da poltrona da avó.

– Oi, sra. Coulter.

A sra. Coulter deu um longo trago no cigarro. A luz da televisão a iluminava enquanto ela permanecia imóvel na cadeira, sem se mexer para responder à neta.

– Vamos lá – Chloe segurou o braço de Sawyer e a levou na direção dos fundos da casa.

– Onde estão seus pais?

Chloe deu de ombros.

– Você quer dizer a mamãe perfeita e o novo papai? Sei lá. Deixe só eu pegar minha bolsa. – Ela pegou uma bolsa grande de couro, enfiou uma blusa preta dentro, e começou a mexer em algo sobre a escrivaninha.

Sawyer observou o mural de Chloe, coberto de fotografias – a maioria das duas, tirando fotos de si mesmas, torcendo em jogos da Hawthorne. Ela apontou para uma.

– De onde é essa?

Era uma foto de Sawyer de jaqueta. Ela estava correndo, o rosto contorcido pelo esforço, suado. O rabo de cavalo balançava atrás dela, e a exaustão era

evidente em seu rosto. A imagem era tão de perto, que quase não se via o fundo, só um cinza embaçado.

Chloe apertou os olhos.

– Não sei. Um de seus milhões de treinos de corrida. Uma das milhões de vezes que você fez todo mundo comer poeira. – Chloe sorriu.

Sawyer apertou os olhos.

– Como você a tirou? Está superperto. Nem lembro de quando tirou.

– Provavelmente porque você estava correndo como se sua vida dependesse disso; você sabe como é. – Ela separou o polegar do dedo indicador. – Só um pouquinho competitiva. E eu não sei quando foi tirada; está no meu mural há um tempão.

Sawyer deu de ombros.

– Acho que eu nunca tinha visto.

Chloe também deu de ombros.

– Acho que não. Então... – Ela mostrou duas longas fitas verdes. – Estamos prontas para torcer, torcer, torcer para o time da casa?

– Ok, antes de tudo, isso é beisebol.

– E depois?

– Cale a boca e vire-se para eu colocar isso no seu cabelo. Chloe entregou a escova de cabelo para Sawyer, que esco vou o cabelo da amiga para formar um rabo de cavalo fino, e amarrou a fita verde em volta. Então, elas trocaram de lugar e terminaram aplicando algumas tatuagens temporárias do Fighting Hornet e vestiram camisetas iguais da escola.

– Nossa! Precisamos ir, vamos perder o começo do jogo.

Sawyer olhou para o relógio, surpresa ao perceber que estava na casa de Chloe havia mais de uma hora. Ficou ainda mais surpresa por se sentir subitamente animada para ir ao jogo; ela havia se esquecido de como era bom ser a velha e boa torcedora.

– Vamos!

Chloe pôs a bolsa cheia no ombro e empurrou Sawyer para fora do quarto.

– Para onde vocês duas vão? – A mãe de Chloe parou no meio do corredor, e Chloe hesitou. Chloe e sua mãe eram mais ou menos da mesma altura, mas onde o cabelo loiro de Chloe era fino e liso, o de sua mãe era um emaranhado amarelo-alaranjado feito com água oxigenada aplicada por mais tempo do que o recomendado. Sawyer sabia que a sra. Coulter não era velha, mas sua pele era fina como papel, tal qual a de uma mulher bem mais velha; os olhos de tom azul-claro eram rodeados por pés de galinha, e os lábios estavam sempre enrugados enquanto ela fumava um Marlboro light desesperadamente.

– Quando você chegou em casa? – perguntou Chloe.

– Faz um minuto. Aonde vocês vão?

Chloe mexeu na fita verde do cabelo.

– À Casa Branca, mãe.

Sua mãe revirou os olhos e Chloe passou por ela – de modo um tanto grosseiro, na opinião de Sawyer – e foi direto para a porta da frente.

– Volto daqui a algumas horas, vovó – disse Chloe, olhando para trás.

Sawyer notou que a senhora continuou olhando para a TV enquanto sua neta

saía pela porta da frente.

As garotas chegaram ao estacionamento da Hawthorne High em tempo recorde. Sawyer conseguira manter a animação ligando o rádio no último volume, e ela e Chloe cantaram como duas malucas para todos os carros pelos quais passavam na rua. Mas quando desligou o motor e viu as luzes inundando o campo de futebol, seu coração se acelerou. Chloe notou a mudança em Sawyer e a abraçou.

– Não se preocupe, S. Vai ficar tudo bem. E se não ficar, vamos embora. Simples assim.

Sawyer queria responder, mas não havia palavras. Assentiu muda e deixou Chloe guiá-la.

– Olha lá, que maravilha. Lá está a Maggie, agitando seus pompons.

– Ela não está... oh, você é terrível, Chloe. E está absolutamente certa.

Maggie segurava os pompons, mas não estava ao lado das outras animadoras de torcida. Ela estava curvada sobre a grade de metal, piscando e chacoalhando sua “Vespa Lutadora” para um grupo de caras do último ano, sentados na primeira fila.

– Eu não disse que a noite seria fabulosa?

Chloe e Sawyer acharam um lugar na metade da arquibancada. A vista era parcialmente encoberta por um ou outro estudante que se levantava para dançar, para abraçar alguém que tivesse acabado de chegar ou para se dirigir aos corredores. Sawyer preferia assim.

O jogo começou tarde, então as garotas chegaram bem a tempo de ver as animadoras de torcida fazerem uma homenagem a Kevin – Sawyer não imaginaria que os pompons eram uma boa maneira de homenagear os mortos –, e o time de futebol se reunir em uma roda de oração, que terminou com todos eles levantando as mãos e gritando “número vinte e um!”.

Chloe fez uma careta para Sawyer.

– Desculpe. Não sabia que ia ser tanto assim. – Ela mexeu as mãos.

– Não se preocupe – disse Sawyer. – Estou triste, mas não tem como não pensar no Kevin todos os dias.

Chloe abraçou Sawyer e a apertou, dando um beijo estalado em sua bochecha.

– Você é o máximo.

O jogo já estava na metade do segundo quarto quando Sawyer disse:

– Ei, vou pegar um cachorro-quente. Você quer um?

Chloe balançou a cabeça.

– Está brincando? Com *aquilo* rolando no campo? Estou com os olhos completamente cravados no jogo.

– Algo me diz que você está mais interessada na bunda do Ryan do que no jogo, de fato.

– Tudo a mesma coisa. – Ela deu uma nota amassada para Sawyer. – Você me traz um doce?

– Volto em um segundo.

Sawyer desceu a escada da arquibancada, fazendo o máximo para evitar pisar em montes de pipoca e poças de refrigerante no chão.

– Ei. – Ela ouviu quando chegou ao térreo.

Sawyer virou, sorrindo para Cooper.

– Oi. Não sabia que você estaria aqui.

– Que tipo de Vespa eu seria se não estivesse aqui no grande jogo?

– Você é mesmo um grande fã da equipe escolar, não é, Cooper?

– Rá-rá. Pra onde você vai?

Sawyer balançou suas notas.

– Lanchonete.

– A mulher dos meus sonhos. Posso me juntar a você?

– Claro, mas pode sair caro.

Cooper ergueu as sobrancelhas enquanto acompanhava Sawyer.

– É mesmo? O que você tem em mente, exatamente?

– Um Snickers.

Cooper ficou boquiaberto, mas logo esboçou um sorriso.

– Ah, você quer dizer que vai custar caro, *custar caro*?

– Não foi o que eu disse?

Eles chegaram ao caixa e Sawyer fez seu pedido: um cachorro-quente completo, duas Cocas Zero, um pacote de balas. E Cooper fez o seu: um cachorro-quente completo, uma Coca... e um Snickers.

– O que eu posso dizer? – disse ele, com um sorriso doce. – Você exerce um tipo de poder sobre mim. – Ele entregou o Snickers a ela, e seus dedos roçaram de leve em sua mão. Sawyer sentiu o mesmo calor com o qual acreditava que nunca se acostumaria.

– Hum, você está aqui sozinho?

Cooper deu de ombros.

– Com alguns caras da equipe de corrida. Mas nossos lugares são uma porcaria. Acho que eu vou procurar outro lugar para me sentar.

Sawyer franziu o nariz.

– Nossos lugares também são uma porcaria.

– Foi o que eu quis dizer – Cooper corrigiu –, nossos lugares não são ruins o suficiente. Posso me sentar com vocês?

Sawyer riu, adorando a ansiedade que sentia cada vez que Cooper olhava para ela. Mas foi só chegar à arquibancada para a ansiedade boa se transformar em culpa. Ela se sentou em seu lugar ao lado de Chloe, entre ela e Cooper.

Chloe olhou para Sawyer.

– Eu só pedi doce.

– Cala a boca.

Chloe explodiu numa risada que Sawyer achou meio exagerada. Ela olhou para Chloe e para Cooper, imaginando que talvez sua melhor amiga estivesse com um pouco de ciúmes de Cooper. Sawyer teve muita dificuldade fazendo malabarismos entre Chloe e Kevin, sendo que Chloe era quem mais acabava ficando de lado. Ela dizia que não se importava, mas Sawyer sabia que isso não era verdade.

Os três assistiram ao jogo em silêncio até o alarme soar e o time de futebol trotar de volta para o vestiário. As animadoras de torcida dançavam no meio do campo, remexendo o traseiro ao som de músicas com letras de duplo sentido e

um baixo pulsante. Quando a música acabou, as garotas correram e começaram a ajeitar um enorme pano branco.

– Senhoras e senhores – alguém disse pelo alto-falante. – Por favor, prestem atenção à tela sendo aberta no centro do gramado. Nós assistiremos agora a um pequeno vídeo em homenagem a Kevin Anderson.

Chloe e Sawyer se entreolharam, e Chloe demonstrou preocupação.

– Você está à vontade? Ou quer ir embora?

Sawyer se esforçou para dizer de modo tranquilo:

– Está querendo me dizer que cansou de olhar para a bunda do Ryan?

Chloe revirou os olhos.

– Eu não estava olhando para a bunda do Ryan. Pelo menos não o tempo todo. Mas sério, podemos ir embora.

Sawyer chacoalhou a cabeça, erguendo o maxilar.

– Não, estou bem.

– Jura?

– Sim – Sawyer esfregou as mãos na calça jeans e se virou para Cooper. – Como estava seu cachorro-quente?

– Era tudo o que eu queria num lanche, mais nitratos.

Os primeiros acordes de música soaram pelos alto-falantes e Sawyer respirou fundo, olhando para a tela quando uma foto de Kevin bebê apareceu, com três metros de altura à sua frente.

Ela sentiu uma pontada de dor, mas nada com que não pudesse lidar. Quando uma foto de Kevin adolescente, vestindo o uniforme do time de futebol americano, apareceu, Sawyer sentiu o cachorro-quente revirar em seu estômago, causando náusea. Pelo menos foi isso o que ela disse a si mesma, sem admitir a culpa, e uma leve onda de medo.

Os slides continuaram durante toda a música, e Sawyer assistiu com estranha atenção, as emoções se misturando a cada nova foto. Conforme as fotos foram chegando perto do fim da vida de Kevin, Sawyer sentiu o coração começar a bater forte; sentiu-se suada e abafada com a camiseta do Hornet. As pessoas nas arquibancadas pareciam se inclinar para ela, mais perto, olhando. A ansiedade tomou seu peito, como garras, como agulha sendo espetadas.

– Tenho que sair daqui. – Ela se levantou e passou por Chloe, pela fileira de estudantes e desceu as escadas das arquibancadas, dois degraus de cada vez ao se aproximar do fim. Quando chegou à lanchonete, estava no meio de um ataque de pânico, e se refugiou num dos espaços frios e escuros debaixo da arquibancada, curvou-se e se esforçou para puxar o ar frio. De repente, parecia não caber dentro de si, pois a pressão, culpa, raiva, tristeza e pânico eram grandes demais. Não sabia ao certo quando começara a chorar.

– Sawyer?

Ela mal conseguiu ver na escuridão debaixo das arquibancadas, mas reconheceu a voz.

– Cooper?

– É. você saiu correndo feito uma bala. Tentei alcançá-la, mas você sumiu na multidão.

– Desculpe, Cooper, eu só... – Ela chacoalhou a cabeça, odiando o modo

como as palavras saíram, embargadas pelo choro – ... estou doida – ela sussurrou por fim.

Cooper caminhou com cuidado até ela no escuro. Sawyer sentiu os dedos dele primeiro em seu pulso, e então, subiram pelo braço. O toque dele causava arrepios, apesar de o corpo dela estar tomado pelo pânico.

Quando se deu conta, estava abraçada a Cooper, e ele a abraçava também, dedos cruzados em suas costas. E ela chorava. Soluções enormes, de fazer tremer o corpo todo, e deixaram uma mancha úmida no peito dele. Sawyer soluçava e tossia. Ela saiu do abraço, sentindo a falta de Cooper perto dela na mesma hora.

– Desculpe. – Ela parou de chorar, usando o punho para enxugar as lágrimas no rosto.

Cooper chegou mais perto, a abraçou com cuidado, dessa vez sem puxá-la para perto.

– Não precisa pedir desculpa. Ele era seu namorado, Sawyer. Você o amava. É normal ficar triste.

Um tremor, tão forte que fez seus dentes baterem, tomou conta de seu corpo, e ela começou a chorar novamente.

Realmente eu amei o Kevin, ela pensou, *um dia*. Mas já não o amava fazia tempo. Perto do fim, ele a beijava com a mesma frequência com que a agredia, e um ódio profundo havia se instalado bem dentro de seu peito. Ela queria terminar com ele; tentou várias vezes, mas ele sempre a atraía de volta, com promessas, pedidos e ameaças.

Eu me mataria se você me deixasse, Sawyer, Kevin disse uma vez, quando eles estavam deitados, corpos entrelaçados, na grama. *Eu não conseguiria viver sem você*. Na época, ela achava que o sentimento era profundo e real, uma afirmação do amor imortal deles. Mas acabou se tornando uma ameaça tão real e cheia de ódio, de culpa. Ele precisava dela. Kevin Anderson precisava tanto a ponto de não conseguir viver sem ela.

Fazia muito sentido, na época.

As lágrimas cessaram abruptamente, e dessa vez, foi Sawyer quem puxou Cooper para perto de si. Ela o apertou contra seu peito, e seus lábios, rachados pelo choro, acharam os dele. Ela o beijou com força, com paixão e raiva por algo de que sentia falta. Seus lábios se entreabriram e sua língua entrou na boca de Cooper enquanto ela o abraçava. Ela não sabia o porquê, mas *precisava* disso. Era quase como se precisasse que Cooper tirasse o gosto – ou a lembrança – de Kevin.

Cooper gemeu quando Sawyer se encostou nele, o corpo se amoldando ao dele, aquele calor percorrendo seu sangue, acionando todos os seus sentidos. Ela queria Cooper Grey.

Seus olhos se abriram quando sua mente começou a desacelerar, a clarear. Foi quando ela viu a figura debaixo das arquibancadas com eles, movendo-se devagar, hesitante a princípio, a ponto de Sawyer não ter certeza do que tinha visto de fato. Ela se afastou de Cooper e apertou os olhos para ver melhor. Então, Logan apareceu na luz.

Seu rosto estava tenso, obviamente ele havia testemunhado o jeito com que Sawyer envolvera Cooper – a Sawyer que havia dito para Logan que não estava

pronta ainda para sair com ninguém.

Ele olhou para ela, e Sawyer pensou ter visto a luz mostrar um brilho úmido nos cílios inferiores dele. Ele se virou para se afastar e Sawyer se sentiu tomada por culpa e vergonha.

– Logan – ela chamou. – Logan! – Ela se afastou de Cooper e correu atrás de Logan, mas quando chegou à área iluminada em frente à lanchonete, Logan havia desaparecido em meio à horda de garotos rondando por ali. – Logan? – Sawyer tentou mais uma vez.

Cooper apareceu atrás dela, do lado esquerdo, secando os lábios com a mão. Seu rosto estava corado e os olhos pareciam meio atordoados.

– Aquele menino, o Logan, viu a gente?

Sawyer olhou para Cooper boquiaberta. Banhada pelas luzes do estádio, ela não soube o que dizer. Finalmente, balançou a cabeça, olhou nos olhos dele e disse:

– Desculpe, Cooper. Nós realmente não devíamos ter feito aquilo.

Havia um zumbido de estática no ar quando Sawyer entrou com o carro no estacionamento de estudantes na segunda-feira de manhã. Não havia nada muito diferente; as animadoras de torcida de sempre ajeitando os rabos de cavalo no espelho retrovisor dos carros, um jogo de futebol americano estava sendo improvisado numa área lateral, mas havia algo estranho, intenso, com uma energia que fazia Sawyer se sentir alerta, sentindo um calor desconfortável.

Sawyer alcançou Lemon Valour enquanto ela ia em direção ao ginásio de tijolos aparentes, com a cabeça baixa e dedos apertando as teclas do telefone cor-de-rosa e cheio de enfeites.

– Oi, Lemon, o que está rolando?

Lemon olhou para a frente, mostrando-se surpresa por ver Sawyer ali.

– Você não ficou sabendo?

Sawyer deu de ombros e Lemon parou, deslizando o telefone para dentro do bolso do casaco.

– Foi o professor Hanson.

Sawyer prendeu a respiração; sentiu a pele pinicar e o calor e o desconforto aumentaram.

– O... o que tem o professor Hanson? – Ela imediatamente se lembrou da respiração quente do professor em seu pescoço, os braços dele ao redor de sua cintura, e começou a suar frio. – Tinha umas viaturas de polícia paradas aqui na frente. Eles estavam aqui para... ele foi...

Lemon assentiu e usou o dedo indicador para cutucar o delineador.

– É. Ele morreu.

– Quê? – Sawyer se assustou.

– Morreu – disse Lemon de maneira firme. Então, seu celular tocou um som ridículo e ela o pegou, apertando-o contra o ouvido. Olhou para Sawyer.

– Foi bom falar com você, S. Tenho que ir. Tem psicólogos dando atendimento no salão central se você quiser se livrar da aula de trigonometria.

Os barulhinhos repetidos dos saltos de Lemon ressoaram nos ouvidos de Sawyer enquanto ela permaneceu paralisada no asfalto do estacionamento de estudantes.

O professor Hanson está morto?

Morto.

A palavra ricocheteou por sua mente.

Sawyer entrou no pátio da escola. O último sinal ainda não havia tocado, então os alunos ainda estavam espalhados, alguns de nariz vermelho, assoando em lenços, a maioria só perambulando, com rosto inexpressivo. Ela encontrou Chloe sentada numa das mesas do lado de fora, com as pernas balançando e olhando para o vazio, o rosto sério.

– Oi, Chloe, o que está acontecendo?

Chloe fungou, o nariz muito vermelho.

– O professor Hanson morreu.

– É, fiquei sabendo. Ei, você está bem? Eu nem sabia que você conhecia o professor Hanson. Quer dizer, além de quando o comia com os olhos... – Ela tentou dar uma risadinha, tentou deixar a conversa um pouco mais leve.

Chloe permaneceu inexpressiva.

– Ele é... foi o conselheiro da sociedade de honra ano passado.

– Ei, como está a sua testa? Seus pais falaram alguma coisa? – Sawyer tentou tocar Chloe, mas ela se encolheu.

– Você acredita que estão falando que o cara foi assassinado?

Sawyer sentiu o estômago embrulhado.

– Assassinado?

Chloe passou o dedo pela garganta.

– Cortaram a garganta dele?

– Talvez. Soube que o marido da amante dele atirou no pinto dele, que o amante gay dele atirou no pinto dele, que aquele garoto esquisito que cheirava a chulé e salgadinho e sempre usava o mesmo casaco de capuz preto voltou e o esfaqueou. Ah, e que ele escorregou e bateu a cabeça numa estátua do Cesar Chavez – Chloe deu de ombros. – Mas, de qualquer modo, nosso professor está morto. Meio assustador, não?

Sawyer engoliu em seco e assentiu. Chloe não sabia nem de metade da história.

O diretor Chappie passou correndo pelo pátio e Sawyer foi atrás dele.

– Ei, diretor Chappie, é verdade que o professor Hanson... – Sawyer não conseguiu dizer a palavra, não conseguia acreditar que teria que usar a palavra “morreu” de novo durante sua adolescência – ... faleceu?

O diretor Chappie parou, com um olhar de solidariedade treinada. Pousou uma mão delicadamente no ombro de Sawyer, com um toque tão leve que ela quase não o sentiu por cima da blusa.

– Sim, srta. Dodd, infelizmente.

– Bom, o que aconteceu?

– Não acho que eu deva...

– Por favor – Sawyer percebeu o desespero em sua própria voz –, por favor. Acho que ajudaria todo mundo. – Ela acenou, indicando seus colegas. – Vários boatos estão sendo espalhados, acho que saber a verdade faria os alunos se sentirem melhor a respeito do que aconteceu.

O diretor Chappie pareceu pensar um instante naquilo, mas sua mandíbula permaneceu tensa.

– Além disso, nossos pais podem estar preocupados. Podem não querer que fiquemos aqui.

O diretor corou, nervoso.

– Nossos estudantes não correm nenhum perigo, srta. Dodd. Mas acho que devemos contar a verdade para pôr fim a esses rumores. Não quero que ninguém pense nada errado, e certamente não quero preocupar os pais. Faremos um anúncio formal.

– E então? – Sawyer ergueu as sobrancelhas, e o diretor Chappie parecia estar pensando, escolhendo as palavras corretas.

– Parece que o professor Hanson morreu de anafilaxia.

– Anafilaxia? Tipo uma reação alérgica?

O diretor assentiu brevemente.

– Sim.

– A maioria das pessoas alérgicas não usa medicamentos?

O diretor Chappie deu de ombros.

– Não tenho certeza. Mas ele deve ter comido alguma coisa com amendoim sem saber, talvez na sala dos professores. Ele era muito alérgico.

Sawyer sentiu os olhos se arregalando.

– Então aconteceu aqui? Na escola?

O diretor passou a falar mais baixo.

– Infelizmente, sim. Essa é a parte que gostaríamos de manter em sigilo. Acho que as pessoas não precisam saber de todos os detalhes. Posso contar com você, Sawyer?

– Hum, claro, diretor. Eu... eu não vou falar nada sobre isso.

– Como deve imaginar, vamos cancelar o treino de corrida dessa tarde, e todas as outras atividades estudantis da semana.

Sawyer assentiu sem nada dizer, e se afastou.

– E aí? – perguntou Chloe, agarrando seu braço. – O que você descobriu?

– O professor Hanson morreu de anafilaxia.

– O que foi? Tipo uma picada de aranha, de abelha ou algo assim?

– Ele era alérgico a amendoim.

Chloe ergueu as sobrancelhas.

– Por que ele comeria amendoim se era alérgico?

– Eu não sei. Ei, sua mãe é alérgica a abelhas, certo?

– É, por quê?

– Ela leva epinefrina com ela?

Chloe assentiu.

– O tempo todo. Maço de Marlboro, foto do Tom Hanks, epinefrina.

– Você não acha que o professor Hanson teria um desse remédio? Afinal, alergia a amendoim – Sawyer olhou em volta – em uma escola?

Chloe deu de ombros.

– Sanduíche de manteiga de amendoim com geleia é o preferido dos alunos. Mas o que você quer dizer?

– Só me parece estranho o professor Hanson não ter um remédio se era tão alérgico.

– Talvez ele não tenha conseguido usá-lo a tempo. Você tem que usar, tipo, na hora. Eu sei, o médico da minha mãe me ensinou a usar. Quando eu tinha seis anos, minha mãe chegou bêbada, quatro da manhã, e eu enfiei a epinefrina na

coxa dela. Achei que ela tinha sido picada.

– De madrugada?

Chloe deu de ombros.

– Enfim, o que você está dizendo? Alguém forçou o professor Hanson a comer os amendoados?

Sawyer chacoalhou a cabeça e Chloe franziu a testa.

– Talvez ele fosse meio suicida – disse ela.

Sawyer sentiu o sangue gelar nas veias, acompanhado de um arrepio forte.

Ou alguém era, pensou.

Sawyer foi para a primeira aula meio amortecida, observando o mundo em câmera lenta com borrões e sons ininteligíveis. Policiais passaram por ela, e psicólogos levavam os alunos para salas com cortinas fechadas. Sawyer respirou fundo enquanto caminhava até o armário, sentindo a ansiedade virar medo dentro de si. Girou a combinação de números e se preparou para encontrar... *O quê?* Ela imaginou. *A cabeça do professor Hanson? Outra carta misteriosa?*

– Cresça, Sawyer – ela murmurou para si mesma.

Tentou rir e se livrar da sensação ruim e puxou com força a porta do armário.

– Uôô – disse Logan, pulando para trás. – Avalanche.

Sawyer olhou para Logan envergonhada, sentindo calor e o suor na testa.

– Me desculpa.

Ela se abaixou junto com Logan, e os dois bateram a cabeça. Logan caiu para trás, esfregando a testa, sorrindo.

– Me desculpa – disse Sawyer.

– Ei, está tudo bem. Você está bem?

Ela começou a empilhar os livros, assentindo sem parar, procurando algum vestígio de papel verde-claro.

– Estou bem. Eu só... só...

Logan se esticou e colocou a mão no ombro de Sawyer. O toque foi tão delicado e hesitante quanto seus olhos. Sawyer percebeu que gostava daquele olhar e relaxou.

– Desculpa, só estou meio nervosa.

– É, não é todo dia que alguém cai morto no *campus*. Sawyer olhou para Logan. As palavras soaram estranhas e frias. Ele olhou para ela também, esboçando um sorriso.

– Quer dizer, você sabe.

Sawyer voltou a arrumar os livros.

– É, é, eu sei.

Logan continuou abaixado, mas em silêncio por um instante. Molhou os lábios e disse:

– Ei, queria te agradecer de novo pela carona aquele dia.

– Sem problema. – Sawyer enfiou o último livro no armário e fechou a porta.

– Desculpa de novo, Logan, mas preciso ir para a aula.

– Certo. – E então: – Ah, espere. Ei, Sawyer, isto é seu?

Sawyer parou sem se virar, o estômago revirado. Não queria ver o que Logan lhe oferecia. Ele parou na frente dela, abrindo um sorriso, olhos ainda calmos. Mostrou um caderno de música.

– Isto é seu, certo?

O alívio tomou seu corpo.

– Ah. Certo.

– Sawyer Dodd? – A voz emitida do sistema de alto-falante era grave e ecoou nos metais e no linóleo do corredor. – Sawyer Dodd, favor comparecer à sala da administração.

Sawyer olhou para o alto-falante.

– Parece que alguém deve estar encrencada. – Logan tentou brincar, mas Sawyer não conseguiu achar graça. Ele corou no mesmo instante e olhou para o chão. – Estou brincando. Eu sei que você não... sabe, você não é do tipo que se mete em encrenca.

– Obrigada, Logan. Parece que eu tenho que ir. – Sawyer se virou, livro contra o peito, e Logan a acompanhou.

– E se eu acompanhar você?

– Não precisa mesmo.

– Tarde demais. – Logan apontou para a porta da sala da administração. – Já chegamos.

Logan se virou e acenou de modo esquisito, e Sawyer ficou parada no corredor, observando o garoto atravessar o corredor.

– Sawyer Dodd, favor comparecer à sala da administração. – A voz repetiu, um pouco mais insistente dessa vez. Sawyer suspirou e abriu a porta.

A sala da administração estava cheia de alunos ziguezagando pelas portas laranjas que dividiam o escritório dos fundos da parte da frente. A maioria deles carregava pastas de arquivos ou pilhas de documentos.

Sawyer pigarreou.

– Sou Sawyer Dodd – disse para ninguém em especial. A garota no balcão mais próximo hesitou e fez uma bola de chi-clete do tamanho de sua cabeça. Voltou a recolher o chiclete, com os olhos ainda fixos em Sawyer. Apertou o botão preto do interfone a sua frente, e Sawyer percebeu o chiclete fazendo volume dentro da boca, na bochecha.

– Sawyer Dodd?

– Sou eu.

– Oh. – A garota parecia surpresa por vê-la. – O diretor Chappie quer falar com você.

– Sobre o quê?

A garota deu de ombros e voltou a mastigar o chiclete. Ela apontou para uma fileira de bancos em frente ao escritório fechado do diretor Chappie.

– Pode esperar ali, por favor.

Sawyer ajeitou a mochila e obedeceu, arrastando os pés. Observou distraidamente as pontas dos tênis, bateu um pé no outro, e uma nuvem de pó vermelho surgiu entre eles.

Sawyer olhou para os sapatos, para o pó vermelho que agora cobria o carpete cinza. Sentiu a pele formigar e se endireitou, esticando a mão esquerda lentamente para a frente. Mexeu os dedos. Ela se viu esticando a mão debaixo da cama na penumbra. Lembrou da sensação de encontrar o tênis, da sujeira em sua mão. Das bolinhas de lama seca sob seus dedos.

Então, lembrou-se da fotografia que o detetive Biggs mostrou para ela.

Sawyer sentiu um aperto na garganta. Passou a língua nos lábios secos como papel. *Como o tênis – só um pé – havia ido parar debaixo da cama?*

Seu corpo começou a tremer de modo lento e dolorido.

Como podia haver lama nele?

Sawyer se lembrou do tom seco da voz do detetive Biggs ao mencionar que alguém poderia estar presente quando Kevin morreu. Que uma mulher pode ter puxado o banco do passageiro para trás, e ficado com um sapato preso na lama quando saiu.

Um pé de sapatilha prateada, coberto de lama.

Sawyer se inclinou para a frente e segurou a cabeça com as duas mãos, a mente a mil por hora, tentando voltar ao dia que desesperadamente tentara esquecer nas últimas três semanas, bloqueando de suas lembranças.

Tinha tomado o remédio? A lembrança tinha sido apagada ou só bloqueada?

Ela se sentiu sufocada enquanto o coração parecia querer sair do peito de tão forte que batia. Balançou a cabeça.

Não. Não tem como. Eu me lembraria... certo?

Sentiu o vento no rosto, a brisa úmida enquanto ela corria pela colina, aumentando a distância entre ela e Kevin.

– Eu estava correndo – Sawyer murmurou. – Se eu estava correndo, não podia estar usando sapatilhas.

Ela pensou, fechou seus olhos, tentou se lembrar da sensação a cada vez que seus pés tocavam o chão. Antes de cada corrida, ela fechava os olhos e se concentrava na sensação dos pés batendo no chão em ritmo perfeito, pisando a terra vermelha da pista com suavidade suficiente para ser impulsionada para mais uma passada.

Qual era a sensação no pé?

– Srta. Dodd? – O diretor Chappie esticou a cabeça para fora da sala, e sua voz levou Sawyer de volta à realidade. Ela suspirou ao perceber que não conseguia visualizar a si mesma saindo de casa naquela noite.

– Estou aqui – disse Sawyer, levantando-se lentamente.

O diretor Chappie deu um passo para o lado e guiou Sawyer pelo corredor. Ele abriu a porta e ela o seguiu.

– Sawyer – disse o diretor Chappie, com o braço estendido, – esta é a srta. Alum, psicóloga.

Sawyer engoliu em seco, olhando para o diretor Chappie e então para a psicóloga baixa, de cabelos escuros, que não deveria ser cinco anos mais velha que ela. Ela tinha cílios grossos sobre olhos castanhos bem abertos e vestia um terninho cor de carvão que era, ao mesmo tempo, discreto e sensual.

– Não preciso conversar com uma psicóloga, diretor Chappie. Desculpe, srta. Alum. Já me fazem passar com uma psicóloga duas vezes por semana. Estou bem servida de psicologia. – Sawyer colocou a mochila no ombro e se virou para ir embora, mas parou quando deu de cara com um homem de terno e bigode, com dedos gordinhos segurando um caderno de couro.

– E esse é o detetive Biggs.

Sawyer soltou o ar.

– Oh.

O calor subiu por seu rosto e Sawyer se esforçou para se manter calma, pensando que o detetive poderia perceber sua culpa, sua confusão em relação à noite, ao sapato enlameado debaixo de sua cama.

– Olá, Sawyer.

Sawyer fez um movimento e sentiu a cabeça se inclinar numa espécie de aceno.

O detetive Biggs deu um sorriso que não era bem um sorriso, com os dentes amarelados de nicotina.

– Sinto muito termos que nos encontrar de novo assim. Nesse tipo de situação.

– É – disse Sawyer, lambendo o lábio inferior, sentindo o coração acelerar. Até a morte de Kevin, ela só tinha visto detetives na televisão. Agora, parecia ter um só para ela.

O detetive Biggs a encarou, e Sawyer sentiu uma vontade maluca de sair correndo. Não queria que nada daquilo acontecesse. Queria ser normal de novo, ficar olhando para o relógio na aula de biologia, decidir o vestido que usaria na formatura.

– Pode se sentar, por favor, srta. Dodd? – o diretor Chappie pediu com gentileza.

Sawyer deu um passinho para trás, e o detetive ainda a encarava. Ele esboçou o que parecia ser um sorriso de detetive, ela pensou.

– Você não precisa ter medo de nada, Sawyer.

Sawyer não gostava do jeito como o detetive dizia seu nome quando falava com ela, como se o dissesse devagar, sílaba por sílaba. Sawyer se afundou numa poltrona diante da srta. Alum e o detetive Biggs se sentou ao lado dela, pegando o mesmo caderno de capa de couro que ele usara na casa dela. Sawyer tentou imaginar se ele o havia comprado apenas para aquele caso.

– São só algumas perguntas de rotina, compreenda.

Sawyer olhou para os rostos ao seu redor: a srta. Alum era bonita, mas se esforçava para parecer séria e simpática ao mesmo tempo; o diretor Chappie contraía os lábios e estava passando o polegar sobre o relógio, evidentemente impaciente; e o detetive Biggs parecia recém-materializado de um programa policial de TV, com açúcar nos cantos da boca e as sobrancelhas grossas formando um V.

– Perguntas de rotina sobre o quê? – Sawyer não sabia ao certo se realmente fizera a pergunta. Sua voz estava muito estranha, e embora não soubesse o porquê, enrubescou, sentiu os joelhos fraquejarem e a salivação típica de quem vai vomitar. – Oh, Deus, desculpem, estou passando mal.

A srta. Alum deu tapinhas nas costas de Sawyer.

– Quer que eu te leve ao banheiro?

Sawyer negou com a cabeça e o detetive Biggs entregou a ela um copo de isopor com água. Ela deu um golinho, os olhos brilhando atrás do copo.

– Acho que estou bem – disse ela, finalmente.

Dentro da sala de reuniões da escola, Sawyer passou os dedos pela borda do copo de isopor por um minuto. Ninguém disse nada. Por fim, a srta. Alum quebrou o silêncio.

– Está se sentindo melhor?

Sawyer assentiu.

– É perfeitamente normal ter reações físicas a situações de forte estresse emocional.

Sawyer assentiu de novo, escutando a ladainha decorada dos livros da srta. Alum.

– É só que tem acontecido muita coisa.

– Está se referindo ao Kevin.

Aquela era a resposta-padrão e Sawyer seguiu o roteiro: um aceno de cabeça silencioso e olhos úmidos – uma adolescente de coração partido em luto pela morte de seu primeiro amor.

A srta. Alum esticou a mão como se quisesse acariciar a de Sawyer, mas mudou de ideia, ou se lembrou da seriedade dos pais de alunos, e uniu as mãos no colo.

– Você quer conversar sobre ele?

– Não.

– E sobre o sr. Hanson?

Sawyer engoliu em seco, sentindo vontade de vomitar de novo.

– Por que você está me perguntando sobre ele?

– Perguntamos para todo mundo. Sei que o sr. Hanson era popular entre os alunos. Ele era seu professor de espanhol, certo?

– Sim.

– A morte dele deve ter sido um tremendo choque, especialmente depois do que aconteceu.

Sawyer contraiu a mandíbula.

– Está dizendo isso porque meu namorado morreu? Porque sou frágil e eles me dão remédios?

A srta. Alum corou.

– Não, não é isso. E antidepressivos não são motivo para se envergonhar, Sawyer. Eles são um remédio para um problema que você tem. Você vai melhorar.

Ela piscou os olhos enormes, e Sawyer se arrependeu um pouco pela forma levemente grosseira com que dissera as palavras.

– Só estou aqui caso você queira conversar, dividir quaisquer sentimentos ou se quiser falar sobre o que está sentindo.

Sawyer arrancou um pedacinho de isopor do copo.

– Estou bem.

– Certo – disse a srta. Alum lentamente –, então você não vai se importar em responder algumas perguntas do detetive Biggs.

– Espere, como assim? Por que eu preciso responder a mais perguntas? – Sawyer virou-se na cadeira para olhar para o detetive Biggs, que segurava o caderninho em uma mão e a caneta na outra.

– Mais uma vez, sinto muito por nos encontrarmos de novo nessas circunstâncias. Tentarei ao máximo fazer isso de forma rápida e indolor.

– Você tem permissão para fazer isso? – perguntou Sawyer, sentindo-se muito nervosa de repente, segurando com força os braços da cadeira.

– O diretor Chappie conseguiu a autorização de seus pais.
– Dos meus pais? Minha mãe é advogada. Não tem como ela deixar você falar comigo, principalmente porque não sei nada... nada sobre o professor Hanson. – Ela começou a pegar a mochila. – Preciso ir para a aula.

O detetive Biggs apertou a ponta da caneta contra o braço de Sawyer.

– Sua mãe estava em casa quando telefonamos.

– Não, ela... Tara? Você está falando de Tara. Você falou com Tara, minha madrastra. Ela não pode... ela não pode falar o que eu devo fazer. – Sawyer percebeu seu jeito reticente. – Ela não sabe o que eu posso fazer.

– Seu pai retornou a ligação e concordou. Eu falei com ele pessoalmente. Tem alguma razão para você não querer conversar comigo hoje, Sawyer? – As bochechas flácidas do detetive Biggs se moveram quando ele sorriu de um jeito estranho. – Você não está encrencada. Só queremos saber com mais clareza o que aconteceu nas horas anteriores à morte do sr. Hanson.

Sawyer puxou as mangas da blusa para cobrir os punhos cerrados.

– Então por que está perguntando para mim?

– O diário de classe do sr. Hanson estava aberto nos seus registros. Parece que ele estava fazendo anotações. Você conversou com ele sobre isso?

Sawyer balançou a cabeça para negar, olhando para a blusa sobre as mãos.

– Você viu o sr. Hanson depois da aula, Sawyer?

Sawyer sentiu a mesma sensação de repulsa subindo por suas costas.

– Sim. Só por... – ela pausou, puxando o ar para se controlar. – ... só para pedir ajuda com a lição de casa.

– E que horas foi isso?

Sawyer deu de ombros.

– Duas, quase três, acho.

– E você pode nos dizer o que se sucedeu quando você conversou com o sr. Hanson a respeito de sua lição de casa?

– Se sucedeu?

– O que aconteceu, Sawyer?

Sawyer encolheu os joelhos contra o peito.

– Nada. Ele me deu minha prova. Tirei uma nota ruim. Ele me disse como eu poderia melhorá-la.

– E como seria?

Sawyer mordeu o lábio.

– Hum, com créditos.

– Lição de casa a mais, um trabalho, esse tipo de coisa?

Sawyer assentiu.

– Isso. Esse tipo de coisa.

– E como estava o sr. Hanson quando você foi embora?

Tarado, Sawyer quis responder, *excitado*. Mas apenas deu de ombros.

– Acho que bem.

– Nenhum sinal de um problema respiratório?

Sawyer balançou a cabeça e mordeu a unha.

– Não.

O detetive Biggs anotou algo em seu caderno e deu batidinhas com a ponta da

caneta, como se pensasse o que perguntaria em seguida.

– Ele estava comendo alguma coisa? Você viu algum alimento na mesa dele? Ele ofereceu alguma coisa para você comer?

– Não, não vi nada – disse Sawyer. – E ele estava bem quando eu saí.

Biggs fez um bico.

– E você não deu nada para ele? Um sanduíche, um biscoito, ou...

Sawyer sentiu-se aterrorizada.

– Você acha que eu sou a culpada?

– Não, não – a srta. Alum interrompeu.

– Só queremos saber com clareza...

– O que se *sucedeu*, eu sei. Mas eu não fiz nada. Eu não o forcei a comer amendoim nem nada disso. É isso que vocês estão pensando?

– Nós sabemos que você não faria nada de propósito. Mas só para eu saber, como sabia que o sr. Hanson comeu amendoins?

Sawyer abriu a boca.

– Eu... o diretor Chappie me contou.

Os olhos do diretor Chappie se arregalaram, encarando Sawyer.

– Mas todo mundo sabe – Sawyer se recuou, – todo mundo sabia que o professor Hanson era alérgico a amendoim. Ele tinha uma placa proibindo amendoim na sala dele.

– Uma placa proibindo amendoim? – perguntou o detetive Biggs.

– Uma placa com um amendoim e um traço vermelho por cima. – Sawyer moveu o braço para explicar que se tratava de um círculo com uma faixa por cima, e se sentiu ridícula no mesmo instante. – Todo mundo sabia. – Ela concluiu delicadamente.

– Está tudo bem, Sawyer, obrigado. Depois de falar com o sr. Hanson, você foi direto para sua casa?

– Não. Quer dizer, sim. Eu dei carona para um colega. Eu o deixei e então, sim, fui para casa.

O detetive Biggs contraiu os lábios e releu suas anotações, que Sawyer imaginava serem apenas uma série de não e nada mais.

– Ok, bem, só queria fazer essas perguntas.

Sawyer se sentiu aliviada.

– Só isso?

– É – o sorriso do detetive Biggs foi gentil, quase paternal. – A não ser que você queira admitir alguma coisa. – Ele riu, e os botões de sua camisa se mexeram.

Sawyer recuou na cadeira.

– Não, obrigada.

Enquanto saía da sala de reuniões e do departamento administrativo, Sawyer respirou fundo, puxando a camiseta úmida de suor das costas. Seu ritmo cardíaco já tinha voltado ao normal quando alguém a chamou.

– Oh, Sawyer, eu estava quase mandando um bilhete para você. – A sra. Cambert, secretária da escola, do topo de seu topete grisalho até as pontas dos sapatos, sorriu para Sawyer. Ela estendeu um vaso enorme de flores para ela. – Chegaram para você.

Sawyer hesitou ao ver as rosas vermelhas, botões grandes como punhos, dos quais exalavam aromas de eucaliptos e cheirinho de bebê. Abriu um sorriso.

– São para mim?

A sra. Cambert tirou um envelope branco do meio das folhas e o colocou na mão de Sawyer.

– Esse é seu nome, não?

Sawyer assentiu ao ver seu nome impresso na frente do envelope.

– Com certeza é. – Sawyer passou um braço ao redor do vaso e o recostou no quadril, ainda sorrindo. – Muito obrigada, sra. Cambert. – Ela foi para o corredor, apoiou o vaso na borda do bebedouro e passou um dedo por baixo do selo do envelope.

Viu um papel verde-claro e prendeu a respiração.

Sawyer,

Você sabe que eu faria qualquer coisa por você.

Não foi a mensagem que assustou tanto Sawyer, mas, sim, o pedaço de plástico que escorregou com o bilhete. Com os dedos tremendo, ela abriu o pequeno lacre.

– Óleo de amendoim? – ela murmurou para si mesma. – Que raios é... – Seu coração parou quando ela leu: *100% óleo de amendoim prensado a frio*. Um círculo preto estava desenhado a caneta na parte de baixo do rótulo. Ao lado, havia o desenho de uma carinha sorridente. Sawyer apertou os olhos para ler as letras miúdas. “Cuidado: alérgeno”

O tremor que começou nos dedos de Sawyer se espalhou pelo corpo todo até seus dentes começarem a ranger e os ossos parecerem se chacoalhar. Na garganta, ela sentiu um nó, e teve dificuldade para respirar, sentindo o sangue correr em sua cabeça, que latejava e seus olhos se encheram de lágrimas.

É essa a sensação da asfixia?

Ela fechou bem os olhos e tentou se concentrar para voltar ao controle.

Será que foi assim que o professor Hanson se sentiu?

Vagamente, ela sentiu o vaso escorregar de sua mão, ouviu o eco do vidro se espatifando no chão, a água formando uma poça a seus pés. As rosas se espalharam, pétalas rosas em meio a pedaços de vidro, cortadas, rasgadas, se dobrando.

– Srta. Dodd? – Sawyer ouviu a mil quilômetros. – Srta. Dodd?

Ela sentiu o toque de uma mão em seu ombro e tentou focar os olhos na figura a seu lado. Tentou mover os lábios, o corpo, mas só conseguiu segurar a embalagem do óleo na mão, o barulho denunciador do plástico chamando a atenção de todos, para que vissem a garota capaz de causar a morte de um homem.

– Chamem a enfermeira! – o detetive Biggs gritava olhando para trás, o toque mais firme, segurando Sawyer em pé.

– Estou bem – ela finalmente conseguiu dizer. — Estou bem. Eu só escorreguei e...

A enfermeira da escola apareceu em seguida, uma mulher que se dividia nas tarefas de merendeira e, às vezes, de bibliotecária. Seus lábios estavam contraídos, o olhar era simpático, e seu suéter cor-de-rosa com botões nos ombros parecia asas de morcego.

– Oh, Sawyer – ela olhou para Sawyer e então para o detetive Biggs. – Ela teve umas semanas difíceis. Devo chamar seu pai, querida?

Sawyer deu um passo para trás, afastou-se do detetive Biggs, pisando no vidro estilhaçado. Ela lambeu os lábios completamente secos e assentiu.

– Sim, por favor. Acho que eu preciso ir para casa me deitar.

A enfermeira Tucker pôs o braço sobre os ombros de Sawyer e apertou sua mão no queixo dela. Seus dedos eram macios e frios, e Sawyer precisava de conforto, precisava de sua mãe.

– Isso tudo deve ser demais para você. Primeiro o Kevin, agora o sr. Hanson – disse ela, aconchegando Sawyer. Então, ela passou a falar mais baixo, mas seu sussurro ainda era completamente audível, olhando na direção do detetive Biggs. – O namorado dela era Kevin Anderson, sabe? O que morreu no acidente. Foi tão trágico.

Sawyer não precisou olhar para saber que o detetive assentiu. Nas últimas três semanas, as pessoas trocavam olhares sempre que ela estava por perto, olhares

que falavam mais do que palavras, olhares que deixavam claro para Sawyer que ela estava e estaria para sempre ligada à morte de Kevin, mais do que estivera ligada à vida dele. Sua garganta se fechou ainda mais e ela se inclinou para a frente, ofegante.

– Oh, querida!

– Não – Sawyer balançou a cabeça, levando a mão fechada que guardava a embalagem do óleo de amendoim ao rosto para secar lágrimas e o nariz. – Você pode só avisar meu pai que eu fui autorizada a sair? Preciso ir para casa agora.

– Não acho que você esteja em condições de dirigir, Sawyer. Posso levá-la para casa – disse o detetive Biggs.

– Mas eu tenho meu carro.

A enfermeira Tucker fez um gesto com a mão, como se ignorasse o que havia sido dito, e as várias pulseiras em seu braço tilintaram.

– O detetive está certo. Você não deveria dirigir. Pode se deitar um pouco na minha sala para se acalmar um pouco.

Sawyer olhou para a enfermeira Tucker e então para o detetive Biggs, depois para os cacos de vidro e as rosas despedaçadas atrás dele.

– Acho que quero ir para casa agora, por favor.

O detetive Biggs se manteve em silêncio enquanto eles saíam do prédio da administração e entravam no estacionamento. Sawyer ficou grata pelo silêncio; cada vez que o detetive respirava e parecia prestes a falar com ela, ela sentia a pele arrepiada, os músculos tensos e então, desviava o olhar. Biggs pareceu entender o recado e só suspirava.

Ele apontou para o carro dele, e Sawyer esperou ao lado da porta do passageiro, mãos segurando os cotovelos, até ele destrancar a porta.

O carro do detetive Biggs era grande, cinza, sem identificação da polícia, com cheiro de cigarro e McDonald's. Sawyer franziu o nariz quando entrou.

– Desculpe – disse o detetive Biggs, de um jeito levemente simpático. – Meu parceiro fuma.

Biggs tirou do assento do passageiro uma pilha de arquivos manchados de café e embalagens amassadas de *fast food* e Sawyer se sentou, tensa, as mãos apoiadas nas alças da mochila.

Eles saíram do estacionamento da escola e entraram na rua bem quando a chuva começou. Gotas pesadas batiam no teto do carro. Sawyer gostava do som; era calmante. Gostava do jeito como a chuva molhava o para-brisa antes de o limpador passar. Se apertasse bem os olhos, podia fingir que eles estavam em outro lugar, que ela era *outra* pessoa.

– Odeio chuva – disse o detetive Biggs.

– Pegue a rodovia Old Oak, por favor.

– Ah, certo – o detetive assentiu, contraindo os lábios como se pensasse em alguma coisa. – Então, imagino que o Kevin era bem popular na escola.

Sawyer pegou a mochila, colocou-a no colo e passou os braços por cima dela, as mãos desaparecendo dentro das mangas compridas da camiseta.

– Sim.

– Já desempacotou muita coisa?

Sawyer olhou para o detetive, mas ele não olhou para ela. Olhava fixamente

para a rua, concentrado em dirigir o carro grande pela estrada escura.

– Não muita. – Vagamente, ela tentou imaginar se ele sabia do sapato; talvez tivesse um espião, uma escuta, algo assim. Ela apertou mais ainda a mochila. – Desde sua visita.

– Foi trágico o que aconteceu com o Kevin. Eu odeio coisas assim.

Sawyer assentiu, repassando o resto da conversa em sua mente. Era sempre igual quando um adulto tentava conversar com ela: trágico o que aconteceu. Uma pena. Serve para mostrar que nada na vida é definitivo; somos todos mortais.

– Kevin bebia bastante?

Sawyer hesitou.

– O quê?

– Foi um acidente causado por embriaguez, certo? Ele bebia muito?

Sawyer balançou a cabeça, sentindo o rabo de cavalo roçar seu rosto.

– Não, não muito. – Começou a se perguntar por que aquelas perguntas não foram feitas no dia em que o detetive Biggs foi à casa dela.

– Mas ele bebeu naquela noite, com certeza – disse Biggs, decidido.

Ela se lembrou daquela noite. Também chovia, enormes gotas batiam em sua testa, faziam o corte recém-aberto embaixo de seu olho arder. Ela sentiu a dor do corte de novo, lembrou-se do olhar de Kevin ao perceber o sangue. Ele olhou para a gota do tamanho de uma moeda que se prendeu em seu anel. Não olhou para a grande bolha que se formou embaixo do olho de Sawyer.

Sawyer se lembrou do rosto de Kevin, embaçado, molhado. Ela o viu se impulsionar, viu seus dedos se fechando, um de cada vez, lentamente, até cerrar o punho. Sawyer sentiu seu corpo instintivamente se encolher, para se proteger.

Os olhos dele brilharam naquele momento. Era quase... alegria. Diversão. Ele cerrou o punho, ela se encolheu, e ele gostava daquilo. Como se gostasse do medo que causava nela. Raiva, mais do que medo, percorreu o corpo dela. Ele sempre fazia com que ela se sentisse culpada.

Hoje, não.

O punho de Kevin continuava cerrado. Ele não ergueria a mão para ela, mas rangeu os dentes, manteve os olhos semicerrados e demonstrava uma raiva forte que ela passou a reconhecer.

– Me deixa em paz, Kevin. – Ela ouviu a própria voz, alta, clara e forte em meio à chuva aquela noite. – Pra mim, chega.

Sentada no carro, ela tentou se lembrar da oscilação que deve ter deixado transparecer na voz, o medo que sabia que deveria ter sentido. *Ela se virou e Kevin a segurou pelo braço. Ele apertou, enfiaando as unhas na carne dela. Ela não estremeceria. Não choraria.*

– Não ouse fugir de mim – ele rugiu.

Ela se desvencilhou violentamente.

– Eu disse para me deixar em paz.

Ela o empurrou com força, mas Sawyer se manteve firme.

– Vá se danar, então! – ele gritou para ela. – Não preciso de você. Eu fiz você. Ninguém sabia quem você era até começar a namorar comigo, sua vadiazinha.

Sawyer ainda sentia aquelas palavras ferindo-a enquanto contraía a

mandíbula e abraçava a mochila um pouco mais forte, sentindo as pontas dos livros em seu peito.

Ela ouviu o plink! de uma garrafa de cerveja espirrando ao ser aberta, e então sentiu o líquido escorrendo por sua orelha esquerda, deixando um rastro de gotas de cerveja em seu ombro esquerdo, que desciam pela garganta e pelo colo.

– Estou de saco cheio de você – disse ela, surpresa com a calma e precisão em sua voz.

Kevin deu de ombros e pegou a cerveja.

– Então, que raios você ainda está fazendo aqui?

Ela sentiu a adrenalina nas pernas ali, dentro do carro, ao se lembrar do trote que começou para se afastar de Kevin, das garrafas de cerveja e do carro dele. *A chuva começou a diminuir; e ela ouvia folhas e gravetos sendo esmagados por seus pés enquanto corria. Aumentou a velocidade e seu capuz caiu para trás. O resto da chuva caiu em seus olhos, cerveja misturada com chuva, e Sawyer continuou correndo, continuou em frente mesmo quando ouviu a voz perturbada de Kevin ao vento.*

– Sawyer – ele gritou. – Sawyer, pare!

– Você está bem longe, né?

– Quê?

O detetive Biggs apontou um dedo pelo para-brisa.

– O condomínio. É bem longe, né? Acho que não percebi quando nós viemos antes.

– Nós?

– O policial Haas e eu. Ele não entrou. Estava arrumando uma papelada no carro.

Sawyer se lembrou do brilho do cigarro aceso do policial Haas quando ele o levou aos lábios, quando Sawyer chegou em casa.

– Oh.

Ela parou e ouviu o coração bater de maneira ritmada.

– Hum... – Sawyer voltou a correr os dedos pela alça da mochila. – Detetive Biggs? Se alguém... se algo acontecesse a alguém e você... quer dizer, se eu tivesse... – Sawyer parou de falar quando o detetive se virou para ela e sorriu.

– Respire fundo e comece de novo.

– Acho que eu sou o motivo pelo qual Kevin morreu.

As palavras saíram de repente, e assim que foram ditas, Sawyer desejou, desesperadamente, poder voltar no tempo e não dizê-las. Olhou fixamente para a frente, olhos grudados na faixa da estrada, sem coragem de olhar para o detetive Biggs.

– Você estava no carro com o Kevin?

– Não.

O detetive Biggs passou sua grande mão pela careca, apoiando a outra no volante. Ele não olhou para Sawyer.

– Você sabe onde Kevin conseguiu a bebida?

Sawyer balançou a cabeça.

– Não exatamente. Às vezes, ele só pegava na geladeira.

– Mas você não a entregou a ele.

– Não, senhor. Mas eu... eu posso ser a razão de ele ter bebido.

O detetive Biggs pôs a outra mão no volante, conduzindo o carro suavemente pelos portões de ferro de Blackwood Gates.

– Você o obrigou a beber?

– Nós estávamos brigando. Ele estava bravo comigo. Acho que foi por isso que ele estava bebendo. – Ela passou a língua pelos lábios. – Tenho certeza de que foi por isso.

O detetive esboçou um sorriso.

– Você não obrigou Kevin a dirigir, Sawyer. Você não o forçou a beber e dirigir. – Ele olhou para ela, totalmente sério. – Foi decisão dele.

Sawyer continuou esfregando a alça da mochila, sentindo a aspereza do tecido na ponta dos dedos. Pensou se deveria falar dos bilhetes, mencionar a *outra* razão pela qual se sentia culpada pela morte de Kevin – *e agora pela do professor Hanson?* Pensou na embalagem de óleo de amendoim amarrotada dentro do bolso da calça, no fato de que independentemente do que o detetive Biggs dissesse, se ela não tivesse terminado com Kevin naquela noite, ele não teria bebido, não teria dirigido. Não teria morrido.

– Não obriguei ninguém a fazer nada – ela murmurou.

* * *

O telefone de Sawyer começou a tocar no mesmo instante em que ela entrou pela porta da frente.

– Oi, pai – ela disse ao telefone. – Acabei de entrar em casa.

– A enfermeira da escola me ligou. Como você está se sentindo?

Sawyer tirou a jaqueta e deixou a mochila no chão.

– Melhor agora.

Seu pai ficou em silêncio por um instante e Sawyer o imaginou do outro lado da linha, reclinado em sua cadeira de couro preto, dedos unidos enquanto lutava com os próprios pensamentos. Sawyer suspirou.

– O que é?

– Você sabe, Sawyer, você só foi ao dr. Johnson uma vez desde a morte de Kevin...

Sawyer sentiu a raiva ferver dentro de si.

– Mas tive consulta com ele todas as semanas durante o divórcio. E todas as semanas depois da separação.

– Eu sei, querida, mas é diferente. Ele te ajudou bastante, certo? Talvez você devesse considerar... – ele parou de falar, e Sawyer acomodou o telefone no ombro, cruzando os braços.

– Talvez você devesse considerar que eu não dormi bem a noite passada. – Ela puxou a cortina para o lado, olhou para a rua vazia e viu as estruturas das casas sendo construídas em sua volta. – É impossível dormir aqui. É uma porcaria,

muito *silencioso*.

– Veja como fala, Sawyer.

Ela soltou a cortina.

– É muito silencioso, pai.

– Sua mãe e eu achamos que seria uma boa ideia você ir ao médico.

– Você conversou com a mamãe sobre isso? Quando você falou com ela?

– Nós nos preocupamos com você, Sawyer.

– Então, se eu for ao dr. Johnson e falar para ele que aqui é tão... – ela fez uma pausa e suspirou – *silencioso* e que estou com dor de cabeça por não ter dormido, você e a mamãe vão parar com isso?

Ela ouviu o pai suspirar longamente.

– Só queremos fazer o melhor para você. Você passou por uma tragédia terrível.

Sawyer repetiu silenciosamente as palavras do pai, “tragédia terrível”, e esfregou os olhos.

– Está bem. Vou agendar um horário mais tarde. Só quero tomar um banho e ir para a cama, agora, tudo bem?

– Ótimo. Tara e eu temos aula de parto, então vamos chegar em casa tarde. Nós podemos adiar, se quiser que a gente fique em casa com você.

– Não se pode adiar uma aula de parto. Vocês têm que ir. Vou ficar bem, pai. Como eu disse, banho e cama é o que quero no momento.

– Certo, querida. Ligo de novo antes de sairmos. Te amo.

– Te amo também.

Sawyer fechou o telefone e o atirou no sofá, sentando-se ao lado dele. Repousou a cabeça nas novas almofadas duras que Tara comprara – feitas com um tecido de cânhamo estofadas com algo hipoalergênico e reciclável – e espiou um enorme buquê de rosas em cima do balcão da cozinha.

Ela resmungou, pegou a mochila e a jaqueta e foi para o quarto. Já tinha aberto a torneira no banheiro da suíte (um privilégio na casa nova) quando abriu seu laptop e ligou para a mãe.

– Oi, mãe.

A mulher que sorriu para Sawyer na tela de treze polegadas era parecida com ela: olhos castanhos profundos, maçãs altas, um nariz determinado, mas o rosto da mãe tinha uma tristeza que tocou Sawyer. O cabelo de Angela Dodd sempre tinha sido um pouco mais escuro que o de Sawyer, o que lhe conferia um ar de seriedade e firmeza no tribunal; agora, Sawyer percebeu os fios grisalhos dos lados, e sentiu o coração amolecer.

– Querida! Só posso falar por um minuto, porque estou no intervalo entre um cliente e outro, mas estou feliz de você ter ligado.

Sawyer olhou para o relógio na tela.

– Já não está quase na hora de encerrar?

Sua mãe sorriu como que se desculpando.

– Não tem hora de encerrar por aqui. Temos um julgamento muito importante chegando. – Angela se aproximou da tela, observando a filha. – Você parece bem. Saudável. Como está?

Sawyer inclinou a cabeça, pressionando suavemente as têmporas com os

dedos.

– Sério, mãe, por favor, não começa a bancar a psicóloga.

A mãe ergueu as sobrancelhas, e Sawyer a viu levantar uma caixa de comida chinesa e pegar a refeição com um par de *hashis*.

– Dar uma de psicóloga?

– Você sabe como é. – Sawyer afinou a voz, num tom estridente, meloso e falso. – Como você *está* se sentindo? Como isso faz *você* se sentir?

– Uma mãe não pode mais se preocupar com a filha?

Não a 5.000 quilômetros de distância. O pensamento ocorreu antes de Sawyer conseguir detê-lo, e ela sentiu uma pontada de culpa e de dor no coração.

O divórcio ainda não tinha sido finalizado quando Angela Dodd pegou as roupas e as coisas de seu escritório e se mudou para a Filadélfia. A oferta, ser sócia de um dos escritórios de advocacia mais importantes do país, era épica; pelo menos foi isso o que ela disse a Sawyer. Não foi uma grande surpresa para Sawyer, nem mudou muita coisa. Sawyer passara a infância com a mãe dando beijinhos em sua cabeça ao sair todas as manhãs, enquanto Sawyer segurava uma tigela de cereal e assistia a desenhos animados na TV. Angela geralmente andava com o telefone celular na orelha enquanto sussurrava para Sawyer “ficar bem” ou “obedecer ao papai”. Quando ela chegava em casa à noite, com o cabelo ainda arrumado graças ao laquê, e a pasta cheia de negócios a serem finalizados, Sawyer já estava na cama.

Não que fosse uma mãe ruim. Angela Dodd ensinou a filha a ser forte e autossuficiente; era carinhosa com Sawyer, quando estava por perto, mas a garota sempre teve a impressão de que a carreira, não a filha nem o marido, era o grande amor de sua mãe.

Sawyer engoliu em seco ao se lembrar de Kevin de novo.

Eles estavam deitados na sala de estar, “estudando”. Nenhum livro seria aberto, mas os lábios de Sawyer estavam entreabertos e ainda sentiam os de Kevin, e o toque dele em sua pele nua fazia seu corpo todo vibrar. Ele se afastou, um sorriso safado no rosto, e passou o polegar pelo lábio inferior.

– É melhor eu ir embora. Seus pais devem chegar em breve.

Ela olhou dentro dos olhos dele, que brilhavam em contraste com o escurecer do fim da tarde do lado de fora. Ela deu de ombros.

– Não vai chegar ninguém nas próximas horas.

Kevin balançou a cabeça, os olhos ainda fixos nela.

– Não compreendo como seus pais seriam capazes de deixar você sozinha nem por um minuto, quanto mais um dia inteiro. Ele passou a mão pela nuca de Sawyer, acompanhando a curva do pescoço, provocando arrepios no corpo todo. – Eu mal consigo aguentar duas aulas sem te ver.

Ela não sabia o porquê, mas pensar que Kevin a queria perto dele – que precisava vê-la – era a sensação mais incrível do mundo. Seus pais tinham seus empregos, seu casamento falido, mas para Kevin, Sawyer era tudo na vida.

– Eu te amo tanto, Kevin.

Sawyer espantou a lembrança, afastando a tristeza indesejada que sentiu.

– Eu estou bem, mãe. O papai não precisava ligar para você.

Angela se fingiu de inocente, e Sawyer balançou a cabeça.

– Não precisar dar uma de atriz, mãe. Eu sei que ele te ligou.
– Nós conversamos, Sawyer. E nós nos preocupamos. Além disso, seu pai me disse que um dos seus professores faleceu. Sinto muito.

Sawyer agarrou a roupa de cama e a apertou tanto que seus dedos ficaram dormentes.

– Foi um acidente – disse ela num sussurro. – Ele teve uma reação alérgica a algo que comeu.

Ou que deram para ele.

Angela inclinou a cabeça e franziu o cenho.

– Isso é horrível, querida. Haverá algum tipo de homenagem? Eles cancelaram as aulas ou algo assim?

– Olha, você pode falar para o papai que falou comigo e que eu estou bem?

A mãe de Sawyer abriu a boca – para protestar, Sawyer imaginou –, mas Sawyer levantou uma mão.

– Vou agendar uma consulta com o dr. Johnson, que também vai falar para vocês que estou bem. Mas, por favor, até lá? Estou bem. Estou me adaptando. Eu tenho amigos e como vegetais e não me corto. E... – Sawyer ergueu o dedo indicador – não estou me prostituindo em troca de drogas ou bichinhos de pelúcia.

– Bichinhos de pelúcia? – A mãe de Sawyer enfiou um bocadinho de comida chinesa na boca e sorriu, mastigando lentamente. – Vocês ainda brincam com isso?

– Eu vi na aula de história. Estamos conversadas?

A mãe ergueu os ombros.

– Você com certeza parece a Sawyer de antigamente. Sawyer apertou os olhos para enxergar melhor.

– O que você está comendo? Você pediu comida chinesa, como sempre?

Angela apontou os dois *hashis* para a tela.

– Agora eu sei que você é a Sawyer de sempre. E o acordo é que você só precisa comer vegetais até os 18 anos. Daí, você vira maior de idade e pode se encher de Red Bull e comida pronta, como todo mundo.

– Ah, as alegrias de ser adulto. Então, vegetais, sim, se cortar, não. Combinado?

– Sobre os vegetais? Fizemos esse acordo quando você tinha dez anos.

– Mãe... – Sawyer sentiu uma certa irritação, apesar de a implicância da mãe passar uma sensação confortável e familiar. Quase como se as coisas estivessem normais.

– Certo, certo. Mas precisamos nos falar todos os dias e quero saber como foi sua consulta.

Sawyer cruzou os braços.

– Sigilo entre médico e paciente, doutora.

Angela sorriu.

– Essa é minha menina inteligente. Ah... – Ouviu-se um bipe e Sawyer viu sua mãe se inclinar para olhar. – Meu próximo cliente. Te amo, querida, comporte-se. Nos falamos em breve.

– Tchau. – A tela de Sawyer se apagou e ela suspirou, fechando o laptop. – Tchau, mãe, também te amo.

Sawyer se afundou até o queixo na água com cheiro de morango e kiwi, soprou bolhas e então, esfregou os olhos. A casa se assentou – *até casas novas se assentam*, Sawyer disse a si mesma – com um *crack* de arrepiar, e em seguida, fez-se um silêncio profundo. Sawyer gemeu, apoiando a cabeça no mármore frio da banheira.

– Lembrete para mim mesma – ela disse alto, a voz ecoando pelo banheiro. – Desempacotar o som o mais rápido possível.

O banheiro estava calmo, a água absolutamente parada. Sawyer inspirava e expirava profundamente, uma respiração para se acalmar, supostamente, até que ouviu batidas na porta. Ela se virou na banheira, inclinando a cabeça para ouvir; não escutou mais nada, e então uniu as mãos e se afundou na água.

Mais uma batida.

Sawyer ficou tensa, coração e mente acelerados. *Deve ser só um galho*, ela disse a si mesma, *ou um arbusto*. Conseguiu se acalmar com esse pensamento até perceber que não havia galhos nem arbustos lá fora – só um espaço vazio e esquemas pintados com spray onde ainda seriam jardins e casas.

Apesar da água quente, Sawyer sentiu um frio que arrepiou seu corpo todo. Ela se levantou, pegou o roupão do gancho na porta, e o vestiu. Seus pés molhados deixaram pegadas no carpete quando ela saiu do banheiro, na ponta dos pés, com a respiração ofegante.

– Olá?

Ninguém respondeu.

Sawyer se inclinou na escada, segurando o corrimão com força. Hesitou.

– Pai? Tara?

O silêncio da casa pressionou o peito de Sawyer e ela sentiu o estômago revirar. Arfou. Em silêncio, rezou pedindo uma vizinhança barulhenta – alarmes de carro, crianças gritando, o bate-estaca de um baixo vindo do som de um carro.

Mas não havia nada além de silêncio.

Sawyer quase morreu de susto ao escutar a batida na porta da frente. Era determinada, insistente, alta. O som oco ecoou no pé-direito alto da casa e nos cômodos meio mobiliados. Ela correu para baixo e espiou pelo olho mágico, o coração batendo forte o tempo todo. Por fim, ela suspirou – um suspiro forte, de estremecer – quando viu o uniforme bege de um entregador com cara de aborrecido, a cabeça enorme e distorcida pelo olho mágico.

– Sim? – disse pela porta ainda fechada.

Ela viu o entregador checar seu aparelhinho de mão.

– Tara Dodd? – perguntou ele na direção da porta, apontando para o pacote que carregava.

Sawyer abriu a porta, apertando a faixa do roupão ao mesmo tempo.

– Claro – disse ela. – Me desculpe. É só que... – Ela ergueu os ombros.

O entregador deu um sorriso.

– Eu entendi. Aqui é meio assustador, com todas as casas vazias...

Você não sabe nem metade, Sawyer pensou. Mas apenas retribuiu o sorriso e disse:

– Muito.

Ele olhou para trás.

– Só mora você aqui?

Sawyer levantou uma sobrancelha, meio nervosa, meio receosa.

– Err, não. Meu pai. E meu irmão. Mais velho. E nós temos um cachorro. – Chegou a pensar em fingir um rosnado ou latido e um “fica quieto, Rex!” olhando para trás, para dentro da casa.

– Não, eu quis dizer por aqui. – Ele acenou para todos os lados. – É só que eu nunca tinha entregado nada aqui.

– Ah – Sawyer hesitou. – Tem gente – disse ela vagamente, se escondendo mais atrás da porta. – Um monte de gente. Sabe como é, elas devem, sei lá, usar outro serviço de entrega. – Ela estendeu a mão, olhando para a caixa. – Posso?

– Ah, sim. Desculpe. – Ele pareceu envergonhado enquanto ela assinava o papel e pegava o pacote. Sawyer fechou a porta e se recostou nela, respirando com dificuldade até seu coração voltar ao normal, a um ritmo mais calmo.

Talvez um cachorro chamado Rex não seja uma má ideia, pensou.

OITO

Sawyer tentou abrir os olhos sob a luz da manhã ao ouvir as músicas vindas do rádio sobre o criado-mudo. Ela desligou o alarme com um tapa e se sentou, esfregando os olhos, e finalmente viu as rosas em sua escrivaninha. Eram as mesmas da cozinha, e Sawyer franziu o cenho ao passar por elas a caminho do banheiro, para se aprontar para a escola. Quando desceu, Tara estava sentada à mesa da cozinha, a caixa da entrega do dia anterior aberta à sua frente, migalhas ao redor do prato de torrada mordiscada.

– Bom dia, Tara.

Tara empurrou o prato para o lado, tirando os ciscos da barriga protuberante.

– Bom dia, Sawyer. Você está se sentindo melhor? Estava morta quando chegamos em casa ontem.

Morta?

Sawyer se sentiu mal, mas tentou disfarçar com um sorriso amistoso. Assentiu com a cabeça.

– Sim, estou bem melhor hoje. E você?

Tara gemeu, apoiando a cabeça nas mãos.

– É tão óbvio assim?

– Um pouco. Você normalmente não é tão... verde. – Sawyer se arrependeu do que disse assim que viu Tara enrubescer. – Desculpe. Eu... eu posso fazer alguma coisa por você?

– Além de fazer esse bebê nascer, acho que não. – Ela deu início à tarefa hercúlea de se levantar da cadeira. – Que tal eu pegar um pouco de aveia para você, querida?

Sawyer se retraiu sem querer. Só seus pais – seus pais *verdadeiros* – a chamavam de querida.

– Não, obrigada.

Tara parecia desapontada quando se levantou.

– Nada?

– Estou bem. Você deveria ficar sentada. Ah, e não precisava levar as flores para o meu quarto. Elas são bonitas, mas você deveria ficar com elas.

Tara pegou um copo do armário e se serviu de água.

– Por quê? Elas são suas.

Sawyer hesitou.

– O que você quer dizer?

– Elas chegaram para você ontem.

O estômago de Sawyer se revirou e ela engoliu em seco.

– Para mim? Tinha cartão?

Tara franziu a testa.

– Eu não vi nenhum. Mas o garoto que entregou falou de você especificamente. Ele disse “são para Sawyer Dodd”.

– Era um garoto? Tipo da minha idade?

Tara bebeu a água e deu de ombros.

– É, mais ou menos da sua idade, acho. Por quê? Você tem um admirador secreto?

Os olhos de Sawyer se arregalaram e Tara ergueu as duas mãos, cobrindo a boca com uma delas.

– Oh, Sawyer, eu não pretendia... quer dizer, eu sei que você e Kevin estavam juntos havia muito tempo e... e eu estava só brincando.

Sawyer deu um passo para trás e pôs a mochila no ombro.

– Preciso ir para a escola.

Chloe estava sentada no muro de pedra em volta da escola quando Sawyer a viu.

– Oi – disse Chloe, pulando do muro. – Você não me ligou ontem à noite.

– Quê? Ah, desculpa.

– E eu não vi você depois da escola.

– Eu fui para casa mais cedo. Não estava me sentindo bem. Chloe olhou para ela com simpatia.

– Você sabe que pode conversar comigo, Sawyer.

– Meus pais querem que eu converse com o terapeuta. Chloe revirou os olhos.

– Ainda?

– De novo.

Sawyer parou de andar e se virou para olhar para Chloe.

– Ei, você sabe quem poderia ter me mandado flores?

Chloe enfiou um pedaço de chiclete na boca.

– Que tipo de flor?

– Rosas.

– Não, tipo, flores românticas, ou só solidárias, ou sei lá, flores de sinto muito que seu pai e sua madrasta estejam procriando.

Sawyer tentou não sorrir.

– É sério. E eu não sei que tipo de flor. Só... rosas.

– Cor?

– Primeiro vermelhas, depois cor-de-rosa.

Chloe franziu a testa.

– Dois buquês? Uh-la-lá. Vermelho é a cor do amor. E cor-de-rosa é admiração.

– Como você sabe disso?

Chloe chacoalhou seu celular.

– A fonte da informação. Então, você é amada e admirada. O que estava escrito no cartão?

Sawyer mordeu o lábio e olhou para a amiga. Normalmente, contava tudo para ela – cada casinho, cada detalhe íntimo de seu relacionamento com Kevin –, mas seu admirador e os bilhetes que ele deixou pareciam maiores que isso.

– Não tinha cartão. – Ela mentiu.

Chloe fez uma bola de chiclete, estourou e voltou a mascar.

– E o tal do Cooper? Você disse que ele te mandou uma flor, né?

Sawyer assentiu.

– É, mas por que ele me mandaria flores logo depois de mandar uma flor?
– Talvez ele não quisesse mandar a flor para você. Talvez a Maggie Xereta o tenha obrigado a mandar. Vamos admitir: um dólar não é nada se fizer com que ela pare de encher.

Sawyer pensou em Cooper, em seu sorriso tímido, e que Sawyer não sabia quase nada dele.

– Acho que é uma possibilidade. Ah. O sinal. Te vejo no coral?

Chloe assentiu e soprou outra bola.

– Claro.

Sawyer estava procurando algo em sua mochila quando deu um encontrão em Logan.

– Oh, oi, Logan. Desculpa. Parece que eu fico fazendo isso o tempo todo com você.

O sorriso de Logan – e suas bochechas coradas – subiram até perto de seus olhos.

– Não tem problema. – Ele não se mexeu e Sawyer ficou olhando para ele por um instante.

– Hum... – ela apontou por cima do ombro dele. – Você está na frente do meu armário.

– Oh – Logan pulou para o lado. – Mil desculpas.

Sawyer abriu o armário enquanto alunos passavam a seu lado. Sentiu a movimentação ao seu redor enquanto era acotovelada e empurrada pela multidão, mas ela também sentiu a estabilidade. Logan permaneceu atrás dela, olhos grudados em suas costas. Ela se virou devagar, agarrada ao livro de história.

– Você precisa de alguma coisa, Logan?

– Hum... – Ele torceu as mãos diante do corpo, e as enfiou nos bolsos da calça.

– Você recebeu as rosas que eu mandei?

Sawyer sentiu o sangue gelar. Sentiu arrepios e calor ao mesmo tempo.

– O que você disse?

– As rosas. Eu as mandei. Foram para a casa certa? Sawyer pôs o livro dentro do armário.

– Você me mandou as flores.

– Rosas. Só para dizer, sabe... – Logan olhou para os pés, remexendo-os no chão de linóleo – ... obrigado e tal.

– Como você sabe onde eu moro?

Logan deu de ombros, sorrindo timidamente.

– Você disse que era o condomínio novo depois do supermercado. Eu sabia que se chamava Blackwood e, uma vez lá dentro, não é difícil de achar. É a única casa ocupada do lugar, né?

Sawyer assentiu, ouvindo o sangue correr nas veias.

– Você só mandou as rosas?

Logan a encarou, inexpressivo.

– Era só o que deveria ser. Por quê? Eles mandaram mais alguma coisa? Eu não tenho muito dinheiro, então...

Sawyer levantou uma mão.

– Então, tudo o que você mandou foram as rosas?
– Desculpe, achei que seria o suficiente...
– Não, não... – Sawyer achou graça. – Desculpe, foi adorável. Elas são realmente lindas. Eu só... estou meio... obrigada, Logan. Foi muito gentil. Você realmente não precisava.

Sawyer trocou os livros e fechou a porta do armário, tremendo com o suor frio que surgiu por baixo de suas roupas.

– E eu estava querendo saber se...

Ela se virou para Logan de novo. Ele estava torcendo os dedos mais uma vez, e seu rosto não estava mais rosado. Agora estava totalmente vermelho.

– Querendo saber se... – Ele começou de novo – ...você não gostaria de sair comigo um dia desses?

– Oh. Oh. – Sawyer se sentiu mal pelo garoto, mas a ideia de sair com qualquer um, incluindo Cooper, pareceu subitamente estranha, perigosa.

E talvez mortal.

– Eu fico feliz de você me convidar, Logan, mas a verdade é que ainda não estou pronta para sair com ninguém. Além disso – ela deu um passo em direção a ele e se inclinou, de maneira conspiratória –, você não deveria querer ficar comigo. Eu... eu estou meio bagunçada. – Ela sorriu se desculpendo. – Talvez, você sabe, quando eu melhorar.

Logan continuou sorrindo. Ele fez que sim com a cabeça para tudo o que ela disse e Sawyer reconheceu o olhar, o sorriso, aquele sorriso de segundo colocado, de quem está só esperando para desabar quando ficar sozinho. Sawyer sentiu uma pontada de culpa no coração, mas quando Logan deu de ombros e assentiu, ela se sentiu melhor por mantê-lo seguro.

O dia na escola prosseguiu sem grandes acontecimentos, mas Sawyer ainda estava com os nervos à flor da pele, analisando todo mundo que olhava para ela e se assustando a cada barulhinho, tensa sempre que abria a porta de seu armário. Estava no vestiário feminino quase vazio, se trocando para correr sozinha na pista, quando ouviu as pesadas portas se abrindo. Ela se endireitou, sentindo um arrepio de medo na coluna.

– Eu não a suporto – ela ouviu.

– Você sabe que ela não gostava mesmo do Kevin. Ele era só um jeito de ela se tornar popular. Afinal, olha só pra ela; voltou para a escola logo em seguida. Eu estava completamente arrasada e a gente nem estava namorando mais. – Maggie fungou enquanto dava a volta nos bancos e deu de cara com Sawyer. As amigas ficaram perto dela, de braços cruzados, olhando de maneira desafiadora para Sawyer.

– Por que você se importa tanto com a minha vida, Maggie? – Sawyer quis saber.

Maggie piscou os olhos se fazendo de inocente.

– Não sei o que você quer dizer. Nós estávamos apenas tendo uma conversa entre nós. Você estava ouvindo escondida, Sawyer? – Ela franziu seu nariz. – Que coisa feia.

Sawyer calçou seus tênis e fechou a porta do armário.

– Tá.

– Você sabe, Kevin não gostava dela tanto assim – disse Maggie, a voz baixa, mas alta o suficiente apenas para provocar Sawyer.

– Vá pro inferno, Maggie. Ele te trocou por mim. Então, se nem gostava tanto assim de mim, já não devia gostar nem um pouco de você durante o namoro. – Sawyer cruzou os braços e inclinou a cabeça, fingindo simpatia. – Ooh, isso deve ter doído.

Maggie ficou boquiaberta, assim como suas comparsas.

– Você é uma vaca! – Maggie gritou, as narinas abertas, olhos bem abertos ficando úmidos.

Sawyer deu de ombros e saiu andando do vestiário, ouvindo as garotas cercando Maggie, dando tapinhas em suas costas e dizendo:

– Ela não sabe de nada.

– Ela é uma vadia invejosa, Maggs.

Quando Sawyer pisou na pista, se inclinou e começou a correr, finalmente se sentiu livre, leve, intocável. A dor da morte de Kevin, do bilhete, de Maggie, da meia-irmã a caminho desapareceu junto com o suor que saía de seus poros. De repente, ela deixou de se sentir presa ou amarrada, e na terceira volta, não se lembrava mais do cartão e das flores. *Uma coincidência*, disse para si mesma, *uma infeliz coincidência*. Mas independentemente da velocidade atingida ou da distância percorrida, Sawyer não conseguia abafar a vozinha que falava no fundo de sua mente: *mas e o rótulo do óleo de amendoim? Mas e o bilhete de “de nada”?*

Sawyer cerrou os punhos e correu mais rápido, socando o ar. O ardor nas pernas era doloroso, mas ela aproveitou a dor. Sentia-se viva.

Ninguém sabe do meu relacionamento com Kevin, ela disse a si mesma. *Ninguém sabe o que aconteceu com o professor Hanson*.

Ela estava dando mais uma volta na pista, chegando perto das arquibancadas, quando o viu em um dos bancos mais acima, de sobretudo e capuz na cabeça. Diminuiu o ritmo das passadas e observou Logan. Ele não olhou para ela, só continuou anotando algo em um caderno. Ele olhou para a frente uma vez e seu olhar encontrou o de Sawyer; ela viu os olhos dele se arregalarem, o rosto corar. Ele imediatamente abaixou a cabeça e pegou o lápis, voltando a escrever. Sawyer passou por ele, mas sentiu um desconforto.

Logan estava lá quando ela saiu da sala do professor Hanson.

Mas eu não disse nada... talvez ele tenha visto?

Sentiu a garganta seca e tossiu, sentindo dor no diafragma. Suas pernas pareceram girar sem controle, e ela percebeu que estava caindo. Estendeu os braços involuntariamente e caiu de peito no pó vermelho da pista, e uma nuvem de poeira se levantou. Sawyer rolou para ficar de costas, cuspidando, engasgando, tossindo. De repente, alguém bloqueou a luz do sol.

– Você está bem, Sawyer?

Sawyer hesitou, apertando os olhos.

– Logan?

Ele ofereceu a mão e Sawyer olhou para ela por um instante antes de aceitar a ajuda, para ele puxá-la para cima. Ficou surpresa com a força dele. Sawyer limpou o pó vermelho dos joelhos machucados e tossiu de novo.

– Estou bem.

– Deixe-me pegar algo para você beber.

Logan voltou com uma garrafa gelada de água. Girou a tampa e a ofereceu a Sawyer, observando-a enquanto ela bebia. Sawyer deu um gole grande e segurou a água na boca antes de engolir, e o líquido gelado acalmou a dor em seu diafragma.

– Obrigada – disse ela, expirando um ar frio. – Era exatamente o que eu precisava.

– Você é rápida – disse Logan, sorrindo.

Sawyer assentiu.

– O que você está fazendo aqui?

Logan pareceu ficar tímido.

– Eu perdi o ônibus de novo. Mas não estou esperando que você me dê carona, nada disso. Eu não sabia que você estaria aqui correndo. Às vezes, gosto de vir aqui para pensar ou escrever ou algo assim.

Sawyer apontou para o caderno vermelho debaixo do braço de Logan.

– Era isso o que você estava fazendo? Escrevendo?

– Algo assim. De qualquer forma, estou contente por você estar bem. Foi um baita tombo. Foi um tombo estilo Logan – o sorriso de Logan foi de tímido para bobo, e Sawyer sorriu também.

– Obrigada, Logan – disse ela. – Mas estou bem. Eu só me distraí. Eu faço essas besteiras quando me distraio. Tem certeza de que você não precisa de carona?

Logan pareceu prestar atenção em algo acima do ombro de Sawyer. Ela viu seu sorriso bobo se desfazer e ele ficar pálido.

– Logan?

Ele sorriu de novo, dessa vez um sorriso menos autêntico.

– Não, obrigado, Sawyer. Vou ficar bem. Tenho que ir.

– Ei. – Ela esticou o braço e segurou a ponta da camiseta dele. – Estamos bem?

– Nós? Sim. – Ele não olhou para ela. – Eu entendi, você não está pronta para sair com alguém. – Ele engoliu a última palavra e Sawyer quase teve a impressão de ouvir “comigo” em vez de “com alguém”. Mas Logan já estava na metade das arquibancadas quando o cérebro de Sawyer terminou de processar tudo aquilo. Ela o observou pegar a mochila e descer do banco, desaparecendo nas escadas embaixo das arquibancadas.

– Aquele moleque é esquisito.

Sawyer se virou, lançando um jato de água gelada da garrafa, molhando a camiseta já ensopada e deixando uma trilha úmida no peito de Cooper.

– Ah, droga.

Cooper ergueu as sobrancelhas.

– Desculpa, não queria te assustar.

O coração de Sawyer estava na garganta, batendo forte.

– Não me assustou – disse ela. – Tá, assustou, sim. – Ela olhou para o peito molhado. – Desculpa... pela sua camiseta.

Cooper estava vestido quase exatamente igual a Sawyer: usava uma camiseta

de corrida da Hawthorne High verde e branca com a destemida vespa lutadora no meio de sua malha de nylon. Sawyer demorou um pouco para notar o peito de Cooper, seus ombros largos, os músculos fortes dos braços.

– Por que você está usando o uniforme de corrida?

– Porque é isso o que o time de corrida usa... certo?

– Você está no time? Você é corredor?

– Eu era na minha antiga escola. Achei que podia tentar entrar para a equipe de corrida daqui. O técnico me liberou sem testes. Meu currículo era bom, acho.

Sawyer observou Cooper, o caimento dos shorts sobre suas coxas bronzeadas; eram grossas, com músculos definidos. Ele não tinha as pernas fortes e esguias de um corredor.

– Eu sei – disse ele com um sorriso. – Não parece que eu corro. – Ele parecia ter lido a mente dela, e Sawyer sentiu um arrepio involuntário. Cooper ficou sério. – Você está bem? Deixe eu pegar uma blusa para você.

– Não – Sawyer colocou a mão no braço de Cooper. – Estou bem. Estou bebendo algo refrescante.

Cooper abriu seu sorriso fácil.

– Prefiro a minha, mas como achar melhor. Então, srta. Descrente... – Ele apontou o queixo para a pista vazia –, uma corridinha amistosa? Ou uma corrida pra valer?

Sawyer assentiu e respirou profundamente, para ver se o diafragma ainda doía. A água resolveu, e ela não era de fugir de desafios. – Segundo seu pai, essa era a melhor e a pior característica dela. Ela se curvou e colocou a garrafa de água no banco, olhando para Cooper através da franja empoeirada que caía sobre sua testa.

Então, ela disparou.

Ela entrou na pista em uma fração de segundo, pernas se esforçando, o vento batendo em seu rosto quando ela ouviu o finalzinho da frase de Cooper:

– Ei! Trapaceira!

Ouviu, ao longe, os passos dele entrando na pista, e percebeu a respiração arquejante quando ele se aproximou dela. Ele estava ofegante quando emparelhou com o ombro esquerdo dela.

– É assim que você ganha suas corridas? – Ele arfou. – Trapaceando?

Sawyer manteve o ritmo, o fôlego diminuindo.

– Então você sabe que eu ganho todas as minhas corridas?

– E eu sei como! – Cooper cerrou os punhos e abaixou a cabeça, enfrentando o vento, seus tênis levantando poeira vermelha enquanto ele ultrapassava Sawyer por um nariz. Então, uma cabeça, depois, um corpo todo. Sawyer sentiu calor nas pernas, sentiu os pulmões se abrindo, e o ultrapassou. Cruzou a linha de chegada e enlaçou o braço na grade das arquibancadas, assoprando as unhas quando Cooper terminou alguns segundos depois.

– Por que você demorou tanto? – perguntou ela sem olhar para ele.

Cooper a agarrou como se fosse aplicar uma gravata, de brincadeira.

– Trapaceiros. Todos vocês, melzinhos de Hawthorne!³

Sawyer se livrou dos braços dele, rindo.

– Melzinhos?

Cooper corou.

– Abelhinhas. Eu quis dizer abelhinhas.

– Somos vespas! – Ela imitou uma ferroada com o dedo, e quando ele avançou em sua direção, ela se encolheu. Foi automático; talvez reflexo de como agia quando namorava Kevin, por nunca saber exatamente o que o deixaria nervoso de uma hora para a outra. Ela sentiu vergonha.

Ele parou.

– Ei, me desculpe.

– O quê? – Sawyer sentiu uma onda de nervosismo percorrendo seu corpo. Passou a língua nos lábios e forçou uma risada que pareceu falsa até para ela. – Eu estava brincando. Vamos tomar uma água.

Cooper a seguiu para o centro do campo, Sawyer tensa pela vergonha – *sentiria medo de todo mundo agora?* Cooper ficou em silêncio, andando atrás dela.

Eles voltaram para os vestiários e Cooper terminou de beber a água, enfiando a garrafa vazia na mochila.

– Acho que paramos por aqui.

Sawyer ergueu uma sobrancelha.

– Como assim?

– É que eu não costumo tomar banho no vestiário feminino. – Ele olhou para a placa de *Vestiário Feminino*, apontando para ela.

– Ah – disse ela com um sorriso tímido, – certo.

Eles ficaram num silêncio constrangedor por um momento, até Cooper balançar a cabeça, dar um soquinho leve em seu ombro e prometer que ganharia dela na próxima vez que eles se encontrassem nas pistas. Sawyer sorriu, e ainda sorria quando Cooper entrou pela porta do vestiário masculino; ela entrou no feminino.

O vestiário estava vazio quando ela entrou, com a camiseta de treino úmida grudada em seu top de corrida, o rosto quente e vermelho. Ela tirou as roupas, se enrolou em uma toalha e calçou os chinelos, guardou a mochila e abriu um chuveiro, ajustando a temperatura para o mais quente que conseguia aguentar. Quando viu o vapor subir, lambendo seus joelhos e pressionando seu peito, ela entrou, deixando a água quente lavar seu corpo, encharcar sua pele. Imaginou a água penetrando em seus músculos doloridos, pingando da cabeça para dentro de seu cérebro. Queria poder lavar a lembrança da violência de Kevin, mas sabia que aquelas memórias estavam bem enraizadas... tão profundas que ela se retraía mesmo quando não queria. Em pouco tempo, sentiu que a água que escorria estava salgada pelas lágrimas. Ela se curvou embaixo do chuveiro e se permitiu chorar até a barriga doer, até a pele estar vermelha, sensível e quente por causa da água. Por fim, fechou o chuveiro e se enrolou na toalha, e caminhou até seu armário.

Foi quando parou, mortificada.

O vestiário estava silencioso – extremamente silencioso –, mas o armário de Sawyer parecia gritar. A palavra *vadia* estava pichada com letras grandes e vermelhas na porta.

Sawyer recuou, pé ante pé, apertando a toalha ao redor do corpo, mas sentindo o ar gelado do vestiário em sua coxas nuas. Hesitou por alguns instante, mas sabia que precisaria abrir o armário – sem saber o que encontraria, sem saber se queria saber. Preparando-se, ela usou os dedos dormentes para girar a combinação no cadeado, abriu a porta devagar. Solto um longo suspiro de alívio ao ver que o conteúdo de seu armário parecia igual – a mesma pilha de roupas de escola jogadas sem ordem, um tênis enfiado com seu sutiã, a calça jeans do avesso, pendurada.

Olhando para trás, ela rapidamente tirou as roupas amassadas, passando a mão por dentro do buraco em seus jeans.

Buraco nos jeans?

– Puta merda! – Sawyer reagiu com raiva ou completa surpresa, não sabia ao certo, e segurou o que restava de seus jeans a sua frente. A cintura estava intacta, mas só. O tecido estava rasgado no comprimento, a virilha, completamente destroçada, e um dos bolsos simplesmente caiu quando ela sacudiu a calça. Solto a calça e pegou a camiseta, a blusa; tudo teve o mesmo destino, bem como suas roupas de treino. Seu sutiã se tornou uma massa de algodão fatiado. A calcinha não estava mais ali.

Sawyer sentiu o estômago revirar, e teve vontade de vomitar; ela se dobrou, a mão ainda firme para manter a toalha fechada, tossindo até seus olhos marejarem e o nariz escorrer.

– É só uma brincadeira idiota – ela sussurrou quando recuperou o fôlego. – Muito idiota. Provavelmente da Maggie.

Ela usou as costas da mão para secar os olhos e o nariz e se endireitou, sentindo a raiva queimando dentro dela.

– Vaca – ela disse com os dentes cerrados, puxou o tênis e bateu a porta do armário. Telefonou para Chloe e escutou o chamado na linha.

– Fala que eu te escuto – disse Chloe, batendo em algo do outro lado da linha.

– Você nunca vai adivinhar o que aquela... aquela vaca da Maggie fez!

– Divirta-me.

– Primeiro, estou no vestiário. Segundo, estou vestindo uma toalha.

– Certo...

Sawyer inspirou para limpar os pulmões.

– Pergunte por que estou vestindo uma toalha.

– Presumo que tenha a ver com um banho, mas por que, Sawyer, você está usando uma toalha?!

– Porque Maggie destruiu minhas roupas!

– Destruuiu?

– Destruuiu. Tipo fez um salpicão de frango. Só que sem maionese.

– Ela destruiu suas roupas? Com você dentro delas?

Sawyer se sentou num banco, arrastou-se para a frente para a toalha proteger sua pele do alumínio frio.

– Não, eu estava no chuveiro. Eu corri mais tarde hoje e Maggie estava lá... aqui... antes de eu entrar no chuveiro, e então quando eu saí, ela tinha pichado meu armário e destruído minhas roupas.

– Deixou que nem salpicão?

– Que nem salpicão.

– Que vaca! – Chloe cuspiu.

– Pois é.

– Temos que detê-la. Temos que contra-atacar. Combater fogo com fogo.

Sawyer abaixou a cabeça.

– Não quero fazer isso – ela murmurou. – Talvez eu só registre uma queixa com o diretor Chappie.

– Uma queixa? Tipo um bilhete na caixa de sugestões? É uma ideia horrível, Sawyer. Horrível! Isso não é combater fogo com fogo; isso é combater fogo com *papel*. O fogo detona o papel!

Sawyer suspirou, passando o dedo na parte enrugada da toalha.

– Preciso ir.

– Quer que eu te leve umas roupas? Posso chegar aí em poucos minutos.

– Não, tudo bem. Se eu não botar o pé na estrada agora, eu vou ficar presa no trânsito.

– Não se você botar o pé na estrada pelada – Chloe riu.

Sawyer riu dela mesma.

– Obrigada, mas eu tenho uma toalha.

– Muito elegante.

– Te vejo amanhã?

– Claro.

Sawyer desligou o telefone e voltou para o armário, enfiou os restos destruídos de suas roupas na mochila e a pressionou contra seu peito. Tentou ajustar a toalha um pouco mais para baixo para parecer mais decente; ou mostrava a polpa do traseiro para a escola toda ou apostava num superdecote, e ela decidiu pela segunda opção, respirando fundo e espiando para fora do vestiário. Por sorte, a escola estava quase deserta, então, Sawyer deu passos muito cuidadosos, tentando ao máximo se manter colada nas paredes e fora da vista de todos. Uma reunião de um conselho de alunos estava acontecendo na sala de inglês, carteiras dispostas em semicírculo, estudantes pouco interessados em quem estava falando, e Sawyer passou na ponta dos pés, sentindo o vento frio do corredor e o calor da vergonha na pele. Ela chegou às portas duplas e estava pronta para sair correndo quando alguém abriu a porta.

– Cooper! – Sawyer se dobrou, levando as mãos às partes privadas.

Cooper parou, obviamente assustado.

– Err, oi? – Ele tentou ao máximo desviar os olhos, e finalmente olhou para cima. – Eu... Você... Desculpe, não tenho ideia do que dizer. – Abaixou um pouco a cabeça e Sawyer o pegou olhando para a toalha. – A gente não fazia essas coisas na minha escola antiga.

A tremedeira começou devagar dentro de Sawyer e sem conseguir se

controlar, lágrimas rolaram por seu rosto e ela levou as mãos aos joelhos. Cooper arregalou os olhos.

– Você está bem?

Sawyer apenas fez que sim com a cabeça, incapaz de falar. A risada tomava conta de seu corpo todo, o terror substituído pelo completo ridículo da situação.

– Estou de toalha no meio da escola.

– É. – Cooper tirou a blusa de capuz e olhou para o outro lado enquanto Sawyer a vestia. Ele começou a rir quando viu que ela não parava. – Err, você sempre anda pelada pela escola?

Sawyer fez que não com a cabeça e roncou, um som emitido pelo nariz. Isso fez Cooper e ela rirem mais ainda. Finalmente, ela se endireitou, respirando fundo.

– Desculpe – disse ela, balançando a cabeça.

– Não peça desculpas – Cooper brincou, correndo os olhos pelas pernas dela.

– Alguém destruiu minhas roupas. Eu estava no banho e destruíram tudo. Meu uniforme de treino, tudo.

Cooper ficou sério de repente.

– Sawyer, que chato.

– Quase tão chato quanto tentar escapar da escola de toalha.

– É uma blusa das boas.

– É – Sawyer riu de novo. – Valeu.

Cooper apontou para trás.

– Quer que eu te leve de carro para algum lugar? Para o shopping, talvez?

– Não. A única coisa melhor que andar de toalha por aqui seria passear no shopping assim. Eu vou direto para casa.

– Ah, certo. Claro.

Fez-se um silêncio constrangedor por um instante.

– Então, quando você descolar umas roupas, a gente podia sair e fazer alguma coisa.

O rosto de Sawyer queimou apesar da falta de roupa, e seu coração se acelerou sem poder. Antes que pudesse abrir a boca, antes de dizer que adoraria, foi tomada por uma raiva amarga. Um beijo, dois beijos, ela podia fingir que não tinha acontecido nada. Mas não podia se apaixonar por Cooper. Ela deveria estar apaixonada por Kevin. Deveria ser a namorada de luto. Ainda assim, o comichão que sentia quando olhava nos olhos de Cooper era inegável, e ela queria dizer sim.

– Sinto muito. Não posso. Eu... – ela olhou para baixo, para seus pés descalços no cimento –, preciso ir embora.

Ela passou por Cooper e saiu correndo, forçando as pernas até senti-las arder, ignorando as lágrimas quentes que pingavam em seus pés no asfalto. Quando entrou no carro, ligou o motor e o ar quente no máximo, e começou a chorar. As lágrimas começaram devagar num primeiro momento, contidas e iradas, mas quando ela começou a pensar nos bilhetes, nas flores enviadas para sua casa, nas roupas destruídas, as lágrimas ficaram mais pesadas, seu fôlego mais curto. Seu corpo estremecia, tomado pela culpa, pelo medo.

Em casa, Sawyer vestiu roupas confortáveis e tirou as rasgadas da mochila.

Enquanto fazia isso, um cartão de visita saiu de sua mochila, pousando no chão como uma bandeira de cessar-fogo. Ela o pegou e o revirou na mão, esfregando o dedo no alto relevo dourado do brasão da Delegacia de Polícia de Crescent Hill. Ela respirou lentamente e pegou o telefone; deu um gritinho quando ele vibrou em sua mão.

– Oh, droga, Chloe, você me deu um susto do caramba.

– E um olá caloroso para você também.

– Desculpe – Sawyer jogou o cartão do detetive Biggs em cima da escrivaninha e caiu na cama. – Eu só estou ficando maluca.

Chloe riu de modo simpático.

– Ah, querida, Maggie está realmente mexendo com você. Sawyer assentiu.

– Estou pensando em chamar a polícia.

– Para denunciar a Maggie?

Sawyer apertou o nariz, sentindo uma dor de cabeça chegando. Não sabia quanto contar para Chloe. Não queria que sua melhor amiga se preocupasse com ela. Também não queria contar tudo... tudo o que ela vinha escondendo.

– Só... tem muita coisa acontecendo e Maggie, ela... bom, é complicado, Chloe.

Chloe esperou, pensando.

– Se você não consegue explicar nem para mim, como vai explicar para a polícia? Quer dizer, você vai falar o quê?

Sawyer se sentou e segurou uma almofada contra o peito.

– Não sei bem – ela parou então, segurando as palavras em sua boca. – Talvez eu diga para eles que alguém anda me seguindo.

As palavras saíram e ficaram suspensas no ar, opressoras, *reais*. Sawyer sentiu as lágrimas arderem no canto dos olhos, a dor de cabeça latejante, e apertou o nariz entre os olhos.

– Ele sabe coisas sobre mim, Chloe, sobre as pessoas... as pessoas na minha vida – ela suspirou. – Eu não sei. Talvez eu esteja exagerando?

Chloe parecia ofegante.

– Não acho que você esteja exagerando nada.

Sawyer pensou de novo nos bilhetes escondidos em sua gaveta de calcinhas – nos bilhetes e na embalagem.

– Ele me mandou um rótulo de óleo de amendoim depois que o professor Hanson morreu.

Chloe prendeu a respiração.

– Sawyer, isso é prova! Você precisa entregar isso para a polícia!

– É prova *contra* mim, Chloe. Sou eu quem estou com o rótulo.

– Mas ele mandou para você. Você precisa falar isso para eles! Eles vão acreditar em você, afinal por que alguém acreditaria que você queria fazer algo de mal para o professor Hanson?

– Porque – ela parou, respirou fundo – outro dia, na sala... Eu acho que... acho que ele pode ter... tipo, dado em cima de mim. E se a polícia achar que eu... – ela abaixou o tom de voz, engolindo em seco – ... o matei?

– Espera, o quê? O professor Hanson deu em cima de você? Tipo paquerou você?

– Não exatamente...

– Por que você não me contou, Sawyer? Deus, não acredito que você aguentou um troço desses sozinha. Olha, você tem certeza?

O estômago de Sawyer se revirou.

– Não. Quer dizer, sim.

– Ele é, quer dizer, era, muito gente boa. Talvez você tenha interpretado errado? O que aconteceu exatamente?

Sawyer sentiu a raiva arder no peito, e fechou os olhos.

– Eu não devia ter que explicar para você... ou provar algo para a minha melhor amiga. Você está dizendo que não acredita em mim?

– Não, claro que eu acredito em você, querida. Eu só estava perguntando porque...

A raiva eclodiu.

– Porque o remédio me deixa meio doida? Deus, Chloe, achei que você seria a única pessoa que entenderia.

– Eu entendo, Sawyer, e o que eu ia dizer é que, você sabe, ele levou a Libby para casa aquela noite, e ele é sempre superprestativo com a sociedade de honra. Ele conversava com todo mundo.

– Foi superprestativo.

– Quê?

Sawyer umedeceu os lábios.

– Ele sempre foi superprestativo. Desculpe. Estou tensa. É só que... eu quase não tenho certeza de que foi uma cantada mesmo. Mas eu sei como eu me senti e foi nojento. Eu me senti enjoada depois. Como se eu precisasse tomar banho. Ou de uma injeção de penicilina.

– Você vai falar isso para a polícia?

– Não. Não posso, Chloe, eles vão pensar que eu fiz algo com ele.

– Mas o bilhete! E Kevin! Ele era seu namorado. Por que você mataria seu próprio namorado? – A voz de Chloe ficou embargada. – Você o amava. Ele era doido por você.

Sawyer queria confiar em Chloe, mas como poderia, depois de manter os sentimentos de Kevin, os abusos dele, escondidos por tanto tempo? A mentira, mesmo que por omissão, pesava sobre Sawyer como uma grande pedra.

– É. – Foi tudo o que Sawyer conseguiu responder.

Na manhã seguinte, Sawyer se vestiu em silêncio e saiu de casa quando Tara e seu pai estavam dormindo. Às 7 da manhã, seu carro estava estacionado em frente à Delegacia de Crescent Hills, e ela ouvia o próprio coração e observava a porta automática de vidro se abrindo e fechando toda vez que policiais passavam, indo e vindo. Suas mãos estavam pegajosas no volante, e ela sentiu vontade de ligar o carro e dirigir para longe.

Respirando de maneira pausada para se acalmar, Sawyer saiu do carro e entrou na delegacia, piscando com a claridade das luzes brancas no teto. Não sabia o que esperar de uma delegacia, mas não era aquilo. O escritório central era relativamente silencioso e mais parecia um escritório de negócios, com carpete cinza cobrindo todo o chão e plantas artificiais entre as mesas de metal modernas, ocupadas por policiais de uniforme. Sawyer começou a mexer

nervosamente na alça da mochila.

Talvez não tenha sido uma boa ideia.

– Posso ajudá-la?

O policial que sorria para ela tinha um cabelo escuro cortado bem curto que fazia seus olhos verdes brilhantes se destacarem. Era alto e pálido e havia algo incrivelmente familiar em seu sorriso torto.

– Posso te ajudar?

Sawyer mordeu o lábio.

– Hum, talvez? Sim. Acho que sim.

– Ok.. que tal você começar me dizendo seu nome?

– Eu sou Sawyer. – Ela não sabia se deveria estender a mão para um cumprimento ou só dizer oi de longe. Escolheu a segunda opção. – Sawyer Dodd.

– Você é estudante, srta. Dodd?

Sawyer assentiu, sem saber por que aquilo era relevante.

– Sim, na Hawthorne.

O policial balançou a cabeça e sorriu.

– Logo vi que conhecia você. Meu irmão estuda na Hawthorne. Sou Stephen Haas.

– Haas? Você é irmão do Logan. – Sawyer se lembrou. – O detetive Biggs falou que tinha um parceiro, mas eu não percebi... não liguei os pontos, acho. Eu me lembro de Logan ter dito que seu irmão era policial.

– Pode me chamar de Stephen. – Ele fez um meneio de cabeça e estendeu a mão para Sawyer. – Então, você é amiga do meu irmão?

Sawyer assentiu.

– Tipo isso. O armário dele é logo embaixo do meu, e eu dei carona pra ele um dia.

Stephen esboçou um sorriso e apontou para ela, olhos verdes semicerrados.

– Ah, é isso mesmo. Você é *aquela* Sawyer Dodd.

– Err, é.

– Meu irmãozinho tem, digamos, uma queda por você.

Sawyer corou, e sentiu o rubor chegar às orelhas.

– Oh.

– Então, o que posso fazer por você?

– Ah, certo. Na verdade, eu estava procurando o detetive Biggs. Ele está aqui?

Stephen checou seu relógio.

– Ele provavelmente não vai voltar antes das duas horas. Posso ajudá-la com alguma coisa?

Sawyer mordeu o lábio inferior.

– Bom, sem querer parecer mal-educada, mas não, acho que não.

– Certo, deixe eu explicar melhor: o detetive Biggs ainda vai demorar umas horas para chegar, e mesmo quando chegar, o mais provável é que você fale comigo. Eu sou o contato dele.

Sawyer sorriu.

– Contato?

– Sim. Por que você não vem comigo até a sala de reunião e me conta o que está acontecendo? Eu posso começar o arquivo do caso para o detetive Biggs.

Os dedos de Sawyer ainda esfregavam a alça da mochila e ela mudou o peso de uma perna para a outra.

– Bem...

Mas o rosto de Stephen Haas era tão sincero, tão simpático, que Sawyer sorriu timidamente e o seguiu até a sala de reunião.

– Então – disse ele, pegando um caderno amarelo –, como posso ajudá-la?

Os olhos de Sawyer seguiram as linhas em branco do caderno, e ela molhou os lábios secos, apertou as mãos, que pareciam duas conchas. Pigarreou.

– Bom... – ela começou, sentindo a mente dar voltas pensando em tudo o que acontecera, e como pareceria absurdo. – Talvez eu esteja exagerando um pouco. – Ela se levantou. – Sabe, é melhor eu ir embora.

Stephen pousou a mão gentilmente no braço dela.

– Sawyer, se o que está acontecendo fez você dirigir até a delegacia às sete da manhã, eu quero saber o que é. Além disso... – Ele abriu o sorriso simpático de novo –, eu decidirei se devemos mandar uma equipe da SWAT ou os caras de branco com as camisas-de-força.

Sawyer se sentou de novo, ainda nervosa, mas esboçando um sorriso sincero.

– Bom, o detetive Biggs foi à minha casa algumas semanas atrás, logo depois de meu namorado, Kevin Anderson, morrer em um acidente de carro.

Stephen assentiu.

– Kevin Anderson. Foi um acidente que envolveu bebida, certo?

Sawyer beliscou seu lábio.

– É. Mas eles acham que tinha mais alguém no carro. Alguém que escapou. Acham que era eu.

Stephen ergueu as sobrancelhas.

– E era?

– Não. Não. Nós brigamos naquela noite e quando eu o deixei, ele estava bebendo, mas sozinho.

– OK. Mas não vejo como isso...

– E na segunda-feira depois do funeral dele – Sawyer continuou, os olhos fixos num ponto da mesa –, eu recebi um bilhete. Estava escrito “de nada”. E havia uma notícia do jornal com o bilhete. Uma notícia sobre a morte de Kevin.

Stephen se reclinou em sua cadeira, puxou o ar e bateu a ponta da caneta no caderno.

– Parece que alguém está querendo pregar uma peça em você. De muito mau gosto.

– E então, meu professor de espanhol foi morto.

– Ah, o sr. Hanson, certo? Logan me contou. Mas ele não foi assassinado; morreu por uma reação alérgica.

– É, mas daí eu recebi outro bilhete. Ah, e antes disso, estávamos numa festa e alguém atacou minha melhor amiga, Chloe Coulter.

– Você pode soletrar esse último nome?

Sawyer mordeu a unha.

– Talvez você não devesse anotar isso.

Stephen ergueu a sobrancelha.

– Por que eu não deveria anotar?

– É só que... a gente ficou fora de casa até tarde... e os pais da Chloe não sabem.

– Se foi um ataque, Sawyer, isso é bem sério. Conte-me o que aconteceu.

– Foi sério. Alguém tentou cortar os freios do carro da mãe dela. E Chloe foi para fora...

– Onde isso aconteceu?

– Ah, na casa dos Rutger. Mas talvez você não devesse...

– Deixe-me adivinhar. Os pais da garota não sabiam que ela estava dando uma festa?

– Era um garoto, na verdade. Evan. Evan Rutger. E não. Stephen respirou fundo.

– Certo. Só me conte tudo e vemos depois com quem temos que falar, certo?

Sawyer assentiu.

– Tá bom. Enfim, alguém bateu na cabeça da Chloe.

– Ela se machucou muito?

– Não muito. Mas um pouco. Sangrou.

– Então você sabe que foi um homem.

– Não, não... quer dizer, foi o que a Chloe disse, mas ela também disse que não viu bem.

– Alguém chamou a polícia?

Sawyer balançou a cabeça negando de novo, sentindo-se meio envergonhada. Devia ter feito Chloe chamar a polícia aquela noite.

– Não, Chloe não queria se dar mal.

– Certo, então sua amiga foi atacada. Ela recebeu algum desses bilhetes?

– Não, não recebeu.

– Alguém mexeu no seu carro? Você viu alguém que combine com a descrição de quem atacou Chloe?

– Não.

– Então, não tem motivo para acreditar que a mesma pessoa teria atacado vocês duas.

– Não – Sawyer franziu a testa –, acho que não mesmo. Saber que sua melhor amiga não era alvo de seu admirador deveria ter feito Sawyer se sentir melhor, mas pensar que havia duas pessoas horríveis em Crescent Hill não era muito melhor.

– Então, você disse que recebeu um bilhete depois que seu professor faleceu.

– Stephen inclinou a cabeça. – Você trouxe algum desses bilhetes?

Sawyer negou com a cabeça.

– Não. Eu não tinha planejado vir aqui hoje de manhã.

– Você reconhece a letra, ou havia um carimbo? Algo reconhecível?

– Não.

– Bem, Sawyer, eu agradeço sua preocupação e acho bom que você tenha vindo falar disso, mas eu realmente acho que isso é só...

– Uma coincidência? Uma brincadeira? Alguém me mandou flores também, na escola. E alguém pichou meu armário no vestiário, bem depois de picar minhas roupas enquanto eu estava tomando banho.

Sawyer percebeu a tensão crescendo em sua voz e se retraiu. Tudo o que ela

estava falando *parecia* absurdo, ridículo, uma coincidência, uma brincadeira. Alguém estava brincando com ela, aproveitando as coisas horríveis que tinham acontecido e estava tentando assustá-la. O suor começou a molhar seu lábio superior e ela suspirou.

– Talvez você esteja certo. Deve ser só uma brincadeira idiota.

Stephen contraiu os lábios em um sorriso compreensivo e deu tapinhas nas mãos de Sawyer, que estavam apoiadas na mesa. Ela olhou para as mãos dele.

– Sinto muito que alguém tenha feito isso com você, Sawyer. Os adolescentes podem ser terríveis, mesmo. E pelo que ouço do meu irmão, sua sala é bem chata.

Sawyer pensou em Logan sentado no carro dela, vestindo um moletom, e forçou um sorriso.

– Acho que sim.

– Ele mencionou alguns garotos, incluindo seu falecido namorado, desculpe, que praticamente o torturaram desde que ele pisou na escola.

Sawyer fincou as unhas no verniz da mesa.

– Tem mais alguma coisa que eu deveria saber sobre esses incidentes? Vou escrever um relatório, só para termos um arquivo, para o caso de surgir algo mais...

Sawyer hesitou e seu corpo todo ficou tenso, e pensar em outro bilhete, em outro assassinato, era como levar um soco no estômago. Stephen pareceu entender na mesma hora.

– Não que haverá mais incidentes.

Ela pensou na embalagem do óleo de amendoim e balançou a cabeça.

– Não, senhor.

– Chame-me de Stephen. Ou de policial Haas, na pior das hipóteses. Não de senhor.

Sawyer assentiu muda e levantou quando o policial Haas checkou seu relógio.

– Não está na hora de você ir para a escola? Se sair agora, chega a tempo do último sinal.

– Sim – Sawyer pegou a mochila. – Obrigada.

Ao sair da delegacia, sentiu um enorme alívio, sentiu-se tola e um pouco mais calma. *É, ela se convenceu enquanto dirigia para a Hawthorne High, é só uma brincadeira, uma brincadeira idiota, de mau gosto. Não sou responsável por nada.*

Ela repetiu esse mantra até entrar no estacionamento e parar o carro. Pegou sua mochila, os movimentos um pouco mais firmes. *Só uma brincadeira...*

As palavras ressoavam em sua mente e pareciam acalmá-la. Mas no fundo, no fundo, Sawyer sabia que a calma não duraria.

Sawyer estava se sentindo um pouco mais confortável depois da aula e quase se esquecera dos bilhetes, das flores e das roupas rasgadas quando o segundo período começou. Quando entrou na sala do coral, estava totalmente focada em seu solo, em seu novo uniforme do coral. Chloe se aproximou.

– Ei! Você está sorrindo! Tipo uma idiota. – Ela cutucou Sawyer e sorriu. – Algo que eu precise saber?

Sawyer negou com a cabeça, sentindo os cabelos macios nos ombros.

– Não. Só estou me sentindo muito bem hoje.

– Bom saber.

– Senhoras e senhores – o sr. Rose apareceu na porta, mãos levantadas como se estivesse regendo a conversa dos estudantes. – Falem baixo agora. Acho que todos vocês andaram vendo, e adorando, nosso novo *set list*. – Ele mexeu em alguns papéis. – Vamos começar com o terceiro número hoje, assim, podemos praticar os solos de todo mundo. – Ele olhou para Sawyer, que hesitou, e então cobriu a boca com uma mão.

– Ah, droga. Esqueci minha partitura – ela murmurou.

– Quê? – perguntou Chloe.

– Minha partitura. – Sawyer levantou a mão. – Hum, sr. Rose? Posso correr até meu armário? Esqueci minha partitura lá.

O sr. Rose sentou-se ao piano e assentiu, acenando distraidamente para a porta.

– Corra.

Maggie revirou os olhos quando Sawyer passou.

– E o mundo todo espera por Sawyer Dodd – disse alto o suficiente para Sawyer ouvir.

Sawyer entrou no corredor vazio e, de cabeça baixa, correu na direção de seu armário. Olhou para a frente bem a tempo de evitar um trombada com Cooper.

– Opa, oi. – Ele corou do pescoço até a testa e esboçou um sorriso.

Sawyer olhou para Cooper e para seu armário, apenas a três passos de distância, e de novo para Cooper.

– O que você está fazendo aqui?

Ele acenou uma autorização cor-de-rosa.

– Saí para ir ao banheiro.

Sawyer mordeu o lábio e apontou por cima do ombro direito de Cooper.

– O banheiro dos meninos é no corredor C.

O sorriso de Cooper parecia desconfortável, forçado.

– Eu pensei em ir pelo caminho mais comprido. A aula de trigonometria está me matando.

Sawyer cruzou os braços e ergueu uma sobrancelha.

– Pelo caminho bem mais comprido.

– O que você está fazendo aqui fora no meio da aula? Quer dizer, além de interrogatórios. – Cooper falava de um jeito leve, divertido, mas o tom de sua voz deixou Sawyer desconfortável.

– Esqueci uma coisa no meu armário – disse ela.

– Oh, seu armário é nesse corredor?

Sawyer assentiu, um pouco incomodada.

– Todos os armários do meu ano são.

– Certo. Na minha escola antiga eram todos misturados. – Cooper balançou a autorização de novo. – Bom, vou voltar para a sala. Alguém vai acabar percebendo que não se demora tanto tempo assim para fazer xixi.

Sawyer não disse nada e Cooper passou apressado por ela no corredor. Foi para a direção oposta ao corredor C, para longe da sala de matemática. Quando ela finalmente se voltou para seu armário, Sawyer virou a chave, sentindo calma e medo ao mesmo tempo. *Se tiver um bilhete, Cooper é o suspeito número um*, disse para si mesma.

Imediatamente pensou nas conversas com ele, do calor delicioso que sentiu quando eles se beijaram. Pensou no olhar doce dele e se sentiu mal.

– Deus, estou ficando paranoica.

Cooper nunca faria nada para me machucar. Ele me – ela parou no meio do pensamento, quase usando a famigerada palavra “ama”. *Ele gosta de mim*, corrigiu-se.

Mesmo as pessoas que gostam de você – ou que te amam – podem te machucar, sua consciência a alertou. Sawyer ignorou.

– Brincadeira. – Ela disse a palavra em voz alta, como se para se convencer. – Brincadeira idiota.

Mas não tinha nada de errado em seu armário, e sua partitura, as roupas de treino e as fotos estavam exatamente do jeito que ela as havia deixado. Ela fechou a porta de metal, com o coração batendo de um jeito do qual ela nem se lembrava mais: normal.

Assobiou seu solo enquanto voltava para a sala.

* * *

– Então, eu vou para casa, me troco e passo na sua casa às cinco horas. Tá bom? – perguntou Chloe.

– Sim, tá bom. Eu acho que devemos fazer um festival a noite toda, com filmes ruins e chocolate. Se eu sobreviver à aula de química hoje, vou precisar com certeza – Sawyer se virou para ir até seu armário, mas Chloe pousou a mão em seu braço.

– Ei, Sawyer – ela lambeu os lábios –, estou feliz que você... esteja se sentindo melhor.

Sawyer sentiu um nó na garganta, mas dessa vez, não sentiu o desespero com

o qual já havia se acostumado. Sorriu com sinceridade, e puxou sua melhor amiga para um abraço.

– Eu também. E você também.

Chloe deu um passo para trás, confusa. Sawyer inclinou a cabeça, passando gentilmente a ponta do dedo pela testa de Chloe, sobre o corte que ainda estava cicatrizando.

– Ah, certo.

– Ei, Chloe, falando nisso, você chegou a ir à polícia?

Chloe negou com a cabeça.

– Eu te falei, minha mãe me mataria. Além disso... – ela franziu o nariz – ... Ryan conseguiu guinchar o carro sem ninguém saber. O pai dele é dono daquela oficina em Forest, sabe?

Sawyer assentiu.

– Mas alguém te atacou, isso é bem...

Chloe pôs a mão no ombro de Sawyer e apertou delicadamente.

– Acabou, Sawyer, nada de mais.

Sawyer queria ter um pouco da coragem da amiga. Talvez, se tivesse, não se assustasse a cada quinze minutos, ou desconfiasse de caras bonitinhos que só estavam tentando ser legais com ela.

– Eu me preocupo com você, Chloe.

Chloe começou a dizer:

– Nada. De. Mais. O carro está bom. – Ela apontou para a testa. – A cachola é feita de pedra ou alguma coisa dura assim.

Sawyer riu.

– Verdade. E ei, aposto que no carro, com Ryan, vocês dois puderam aproveitar um pouco mais, certo?

Chloe rolou os olhos e abriu um sorriso levado.

– Uma dama não conta nunca...

– Por isso mesmo você deveria falar tudo.

– Nada para contar, S. Você não acha que eu já teria dado cada detalhe sórdido se tivesse o que contar? – Ela piscou – Melhores amigas não têm segredos entre si.

Sawyer percebeu seu sorriso diminuir, só por um segundo.

– É. Você está completamente certa.

– Certo, tenho que ir. Até mais tarde – Chloe passou por ela e pela porta dupla de vidro em direção à aula de educação física e Sawyer pôs a combinação no cadeado de seu armário e tirou o livro de química de dentro.

– Você!

A voz de Maggie ecoou pelo corredor.

– O que Maggie quer agora? – Sawyer murmurou para si mesma.

– Estou falando com você!

Sawyer sentiu um dedo duro cutucar seu ombro. Apoiou as mãos nas laterais do armário e respirou fundo para se acalmar. Maggie a cutucou de novo.

Sawyer se virou, revirando os olhos.

– O que você... – Sawyer parou quando viu o bilhete nas mãos de Maggie. Era o mesmo papel verde-claro, do mesmo tamanho e do mesmo formato, e a julgar

pela fúria nos olhos de Maggie e o rubor em suas faces, ela tinha lido o bilhete.

– Onde você pegou isso?

– Você enfiou no meu armário, sua vaca!

Antes que Sawyer conseguisse processar o que Maggie tinha dito, sentiu uma mão em seu peito, um tremendo empurrão que a jogou contra o armário de metal. O cadeado bateu na nuca de Sawyer e ela se retraiu.

– Você acha que eu sou uma vadia? – Maggie continuou sem pestanejar, chacoalhando o bilhete na cara de Sawyer. – Você acha que eu sou uma vagabunda? Kevin só me trocou por você porque ele ouviu dizer que você era fácil. Ele ouviu dizer que você chupava metade dos caras daqui até seu condomínio novo.

O rosto de Maggie estava a poucos centímetros de Sawyer, e a garota estava histérica. Os olhos soltavam faíscas, a voz saía estridente, e era nisso que Sawyer prestava atenção quando Maggie a agrediu.

O tapa foi forte e dolorido em seu rosto, e pela segunda vez na vida, Sawyer se sentiu ameaçada, acuada. Seus olhos marejaram, e ela se encolheu contra o armário frio.

– Você não sabe nada de mim e do Kevin! – Maggie cuspiu. – Ele traiu você comigo!

Sawyer sentiu a raiva crescer dentro de si. Parou de ouvir quando Maggie se moveu para agredi-la de novo. Ela agarrou o pulso de Maggie, sentindo o calor se transformar num verdadeiro incêndio dentro de si. Ninguém mais a agrediria, nunca mais.

– Não toque em mim – disse ela entredentes.

– Não me mande esses malditos bilhetes – Maggie gritou em resposta. Quando ergueu a outra mão para um novo ataque, Sawyer a agarrou também, e empurrou Maggie, que tropeçou nos próprios pés, indo para cima do grupo de adolescentes que havia se juntado em volta delas para assistir, e caiu sentada no chão. O bilhete voou de sua mão e Sawyer viu o arco gracioso que ele fez no ar até cair contra a fileira de armários do outro lado.

A fúria de Maggie era palpável.

– Sua vaca!

– O que está acontecendo aqui?

A voz de barítono do diretor Chappie fez os alunos se espalharem como bolas de gude até sobraarem apenas Sawyer e Maggie, Sawyer encostada no armário, Maggie com cara de cãozinho ferido no chão. Sawyer viu Maggie arfar e piscar com força até lágrimas de crocodilo rolaem por seu rosto.

– Sawyer me atacou! Ela me jogou no chão!

– Não joguei, não – Sawyer protestou. – Ela veio atrás de mim! – Ela se aproximou do diretor Chappie e Maggie ficou no mesmo lugar, erguendo um braço à frente do rosto, como se estivesse com medo de Sawyer agredi-la.

– Ah, levante-se! – Sawyer rosnou para ela. – Você sabe o que aconteceu. Você caiu sozinha tentando bater em mim. Conte para ele!

Maggie piscou inocentemente:

– Eu não sei o que aconteceu. Eu estava andando pelo corredor e Sawyer se jogou em mim como se fosse um animal.

– Eu não! Você pichou meu armário e rasgou minhas roupas!

Maggie não desfez a cara de coitada.

– Não sei do que ela está falando, diretor Chappie. Ela é louca. Ela me mandou um bilhete com ameaças. Eu só... – ela fungou e Sawyer viu seus pequenos ombros tremerem, o rosto se retorcer em nova choradeira.

Essa garota merecia ganhar um Oscar, Sawyer pensou com amargura.

– Estou tão assustada. Não sei o que eu fiz para ela.

Sawyer ficou boquiaberta.

– O que eu fiz para *ela*? Diretor Chappie...

O diretor Chappie ajudou Maggie a se levantar e levou a mão ao próprio queixo.

– Melhor você ir até a minha sala, Sawyer. Alguma de vocês precisa ir à enfermaria?

Maggie fez uma ceninha, checou os cotovelos, mexeu os pulsos como se procurasse fraturas.

– Acho que estou bem, senhor. Eu só gostaria de ir para a aula. Tenho que fazer uma apresentação de inglês.

– Claro Maggie. Vá em frente – o diretor Chappie levou a mão ao cotovelo de Sawyer. – Sawyer?

Sawyer foi tomada pela raiva ao ver Maggie se safar, com a cabeça erguida.

Observou a garota se afastando.

– Vamos lá – disse o diretor Chappie.

– Está bem – Sawyer se conformou, tentando relaxar a mandíbula. – Deixe-me apenas pegar minha mochila. – Ela se abaixou para pegar a mochila, e então apanhou o bilhete de Maggie que estava caído embaixo do armário, e o enfiou no bolso. – Pronto.

Sawyer se sentou na sala do diretor Chappie, mordendo o lábio inferior enquanto ele desligava o telefone.

– Seu pai deve chegar em alguns minutos. Eu já falei para ele sobre o que conversamos.

– Estou suspensa – disse Sawyer, desolada.

– Imediatamente. Mas não pense que isso é algum tipo de folga. Você virá amanhã de manhã antes do primeiro sinal para apresentar a retenção escolar, enquanto a diretoria decide se sua punição é suficiente.

– Eu não fiz nada – disse Sawyer com a voz rouca, quase inaudível.

– Se você optar por não se apresentar amanhã, será imediatamente expulsa.

– Expulsa? – Ela ficou boquiaberta.

– Isso é muito sério, srta. Dodd. Nós não toleramos *bullying* aqui em Hawthorne High. Entendeu?

Ela assentiu, mas só conseguia pensar no bilhete em seu bolso. Queria ler o que estava escrito, e pensou em mil situações nas quais pudesse ficar sozinha para descobrir o que havia nele.

– Posso ir ao banheiro?

O diretor Chappie contraiu os lábios.

– É uma emergência?

Sawyer afirmou com a cabeça, levando a mão à parte inferior de seu

abdômen.

– Cólica.

Ele pareceu pensar por um momento e pegou o telefone.

– Ellen, você pode vir até aqui e levar a srta. Dodd ao banheiro?

– Eu consigo ir ao banheiro sozinha, diretor Chappie.

Ellen, uma caloura que mal batia no queixo de Sawyer, apareceu na porta da sala do diretor um segundo depois de ele desligar o telefone.

– Posso te levar agora mesmo. – Ellen abriu um sorriso amistos, mostrando o aparelho nos dentes.

– Obrigada – Sawyer murmurou, seguindo a loirinha.

– Então – Ellen começou quando elas chegaram aos corredores desertos, relativamente tranquilos, – é verdade que você atacou Maggie Gaines?

– Não – respondeu Sawyer sem olhar para a garota.

Ellen franziu o cenho e Sawyer viu a garota enrolar o dedo na barra da camiseta, torcendo o tecido com nervosismo.

– Desculpe – disse Sawyer, parando para olhar para Ellen. – Eu só estou de péssimo humor. Nada contra você.

Ellen assentiu, com os cabelos de algodão-doce loiro emoldurando suas sardinhas.

– Está tudo bem. Sinto muito pela suspensão.

– Você já sabe?

As sardas de Ellen desapareceram sob o rubor de seu rosto.

– Eu imaginei. Aqui é tolerância zero.

– Enfim – Sawyer apontou para a porta do banheiro feminino –, eu só vou...

– Ah, certo – Ellen assentiu com a cabeça e se recostou na parede ao lado. – Eu vou esperar você aqui.

Sawyer enfiou a mão no bolso e passou as pontas dos dedos no bilhete. Sentiu o estômago revirar, mas forçou um sorriso.

– Eu prometo não tentar fugir.

Sawyer entrou na primeira cabine e trancou a porta, tirando o bilhete do bolso. Ela o alisou na coxa e sentiu os pelos de sua nuca se eriçarem. Cada batida de seu coração parecia expulsar o resto de ar que ainda restava em seus pulmões.

Maggie,

Você é uma vadia! Não pense que Kevin não me falou coisas a seu respeito. Na verdade, ele disse que você chupava muito mal... apesar de que TODOS os outros caras do time de futebol devem pensar diferente. Nós costumávamos rir de você, sua vadia baranga, que finge ser uma virgem inocente. Você não engana ninguém; a escola toda sabe a vadia que você é, a pu...

Não foram as palavras no bilhete que chocaram Sawyer; não foi tanto pelo fato de o bilhete ter sido escrito no mesmo papel verde-claro que enviavam para ela; era a caligrafia. *Idêntica* à dela.

Sawyer mordeu com força o lábio inferior enquanto lia a última linha – assinado...

Sawyer Dodd, uma admiradora

Sawyer teve muita dificuldade para voltar a respirar, e se dobrou para a frente, apertando o bilhete em uma mão e mantendo a cabeça entre os joelhos. Ela fechou os olhos e se esforçou para respirar normalmente, diminuir os batimentos cardíacos, quando ouviu uma batida forte na porta do banheiro, e a luz do corredor invadiu o ambiente.

– Sawyer? Está tudo bem?

Sawyer ficou de pé e usou a palma da mão para enxugar as lágrimas que começaram a cair inexplicavelmente.

– Sim – disse ela, limpando a garganta –, estou bem. – Ela deu a descarga com o pé e se dirigiu à fileira de piaas, mantendo a cabeça abaixada para que Ellen não visse como ela estava corada. Lavou o rosto com água gelada e Ellen ergueu as sobrancelhas, sorrindo de modo caridoso.

– Você está preocupada com o que seus pais vão dizer?

– Err, é, um pouco – disse Sawyer, aproximando-se de Ellen na porta. – Mas é hora de encerrar o bicho, certo?

Ellen acompanhou o passo de Sawyer.

– Sabe, se você precisar de alguma coisa, pode me chamar. Eu sei que a gente nem se conhece, mas posso levar sua lição de casa para você, coisas assim.

– Não se preocupe – disse Sawyer. – Você nem sabe quais são as minhas aulas.

– Ah, sem problema. Eu posso pegar o horário no escritório. Não tem nada de mais.

Sawyer sentiu um pouco de calor na nuca, mas não soube o motivo.

– Não, não precisa se incomodar. Mas eu agradeço mesmo assim.

Andrew Dodd não disse nada para Sawyer quando eles saíram da sala do diretor Chappie e foram para o estacionamento de visitantes.

– Pai – Sawyer tentou quando eles chegaram ao carro.

Andrew ergueu a mão para que ela se calasse, e abriu o carro e entrou no banco da frente. Sawyer se sentou no banco do passageiro e deixou a mochila no chão.

– Pai, eu não fiz nada. A Maggie se jogou em mim! E eu nem escrevi aquele bilhete. – Ela parou, e como Andrew não disse nada, ela cruzou os braços e se afundou no assento, olhando para a frente. Quando seu pai dobrou à esquerda, na direção oposta à estrada para Blackhawk Hills, ela franziu a testa.

– Para onde vamos?

– Você vai falar com o dr. Johnson.

Sawyer ficou tensa, a raiva e a sensação de traição ardendo no peito.

– Quê? Pai, eu falei para você que eu não tenho nada a ver com isso. Maggie é uma louca, e alguém mandou um bilhete para ela e falaram que era meu, mas não era.

Andrew passou a mão pelos cabelos ralos e esfregou os olhos.

– Sawyer, Tara está de cama. Ela foi para a casa da mãe dela. Sawyer ergueu as sobrancelhas.

– O quê? Por quê?

Seu pai se virou para olhar para ela. Seus olhos estavam apertados e frios, e a face estava toda ruborizada.

– Sério, Sawyer? Sério?

– Pai, eu não faço ideia do que...

– Para com isso. Meu Deus, Sawyer, eu não sei mais o que fazer com você. Sabe, eu entendo que você perdeu seu namorado, passou pela separação de seus pais e vai ter um irmão, tudo isso tem sido difícil para você, mas sério, cresça. O que você fez... – Ele apertou o volante até os nós de seus dedos ficarem brancos e continuou olhando para a frente. – Quer saber? Você está prestes a se atrasar para a consulta. Estarei aqui fora em uma hora, e espero encontrá-la aqui.

Sawyer abriu a boca para dizer algo, mas a pressão não permitiu. Engoliu as lágrimas, saiu do carro, e foi para a sala de espera vazia do dr. Johnson.

– Sawyer Dodd – disse ela para a recepcionista. – Acho que eu tenho uma consulta marcada.

A mulher de cabelo escuro sorriu serenamente. Sem checar o computador ou a agenda, ela indicou a sala do dr. Johnson.

– Pode entrar direto.

Sawyer colocou a mochila no ombro, sentindo-se subitamente muito pequena e desprotegida, e entrou no consultório luxuoso do dr. Johnson. Já estivera lá algumas vezes – logo antes de Tara e seu pai se casarem, e de novo quando Kevin morreu.

– Ah, Sawyer, que bom ver você de novo. – O dr. Johnson estava vestido no estilo “não me veja como médico, mas como um amigo”, com calça de sarja e uma camisa clara que mostrava seu físico em forma. As mangas estavam dobradas até o cotovelo, mostrando antebraços bem torneados com pelos loiros. Ele era um homem bonito, mas Sawyer nunca confiava em alguém que batia os dedos na mesa e ficava fazendo “mmm mmm” como ele.

– Sente-se.

Ela se sentou e apoiou a bolsa no chão.

– Por que estou aqui?

– Por que você não me diz?

– Eu não perguntaria se soubesse – disse ela, sentindo a raiva se formando na boca do estômago. – Uma menina na escola me atacou, meu pai me pegou e me deixou aqui. Nem foi minha culpa.

O dr. Johnson contraiu os lábios.

– Então, você não quer falar do quarto do bebê?

Sawyer não entendeu.

– Que quarto?

O médico inclinou a cabeça com a intenção de confortá-la, mas para Sawyer, pareceu mais um gesto condescendente.

– Então não vamos falar sobre isso?

– Do que está falando?

O dr. Johnson pegou o celular de sua mesa meticulosamente arrumada.

Deslizou algumas telas e o entregou para Sawyer.

Ela perdeu o ar.

– Meu Deus! Quem fez isso?

As fotos eram do quarto de bebê que Tara havia cuidadosamente montado com tecidos calmantes orgânicos, paredes em tons pastel, o bercinho branco combinando. Só que não eram. Agora, as paredes claras estavam manchadas por pinceladas vermelhas que escorriam tinta, deixando poças no carpete. Os pedaços do berço branco estavam uns por cima dos outros, deixando a parte interna da madeira toda exposta. O enxoval do recém-nascido estava rasgado, completamente destruído. O que não havia sido destruído, estava coberto de tinta vermelha, dando a impressão de que algo terrível havia acontecido lá, ou estava prestes a acontecer.

Sawyer olhou para o dr. Johnson sem fôlego.

– Eles acham que eu fiz isso.

O médico esperou.

– Por isso eu estou aqui, né? Meu pai acha que eu pirei e... e quero machucar o bebê. – Ela devolveu o telefone para o dr. Johnson. – Eu não fiz isso. Você sabe que eu não faria isso, dr. Johnson, precisa dizer isso para eles.

– Sawyer, aconteceu muita coisa na sua vida em muito pouco tempo. É compreensível você sentir raiva.

– Eu não estou com raiva!

– Você se meteu numa briga na escola hoje.

– Eu acabei de dizer que ela me atacou. Eu não fiz nada! Eu tive que tirá-la de cima de mim, só isso. Não queria que ela caísse.

– Você quis mandar o bilhete para ela? Hum... – Ele empurrou os óculos para a testa, pegou seu telefone e leu: “Maggie, você é uma vadia! Não pense que Kevin não me falou coisas a seu respeito. Na verdade, ele disse que você chupava muito mal... apesar de que TODOS os outros caras do time de futebol devem pensar diferente”.

Sawyer ergueu as sobrancelhas, e o calor na nuca aumentou. Levou a mão, no mesmo momento, quase inconscientemente, ao bolso da calça onde estava o bilhete de Maggie.

– Como você sabe o que estava escrito no bilhete?

O dr. Johnson pareceu surpreso.

– Seu diretor me mandou uma foto dele.

Sawyer franziu o rosto.

– Posso ver?

Ele entregou o telefone para ela.

– Esse não é o bilhete que você mandou para Maggie?

Sawyer leu o bilhete na tela. O texto era o mesmo, mas o papel era um pouco diferente.

– Isso estava com o diretor Chappie?

– Sim. Suponho que Maggie tenha levado para ele. Você sabe que ela foi suspensa também. Agora me diga...

– Maggie foi suspensa também?

– É isso o que significa tolerância zero, Sawyer. Ambas as partes são

imediatamente...

– Eu não escrevi esse bilhete.

O dr. Johnson sorriu sem separar os lábios.

– Não precisa disso. Maggie também foi suspensa.

– Não... quer dizer, tudo bem, mas o bilhete. Eu não escrevi. Eu tento ao máximo, todos os dias, ficar longe da Maggie. Ela é quem tem vindo atrás de mim. Ela pichou meu armário – Sawyer fez uma pausa, pensando. – Foi a mesma cor que estava na parede de Tara. E Maggie rasgou minhas roupas exatamente como aconteceu com o enxoval do bebê. Maggie deve ter feito isso também! – Sawyer sentiu, ao dizer tudo aquilo, que as coisas não se encaixavam.. Nem sequer sabia se Maggie tinha conhecimento da gravidez de sua madrastra, muito menos de onde ela mora ou os horários da família.

Ela sentiu o sangue se esvaír de seu rosto.

– Tem alguém me observando, dr. Johnson. Alguém está tentando me machucar, e machucar minha família.

O dr. Johnson se recostou na poltrona e apoiou as mãos do jeito normal dos psicólogos.

– Sawyer, não posso fazer nada para te ajudar se você não for honesta comigo.

– Eu *estou* sendo honesta. Eu não fiz nada disso.

O dr. Johnson piscou lentamente.

– Se não consegue ser honesta comigo, precisa ser honesta pelo menos com você mesma. Como o nascimento de sua meia-irmã faz você se sentir?

– Eu fico furiosa – disse Sawyer, levantando-se –, mas não com o bebê. Estou furiosa com quem quer que esteja fazendo da minha vida um inferno. – Ela pegou a mochila. – E eu vou descobrir quem é. – Ela se virou e saiu, batendo a porta com força.

O dr. Johnson não tentou detê-la.

Sawyer estava andando de um lado a outro na calçada do lado de fora do consultório do dr. Johnson quando seu pai parou com o carro do seu lado.

– Você pode me levar de volta para a escola para eu pegar meu carro? – perguntou ela.

Andrew Dodd assentiu em silêncio e Sawyer se sentou ao lado dele, segurando com firmeza as alças da mochila, coração disparado.

– Pai, eu...

Sawyer parou imediatamente ao ver que o pai parecia não estar ouvindo, parecia não querer ouvi-la. O silêncio frio, os olhos fixos na estrada à frente eram resposta suficiente, e Sawyer ficou calada, e levou a mão à maçaneta da porta assim que o carro entrou no estacionamento da Hawthorne High.

– Não fui eu – disse Sawyer antes de sair do carro. – Eu juro, pai. Vou provar para você. – Ela bateu a porta do carro e Andrew partiu, saindo lentamente do estacionamento sem responder.

Sawyer caminhava em direção ao carro quando ouviu Chloe chamá-la.

– Ei, Sawyer, o que aconteceu com você?

– Terapia.

– Eles ainda acham que você tá pinel, é?

Sawyer passou a língua pelos lábios.

– Às vezes eu acho também.

– Bem-vinda ao clube – Chloe abriu um sorrisinho. – Enfim, quer ir ao shopping ou comer alguma coisa?

Sawyer balançou a cabeça.

– Você não soube? Eu fui suspensa. Tenho certeza de que isso implica em “Sawyer Dodd ficará de castigo em casa até os 75 anos”.

– Donzela em perigo.

– É. Jogue umas pedras, ou jujubas, na minha janela. Ou melhor ainda, jogue um príncipe num cavalo branco.

Chloe sorriu.

– Vou ver o que posso fazer. Então, nos vemos mais tarde?

– Se Deus quiser.

* * *

Sawyer entrou em casa, tirou os sapatos na entrada, sentindo a necessidade de ficar em silêncio mesmo sabendo que o carro do pai não estava na garagem e vendo a casa toda vazia. Subiu lentamente as escadas, os passos combinando com

as batidas do coração, o sangue correndo com força quando entrou no quarto do bebê. A porta estava fechada e Sawyer a abriu lentamente, sentindo o vento gelado bater em seus braços, fazendo seu cabelo se levantar.

– Ah, droga.

As cortinas verdes tão lindas, com animais bordados, pareciam ameaçadoras, todas rasgadas, puxadas para fora da janela, as pontas roçando no vidro quebrado. Ela tinha visto os pedaços de berço quebrados no celular do dr. Johnson, mas de perto, o berço parecia um sorriso de dentes quebrados que tinham caído para dentro; a tinta vermelha parecia sangue fresco e Sawyer sentiu o estômago revirar. Levou uma mão à boca, mas ficou aliviada por não vomitar.

O colchão do bebê estava todo rasgado, com espuma para fora, e Sawyer correu os dedos pelo tecido macio, e a unha passou por um canto duro. Ela parou nesse canto e puxou um pedaço dobrado de papel, o mesmo verde familiar, o mesmo peso.

Respirou fundo, mas sentiu uma pontada no peito.

Depois de tudo o que eu fiz por você, você ainda foi à polícia? Você é uma ingrata, Sawyer Dodd. Vai pagar por isso.

Ela largou o bilhete e dessa vez vomitou, sentindo o nariz arder com a bile que lhe subia a garganta. Correu para o banheiro e se ajoelhou, e a dor nos joelhos apoiados no piso frio não era nada comparada com a dor no estômago, com o latejar na cabeça quando segurou a borda do vaso frio, vômito, lágrimas, suor e muco se misturando na água.

Quando não tinha mais nada o que vomitar, Sawyer foi para seu quarto e subiu na cama, enfiando-se debaixo das cobertas ainda completamente vestida, da cabeça aos pés, e caiu num sono leve, inquieto.

O toque do telefone despertou Sawyer. Vinha de algum lugar perto dela e ela acordou, confusa, desorientada. Estava escuro. Ela estava em seu quarto e o telefone estava enfiado em seu bolso.

Ela atendeu no último toque.

– Alô?

– Sawyer!

– Chloe? – Sawyer tentou se sentar para achar o despertador. – Que horas são?

– Pouco mais de meia-noite. Você tem que vir para cá.

– Para onde? É meia-noite? – Sawyer afastou as cobertas e ficou de pé, foi até a janela do banheiro e se esforçou para enxergar com a ajuda de um único poste de iluminação na rua. – Você está aqui embaixo?

O carro do irmão de Chloe – na maior parte um Buick, mas com três calotas de Ford e um emblema de Rolls Royce grudado no capô – estava parado na frente da casa dela. Sawyer viu Chloe, celular grudado na orelha, sentada no banco do motorista, os olhos fixos na janela do segundo andar da casa.

– O que está acontecendo? – ela quis saber.

– Desça logo.

Sawyer olhou para trás; seu quarto estava intocado, nada havia mudado desde que ela se enfiara embaixo das cobertas.

– Não sei se eu posso. Alguém... Maggie...

– Exatamente por isso você tem que vir aqui.

Sawyer desligou o telefone e foi, na ponta dos pés, até a porta. Ela já estava encençada; sair escondida não mudaria muito sua situação, mas quando abriu a porta do quarto, percebeu que a porta do quarto de seu pai e de sua madrastra também estava aberta. A cama ainda estava feita; seu pai não tinha voltado depois de deixá-la na escola. Sawyer suspirou e saiu da casa.

– Então, o que está acontecendo? – ela perguntou assim que se sentou no banco do passageiro de Chloe.

Chloe virou a chave na ignição e o carro do seu irmão voltou à vida, e o som alto quase matou Sawyer de susto.

– Desculpa – disse Chloe, que desligou o rádio em seguida. – É o único carro que eu tenho permissão de usar desde o incidente com os freios. Você está bem?

– Não – disse Sawyer. – O que aconteceu?

– Maggie – disse Chloe sem tirar os olhos da rua. Ela conduziu o carro pelas colinas do condomínio e pelo portão de ferro, virando o volante suavemente, mas muito acima do limite de velocidade, até a estrada.

– Que tem ela?

Chloe engoliu em seco, e pela primeira vez desde que entrara no carro, Sawyer notou que os olhos azuis de sua amiga estavam incrivelmente arregalados, marejados. Sua maquiagem estava toda borrada pelas lágrimas e a ponta do nariz estava vermelha.

– Ela se matou.

– Quê? – Sawyer afundou o pé no chão do carro, como se pisasse em um freio, e se virou completamente para olhar para Chloe. – Como assim?

Os olhos de Chloe começaram a marejar de novo e ela tirou as mãos do volante, colocando-as no rosto, sobre os olhos.

– A mãe de Maggie ligou para a minha mãe. Encontraram o corpo dela esta noite.

– Chloe! – Sawyer pegou o volante e puxou o carro de volta para a faixa bem quando uma buzina assustadora soou do lado delas.

– Eu a odiava, mas não acredito que ela... ela...

Chloe fungou e Sawyer sentiu o mesmo nó na garganta.

– Ela cometeu suicídio?

Elas permaneceram em silêncio por um momento até Chloe sair da estrada, por uma via secundária que Sawyer reconheceu como sendo a mais próxima da casa de Maggie. Elas passaram por uma rua longa e sinuosa, banhada apenas pela luz da lua, até que as luzes das sirenes cortaram a escuridão e elas pararam.

– Ah, meu Deus – disse Sawyer.

A rua sem saída estava cheia de carros; Sawyer reconheceu alguns porque os via no estacionamento de estudantes da escola, mas a maioria ela não sabia de quem era; e carros de polícia e de emergência com portas abertas, policiais e paramédicos ao redor, com pranchetas de anotação ou falando em rádios. Um

policial parou na frente de uma luz amarela e Sawyer tirou o cinto de segurança, saindo do carro. Ela mal ouviu Chloe chamando ao fundo.

– Stephen?

O policial Stephen Haas estava parado. Ele sorriu quando viu Sawyer, mas ela viu que o sorriso não tinha nenhuma alegria, era forçado, ensaiado para ser oferecido a desconhecidos e pessoas pesadas em situações como aquela.

– O que você está fazendo aqui, Sawyer?

Sawyer olhou para a casa de Maggie, cheia de luzes, e de novo para Stephen.

– Maggie era minha... – ela se forçou a falar, lembrando-se de que um dia aquilo tinha sido verdade. – Era minha amiga. O que aconteceu?

Stephen engoliu em seco, o pomo-de-Adão subindo e descendo enquanto ele passava a mão pelos cabelos. Passou a falar mais baixo e Sawyer chegou mais perto.

– Não tem nada oficial ainda, mas em *off*... – ele tocou delicadamente o ombro de Sawyer, um gesto quase paterno. – Sinto ter que contar isso, mas sua amiga Maggie se matou hoje.

Sawyer sentiu algo parecido com um soco no estômago, ficou sem ar.

– Ela *o quê*?

Stephen desceu a mão para o cotovelo de Sawyer, segurando seu braço enquanto a levava para uma área mais vazia. Inclinou a cabeça quando parou e tirou um caderninho do bolso da frente.

– Você sabe de alguém que estivesse incomodando Maggie? – perguntou ele.

– Incomodando Maggie? – Sawyer cruzou os braços, subitamente sentindo a noite gelada. – Ninguém nunca incomodava Maggie. – *Ela incomodava todo mundo*, quis dizer, mas se conteve.

Stephen fechou o caderno e abriu as pernas, distribuindo o peso do corpo.

– Ela deixou um bilhete antes... – seus olhos brilharam e ele continuou – antes. Escreveu que não aguentava mais o *bullying*.

– Mas Maggie *praticava* o *bullying*.

– Escreveu que estava sendo vítima.

– O quê? Isso é loucura. Quer dizer, pode perguntar para Logan, ele sabe bem. Maggie mandava na escola.

Ouviu-se um forte barulho de metal e um uivo triste e assustador. Stephen olhou para trás e os olhos de Sawyer seguiram os dele, quando a porta da frente da casa de Maggie foi aberta e uma maca saiu dela, com a forma indisfarçável de um corpo coberto por um saco de vinil e amarrado a ela. A mãe de Maggie, com o rosto arrasado pela agonia, se agarrava à maca, e seu marido segurava seus ombros, tentando conter a esposa.

– Ela claramente não achava isso – disse Stephen.

Sawyer sentiu as unhas cavando meias-luas nas palmas das mãos e notou que cerrava os punhos.

– Você pode me dizer... pode me dizer como?

Ela parou antes de conseguir completar a frase. – *Você pode me dizer como a Maggie se matou?* Porque, apesar de saber as palavras, ela não conseguia formá-las, não conseguia deixá-las atravessar seus lábios, porque adolescentes não *deveriam* morrer. Não deveriam se matar.

Stephen contraiu a mandíbula enquanto olhava para Sawyer, obviamente pensando no que dizer.

– Desculpe – disse ele por fim –, eu não posso.

Ele se virou para se afastar e Sawyer pulou atrás dele, agarrando sua camisa azul.

– Por favor. – Era meio um sussurro, meio um engasgo. – Eu preciso saber.

Stephen olhou para os dedos de Sawyer e ela os abriu, um a um.

– Por favor – ela sussurrou.

– Policial Haas! – a voz dura cortou a noite mal iluminada e Sawyer se sobressaltou. O detetive Biggs andava em direção a eles, a barra da calça subindo pelos tornozelos enquanto ele caminhava, deixando à mostra as meias finas com tufo de pelos pretos saindo delas.

– Sawyer – o detetive Biggs a cumprimentou cautelosamente. – Presumo que você conhecia Maggie. – Ele inclinou a cabeça, o rosto triste e corado. – Sinto muito por sua perda.

Sawyer assentiu, sentiu um torpor tomando conta dela enquanto observava os pais de Maggie, abraçados, tremendo ao verem o corpo da filha mais velha sendo colocado lentamente na parte dos fundos da van com a palavra LEGISTA pintada com letras grandes na lateral.

– Tenho que ir.

Sawyer voltou ao banco do passageiro no carro de Chloe.

– O que você descobriu? – Chloe quis saber.

– Podemos ir embora, por favor? – disse Sawyer de modo estranho, distante.

Chloe franziu o cenho.

– Claro. Acho que sim. Você...

– Por favor, Chloe? – Sawyer balançou a cabeça, engolindo em seco. – Eu só quero ir para casa.

Chloe assentiu, com os olhos azuis muito abertos e focados na rua mal iluminada à sua frente.

– Claro. Vamos para casa.

* * *

O pai de Sawyer voltou para casa em algum momento – de noite ou de manhã, Sawyer não tinha certeza – e saiu de novo, deixando um bilhete com uma mensagem concisa no balcão.

Chego tarde em casa hoje. Comida no freezer. Papai.

Sawyer amassou o bilhete e o jogou no lixo; ela não dormira a noite toda e seu

estômago estava embrulhado desde que vira os paramédicos empurrando o carrinho com o corpo de Maggie. Ela dirigiu para a escola com o rádio desligado e as janelas bem fechadas, convencendo-se de que se conseguisse ficar dentro do carro, nada poderia atingi-la.

Não haveria mais bilhetes.

Não encontraria mais nada rasgado.

Sawyer pegou a saída que a levava para a cidade; ela reduziu a velocidade na frente da delegacia e entrou no estacionamento. Seu coração disparou quando ela olhou pelas janelas grossas de vidro e viu Stephen na entrada, conversando com o detetive Biggs.

Eu devia parar, disse para si mesma. Eu devia entrar e descobrir o que aconteceu com Maggie.

Sawyer parou o carro, mas manteve a mão na chave.

Depois de tudo o que eu fiz por você...

As palavras do bilhete surgiram em sua mente.

Ele sabia.

Sawyer sentiu medo e o suor brotou sobre seu lábio superior. A saliva estava amarga, a língua parecia pesada e grande dentro da boca.

Ele pode estar me observando agora mesmo.

Sawyer se virou no assento, observando o banco de trás, onde havia tênis jogados e folhas de lição de casa amassadas, alguns copos descartáveis de *fast food*.

Ela engoliu em seco e olhou para fora. O estacionamento estava cheio de carros, mas todos vazios. Os arbustos que enfeitavam o jardim muito bem cuidado na frente da delegacia eram muito baixos, e as plantas e árvores, dispersas demais para alguém conseguir se esconder. Sawyer deveria ter se sentido melhor, mas ainda se sentia tomada por um mal-estar.

Quando alguém bateu no vidro, ela gritou.

– Desculpe! – Stephen ergueu as sobrancelhas. – Desculpe, não queria te assustar.

Sawyer abriu a porta e deu um sorriso inocente para Stephen, o coração muito acelerado.

– Não, eu... só estou meio assustada, só isso.

– Está tudo bem?

Sawyer olhou para Stephen, analisando o olhar ansioso dele, o sorriso aberto, amigável.

Ela poderia contar para ele.

Pedir que guardasse segredo.

Vai pagar por isso...

– Está tudo bem. Eu só pensei em passar por aqui e dizer obrigada... para você. Obrigada por me ouvir. Está tudo bem. Melhor eu ir.

Sawyer pulou para dentro do carro e girou a chave na ignição antes de Stephen conseguir responder. Saiu do estacionamento deixando o policial para trás, observando as lanternas do carro enquanto ela acelerava para fora do estacionamento.

– É só uma caixa de suco, não um vibrador – disse Chloe quando elas estavam sentadas no refeitório.

– Quê? Ah. Eca – Sawyer deixou a caixa de suco que estava bebendo e revirou os olhos para Chloe. – Você é nojenta.

– Desculpe. Só estou tentando animar um pouco o dia, acho – o sorriso de Chloe era esforçado, mas não tinha nenhuma alegria. – Como vai a retenção?

Sawyer deu de ombros e balançou a cabeça, distraída.

No campus, desde que Sawyer entrara no estacionamento para estudantes de Hawthorne High, ela escutou os alunos sussurrando, contando os fatos tristes: *Maggie morreu mesmo? Ela se enforcou no armário de verdade? Eu não sabia que ela estava tão deprimida...*

Havia um boato – espalhado por um garoto que era parente de alguém que trabalhava com o legista – de que Maggie havia se enforcado, encontrada dentro do próprio armário, com um cinto em volta do pescoço. Boato ou não, imaginar que Maggie – ou qualquer pessoa – pudesse amarrar algo em volta do pescoço e *se matar* era assustador demais para Sawyer.

E só piorou à medida em que o dia foi passando, e toda vez que ela via um colega com os olhos inchados, vermelhos, lembrava-se de Kevin, da segunda-feira seguinte à morte dele, quando se arrastava de um lado a outro, tomada pelas lembranças e pelo remorso.

Sawyer mordeu o lábio inferior.

– Você acha que ela fez mesmo?

Chloe desembrolhou seu garfo e espetou um pedaço de laranja em seu prato.

– Fez o quê?

– Se matou – Sawyer passou a sussurrar. – Você acha que Maggie realmente se matou?

– Bom... sim. Ela se enforcou, S. Estava dentro do próprio armário – Chloe se encolheu. – É horrível.

– Mas... – Sawyer começou e então parou, e ficou de boca fechada quando Chloe olhou para ela confusa.

– Em que você está pensando? – perguntou Chloe.

Um rubor quente subiu pelo rosto de Sawyer e ela deu de ombros, levantando-os quase até as orelhas.

– Nada, acho.

Sawyer recolheu sua bandeja, tomada por um súbito mal-estar. Maggie a perturbara durante o último ano e meio, sem parar. Poderia ser uma coincidência... ou uma mensagem?

Sawyer se vestiu com cuidado, escolheu um vestido simples preto de cetim e meias-calças pretas. Um vento frio soprava, e quando ela saiu, seus braços ficaram arrepiados. Ela estremeceu, enfiou a chave na porta do carro e entrou.

Chegou à casa de Maggie 23 minutos depois.

Sawyer estacionou do outro lado da rua e viu as pessoas de luto andando pelo jardim bem cuidado dos Gaines. A porta da frente se abria e fechava rapidamente quando as pessoas entravam, e as roupas pretas faziam com que se tornassem uma grande e única massa. Respirou fundo e sentiu dor – cada vez que respirava, ultimamente, sentia uma pontada no abdômen – e abriu a porta do carro com o pé.

– Eu posso fazer isso – disse a si mesma. – Preciso fazer isso. – Sawyer deu um passo trêmulo no concreto e forçou as pernas a levarem-na para o outro lado da rua. Parou na varanda dos Gaines quando uma brisa gelada cruzou o jardim, trazendo consigo o cheiro doce de lírios. Aquilo fez a cabeça de Sawyer doer, e ela se lembrou da última vez em que usara o vestido preto. No funeral de Kevin.

O calor a envolveu assim que entrou. As pessoas estavam apinhadas na sala de estar e na cozinha, com roupas em vários tons de preto e cinza, todos os olhos inchados e vermelhos. Havia frios e salada que as pessoas comiam em silêncio; ninguém parecia conversar, mas o zumbido baixo de vozes tomava toda a sala.

Sawyer caminhou até uma mulher alta, magra, com vestido preto de mangas compridas. Apesar dos olhos cansados e do rosto abatido, ela tinha o mesmo cabelo loiro e cheio de Maggie, e o tom azul-pálido dos olhos era parecido com o da filha.

– Sra. Gaines – Sawyer susirou. – Eu sinto muito.

Elaina Gaines olhou para Sawyer e se emocionou, derrubando mais lágrimas.

– Sawyer! Não a vemos há tanto tempo! – Ela abriu os braços e envolveu Sawyer num abraço tenso, seus braços magros apertaram a garota. – Obrigada por vir.

Sawyer assentiu, engolindo em seco.

– Claro. Maggie e eu éramos... – ela teve dificuldade em dizer a palavra, já que tanto tempo, e tanta animosidade, já havia passado entre as duas. Mas a foto de duas garotinhas magrelas vestindo capacetes enormes, exibindo sorrisos banguelas, ainda estava no mantel da lareira: Maggie e Sawyer na terceira série, braços dados, mostrando as pulseiras com as palavras Melhores Amigas para Sempre. Sawyer sentiu seu pulso queimar no lugar onde estaria a pulseira que ela nunca mais usou.

– Posso fazer alguma coisa por vocês?

A sra. Gaines só balançou a cabeça, levando as mãos ao rosto.

– Não, obrigada. Eu só estou tão... estamos tão... – a mulher desviou o olhar sem sucesso, pois começou a soluçar baixo. Por fim, fungou e respirou fundo,

usando a palma da mão para secar as lágrimas. Forçou um sorriso discreto, educado.

– Os novos uniformes do coral são lindos.

Sawyer inclinou a cabeça, confusa.

– É, eles finalmente acertaram, este ano.

– Maggie estava tão feliz com o dela. Ela adorava cantar. – Os olhos da sra. Gaines brilharam. – Ela cantava como um anjo.

Sawyer assentiu, disse “cantava” bem baixinho. A culpa se abateu sobre seu coração quando ela se lembrou da discussão que elas tiveram sobre o solo.

– Nós planejamos enterrá-la com o vestido.

Sawyer sentiu-se sufocada. Ela sabia que Maggie estava morta. Sabia que a garota havia se matado de um jeito horrível, mas pensar nela morta e *enterrada* fez seu estômago revirar.

Maggie estava mesmo morta.

– Eu queria só que o sr. Rose tivesse colocado um pouco mais de cor no vestido. O corte é bonito, mas o preto é tão monótono.

Sawyer começou a pensar nos vestidos, na arara de roupas embrulhadas em plástico e na alegria pura do sr. Rose com elas. Qualquer coisa para não pensar em Maggie *enterrada*.

– A faixa é vermelha – Sawyer se ouviu murmurar.

– Faixa?

Sawyer fez um movimento ao redor da cintura.

– Os vestidos têm uma faixa grande ao redor da cintura.

A sra. Gaines franziu as sobrancelhas ao morder o próprio lábio.

– Não tinha faixa no vestido da Maggie. Ainda estava no plástico quando nós... quando nós... – Suas palavras viraram lágrimas, e Sawyer afagou o ombro dela, sem saber bem como confortar uma mãe que perdera a filha.

– Talvez tenha caído na escola, ou algo assim – disse ela, sem jeito.

A sra. Gaines enxugou as lágrimas de novo e endireitou os ombros.

– Sabe quem adoraria ver você? Olívia. Ela está por aqui, em algum lugar. – A sra. Gaines começou a procurar, e Sawyer pousou uma mão gentil no braço dela.

– Eu vou procurá-la – disse ela, delicadamente.

Olívia estava sentada na escada, equilibrando um prato de papel com um pedaço de presunto intocado e um pouco de salada de macarrão. Ela segurava um biscoito na mão, despedaçando-o distraidamente, e as migalhas caíam no prato, sobre seus joelhos unidos.

– Olívia? – Sawyer ficou surpresa quando a garota olhou para ela. Ela havia passado da fase das sardinhas e orelhas enormes e estava quase igual à irmã mais velha. Tinha os olhos de Maggie, a curva delicada de seu nariz. Seu cabelo era ligeiramente mais claro que o da irmã, mas penteado no mesmo estilo.

– Sawyer? – Os olhos de Olívia brilharam, e ela derrubou o pedaço de pão que segurava e correu para abraçar Sawyer. – O que você está fazendo aqui?

Sawyer se sentou ao lado da garota.

– Maggie era minha amiga.

Olívia começou a mexer no biscoito de novo.

– Ela odiava você. – Não foi nenhuma surpresa nem choque, mas Sawyer ainda sentiu dor com as palavras de Olívia. – Depois da coisa toda com Kevin – ela completou. Sawyer assentiu.

– Foi um grande mal-entendido. Eu queria que Maggie soubesse; que tivesse sabido. Eu só quis prestar minha homenagem.

Olívia balançou a cabeça sem responder, olhando fixamente para a parede branca a sua frente.

– Eu a encontrei, sabia?

– Quê?

– Maggie. Eu a encontrei no armário. Nós brigamos no dia anterior. Eu estava usando uns jeans dela. Ela me xingou, me disse para nunca encostar nas coisas dela. Eu ia devolver os jeans... e a encontrei ali. – Lágrimas brotaram nos cílios inferiores de Olívia. – Ali estava ela. Só que não estava, ao mesmo tempo.

Sawyer começou a tremer, lágrimas enchendo seus olhos.

– Meu Deus, Olívia, sinto muito.

– Eu achei que ela estava brincando. Ela ficava falando que se eu continuasse a pegar as coisas dela sem pedir, coisas ruins aconteceriam – Olívia balançou a cabeça. – Eu pensei que ela se referia a mim.

– Oh, Olívia, não – Sawyer passou um braço por cima do ombro da garota e a puxou para perto de si.

– Como ela pôde fazer isso?

– Eu... eu... – Sawyer gaguejou e então perguntou, sem pensar duas vezes. – Ela deixou um bilhete?

Olívia se virou para olhar para ela, os olhos úmidos.

– Você quer dizer, tipo, uma carta de suicídio?

– É.

Olívia engoliu em seco e balançou a cabeça devagar.

– Não, nada. E a coisa mais esquisita é que ela parecia bem, completamente bem aquele dia, aquela semana. – A garota deu de ombros, mais lágrimas escorrendo por suas bochechas rosadas. – Não parecia que alguma coisa a estava incomodando.

– O que *ela* está fazendo aqui?

Sawyer levantou a cabeça quando a voz anasalada cortou o quase silêncio da sala.

– Você, ela! – Sawyer olhou para a frente e viu Libby, uma das parceiras de Maggie, apontando diretamente para ela. Os olhos de Libby estavam tão marejados como os de todo mundo, mas a raiva fez aparecer um vermelho intenso em seu rosto. Sawyer hesitou diante dela, diante das pessoas que se viraram para olhar.

– Libby, eu...

– Você o quê? – cuspiu Libby. – Você quis ter certeza de que tinha completado o serviço?

Sawyer ficou sem ar.

– O quê? Do que você está falando?

– É por sua causa que Maggie está morta. Você... você a torturava, tipo, todo dia. Você roubou o namorado dela e ficava esfregando isso na cara dela. Maggie

era muito legal, e você agiu de um modo terrível. Foi isso o que aconteceu. Maggie estava desesperada para ser sua amiga de novo, mas você só a maltratava – Libby fungou, mais lágrimas rolando.

– Não, não, isso não é verdade. Não foi nada disso. – O coração de Sawyer começou a acelerar, e ela sentiu a cabeça latejar.

– Você bateu nela outro dia. Você a atacou e a derrubou.

Sawyer levantou tão rápido que o prato de papel de Olivia voou do colo dela, derrubando a comida quase intocada no chão e na escada. Libby olhou para a bagunça e então para Sawyer, cruzando os braços como se aquilo dissesse tudo.

Sawyer apontou para o prato.

– Isto foi um acidente. Assim como a briga no corredor. Maggie começou a brigar *comigo*.

Os olhos de Libby estavam muito irados.

– Conveniente.

– O que está acontecendo aqui?

A mãe de Maggie abriu caminho pela multidão, que estava toda voltada para Sawyer, e olhou para ela com olhar confuso.

– Vá em frente, Sawyer, diga para a sra. Gaines como você tratou a pobre da Maggie. O que você fez logo antes de ela morrer.

Sawyer sentiu um gosto amargo, metálico na boca, e um calor subir por seu corpo. A multidão à sua frente começou a tremular enquanto lágrimas se formavam em seus olhos e desciam pelo rosto.

– Eu não fiz – ela guinchou, vendo a angústia nos olhos da sra. Gaines. – Eu não fiz nada para Maggie. – Sawyer ouviu sussurros enquanto recuava pela multidão até a porta da frente. – Não foi minha culpa, não foi minha... – Suas palavras se perderam em meio aos últimos gritos de Libby, aos murmúrios e sussurros da multidão que tentava apaziguar. Levou a mão à maçaneta, e os olhares acusadores continuavam insistindo, sugando o ar de seus pulmões. – Não foi minha culpa – ela sussurrou.

Até ela tinha dificuldade de acreditar.

Suas bochechas queimavam, e o estômago estava embrulhado quando ela saiu da casa.

Será que isso – a morte de Maggie – era a mensagem de que o admirador estava falando?

Não. Não.

Maggie fez isso sozinha – ela mesma – mas, mesmo mentalmente, Sawyer não conseguiu formar as palavras. Maggie se matou.

Sawyer não conseguia respirar. Não conseguia enxergar com as lágrimas inundando seus olhos, e foi por isso que, na varanda, ela trombou com Cooper.

– Uff – ele gemeu.

Sawyer deu um passo para trás e Cooper, com os braços fortes, a segurou de pé.

– O que você está fazendo aqui? – perguntou ela.

Ele olhou para ela, da cabeça aos pés, com os olhos escuros.

– O mesmo que você, imagino.

Sawyer reparou no terno preto de Cooper, camisa preta lisa e gravata simples.

Se ele se vestisse assim para qualquer outra ocasião, ela elogiaria como o terno bem cortado caía bem em seu corpo de ombros largos.

– Eu nem sabia que você conhecia a Maggie.

Cooper deu de ombros.

– Ela assistia a algumas das minhas aulas. Eu só achei que seria gentil... – Ele olhou o redor de Sawyer, para a porta fechada atrás dela – ... prestar solidariedade.

Sawyer assentiu.

– Eu também.

– É bacana da sua parte ter vindo. Quer dizer, eu me lembro do que você falou que aconteceu entre vocês duas, ou três.

Sawyer ergueu as sobrancelhas.

– Ah, sim. Na festa de Evan.

Cooper passou os dedos delicadamente no queixo de Sawyer. Ela sentiu um arrepio quente pela coluna, e em seguida, o rubor de vergonha.

– É. – Ela usou as costas da mão para enxugar as lágrimas. – Desculpe. Maggie e eu tivemos nossos problemas, mas eu tenho que lembrar que fomos amigas. – *No passado.*

Sawyer, naquele mesmo momento, começou a tentar abafar as vozes em sua mente, que a lembravam de que Maggie disse que Kevin a traía, que diziam que, se não fosse por ela, Maggie ainda poderia estar viva.

– Sawyer?

– Oh, desculpe, Cooper. O que você disse?

– Eu disse que vou entrar um minuto. Eu não conheço a família da Maggie. Você quer entrar comigo? Talvez depois a gente possa tomar um café ou algo assim.

Não havia nada que Sawyer quisesse mais do que ficar longe da casa de Maggie e de sua família. Mas café com Cooper... na verdade, qualquer coisa com Cooper parecia bom. Sawyer olhou para os olhos sinceros dele e hesitou, pensando. Deu um passo e parou.

– Posso perguntar uma coisa?

– Sim, claro.

– Você se lembra daquele dia em que eu vi você no corredor?

– Quando eu estava indo ao banheiro?

Sawyer respirou.

– Você não estava indo ao banheiro. Ninguém atravessa o *campus* todo só para ir ao banheiro.

Cooper abriu a boca para dizer algo, mas Sawyer o interrompeu.

– E você não estava fugindo da aula de trigonometria. Você estava do outro lado da escola. Por que estava naquele corredor?

Cooper riu, mas a risada não pareceu natural.

– Uau. Enxerida?

Sawyer não vacilou, continuou olhando para ele.

Ele enrubesceu levemente.

– Certo, eu não estava fugindo da aula de trigonometria. Você está certa. – Ele levantou um dedo. – Mas eu estava voltando do banheiro. – Cooper hesitou,

subitamente tímido. – Eu estava na aula. Não era trigonometria. Era economia doméstica.

Sawyer estreitou os olhos.

– Não estamos em 1957, Cooper. Nem tem aula de economia doméstica em Hawthorne.

– Quem me dera não tivesse. Mas tem, sim, é a aula da professora Oliver na sala 257, no prédio de artes. Terceiro período. E se você é um estudante vindo de outra escola a fim de fazer uma aula que tenha mais a ver com assuntos de homens, qualquer coisa que não envolva um avental ou uma colher de pau, não vai ter sorte. – Ele deu de ombros. – Era a única matéria eletiva disponível.

Sawyer tentou controlar os lábios, mas o sorriso teimava em aparecer.

– Você faz economia doméstica? Mentiu para mim porque não queria que eu soubesse que você faz economia doméstica?

– Sim – Cooper abaixou a voz. – E eu agradeceria se você não espalhasse isso. Já é difícil o suficiente ser o cara novo sem ninguém saber que eu sei preparar um suflê.

Sawyer riu, cobriu os lábios com a mão, sentindo uma onda de alívio.

– Um suflê, hum?

– Ei, se você não acredita em mim, vá a minha casa. Eu posso fazer uma *frittata* de batata assada que vai te deixar maluca. Todas as garotas na sala ficaram morrendo de inveja.

– Parece que você vai ser uma ótima esposa um dia, Cooper.

Cooper piscou e contraiu os lábios.

– Um dia, meu príncipe chegará – disse ele com uma voz fina. – Ei, mas por que a pergunta, afinal? Alguém está me perseguindo?

Sawyer mordeu o lábio inferior, relaxando com a conversa divertida.

– Err, não. Eu só estava curiosa.

Cooper assentiu.

– Entendi. Então, o que me diz do café?

Sawyer ficou confusa.

– Eu...

Ela olhou por cima do ombro dele, para a porta fechada da casa de Maggie e quase conseguiu sentir o ódio e a culpa escorrendo dali. Olhou para Cooper e sentiu uma onda de calor ao se lembrar dos lábios dele nos dela, seus beijos profundos, sinceros e doces. Queria ir com ele. Queria entrar no carro dele e ir para onde ele quisesse ir. Sumir e nunca voltar.

O telefone de Sawyer vibrou e ela o pegou, aliviada com a interrupção.

– É a Chloe – disse ela, olhando para a tela e então para Cooper. – Não posso ir tomar café – disse de repente, voltando à postura normal de Sawyer. – Mas não por causa do negócio da aula de economia doméstica. Não... eu sou uma mulher moderna. É só... talvez o café fique para uma outra hora.

A decepção ficou clara no rosto de Cooper e amoleceu o coração de Sawyer. Ele tentou disfarçar com um sorriso descontraído.

– Sim, claro. Outra hora. Com certeza.

Eles ficaram um instante num silêncio constrangedor, até Sawyer começar a se virar.

– Bom, então te vejo por aí mais tarde?

Ele balançou a cabeça.

– Não se eu te vir antes.

Era uma piada velha e sem graça, mas Sawyer riu muito.

Sawyer agarrou o volante com força enquanto passava a toda na frente da delegacia e fazia um retorno. Ela queria ir à polícia, falar com o detetive Biggs ou com Stephen Haas, mas, de alguma forma, seu admirador sabia que ela estivera lá uma vez.

Ele saberia de novo.

Ela suspirou e voltou a dirigir, sem direção. Mas quando se deu conta de que entrava no estacionamento para estudantes da Hawthorne High, não se surpreendeu.

Uma garoa começou a cair, e Sawyer se esforçou para vestir uma jaqueta de capuz que estava no banco traseiro do carro. Ela a vestiu e subiu o zíper até o pescoço. Ao colocar o capuz na cabeça, o cheiro de Kevin, de colônia e de grama cortada do campo de futebol, a envolveu. Ela fechou os olhos e respirou fundo, tomada abruptamente pelas lembranças.

Os dedos de Kevin desceram por seu braço nu e se entrelaçaram com os dela. Ela se virou para ele, assustada – eles ainda eram um casal recém-formado e ainda não tinham conversado sobre demonstrações públicas de afeto –, mas os olhos de Kevin estavam intensos, tinham aquele ar brincalhão de que ela tanto gostava.

– Por que você está tão nervosa? – perguntou ele, apertando sua mão e puxando-a para mais perto. – Você está comigo agora.

Sawyer cedeu e se aninhou a Kevin, que beijou seus lábios suavemente. O calor que ela sentiu se espalhou por sua corrente sanguínea, aquecendo seu corpo todo. Eu quero sentir isso o tempo todo, ela disse para si mesma.

Eles interromperam o abraço – cedo demais, na opinião de Sawyer – e entraram no corredor em direção ao refeitório. Ainda estavam de mãos dadas, ombros unidos, cabeças próximas enquanto sussurravam, riam e respiravam o ar um do outro.

Quase deram de cara com Maggie, que ficou sem reação, os olhos frios expressando o ódio que sentia de Sawyer. Ela e Libby estavam no corredor bem em frente a eles, bloqueando a passagem para o refeitório.

– Vaca – Maggie sussurrou entre lábios contraidos.

Sawyer ficou tensa, tentou soltar a mão de Kevin, mas ele a segurou firme. Sawyer deixou de sentir medo e passou a sentir culpa quando percebeu que Maggie tentava parecer durona, forte, mas seus olhos marejados denunciavam sua tristeza.

– Nós terminamos meses atrás – Kevin murmurou. Sawyer não sabia se aquilo era um lembrete para ele mesmo ou para Maggie, mas a sensação doce e agradável de antes tinha desaparecido, substituída por outra coisa; algo frio.

– Maggie, sinto muito...

– Calada – Libby cuspiu, dando o braço para Maggie. – O mínimo que você

podia fazer era não ficar esfregando seu novo relacionamento... – ela enfatizou a palavra – na cara dela. Você é um lixo, Sawyer Dodd. Vocês dois se merecem. Vocês dois e aquela segura-vela lixo de trailer da Chloe.

Sawyer ficou tensa, sentindo a velha raiva ressurgir. Maggie, Sawyer e Chloe tinham sido amigas, mas muito tempo antes. Sawyer não tinha nada de que se envergonhar, nem por que se sentir culpada. Pelo menos foi isso o que disse a si mesma quando Kevin a abraçou, levando-a para o refeitório, deixando Maggie e seu olhar frio para trás.

Sawyer conteve um soluço e enfiou as mãos no bolso da jaqueta, cruzou o estacionamento e chegou no campo de futebol. A garoa agora estava intensificada por uma névoa densa, cinza, que cobria seu rosto com uma camada úmida e gelada, mas ela gostava da sensação do frio, o leve desconforto a distraía de seus pensamentos.

Maggie não deixou nenhum bilhete. Ela se enforcou; deve ter conversado com Libby sobre como se sentia. Sawyer sentiu dor no estômago. independentemente do envolvimento de seu admirador, a morte de Maggie era sua culpa. Ela a havia causado de modo direto ou indireto. As lágrimas rolavam por seu rosto, pingavam de seu queixo e desapareciam na grama bem tratada, seus saltos mal se afundavam, mas emitiam um som como se estivessem na lama, sendo sugados. Ela cruzou os braços e abraçou a si mesma com força, até caminhar mais depressa, apesar do desconforto que sentia nos calcanhares e pés. Quando chegou às arquibancadas, havia lama nos calcanhares e na barra do vestido. Os sapatos estavam sujos e havia muco sobre seus lábios, misturado com lágrimas, escorrendo na frente da blusa. Ela não ligou.

O som de um carro sendo ligado foi abafado, mas audível, e Sawyer olhou em volta. Não tinha percebido a presença de outro carro no estacionamento. Não o reconheceu, um Celica vermelho modelo antigo, com três calotas diferentes e uma mancha de ferrugem no porta-malas inteiro. Ela não conseguiu ver quem estava dentro, mas percebeu que o motorista estava apressado. Ele não acendeu os faróis quando acelerou, e os pneus do carro giraram em falso uma vez no asfalto molhado até se firmarem e lançarem o carro para a frente com um som agudo.

Sawyer apertou o tecido da jaqueta no peito e correu para o próprio carro. Seu coração parou na garganta quando ela viu o envelope verde-claro preso no limpador de para-brisa. Prendeu a respiração e correu de volta para onde o outro carro estava. Era seu admirador? Estaria ele esperando, espiando, divertindo-se com o terror que ela sentia?

O carro já tinha ido e, um pouco depois, Sawyer se virou para seu próprio carro, tocou o bilhete. Estava úmido – não exatamente molhado –, e ela afastou a mão.

O bilhete estava ali quando ela saiu da casa de Maggie?

Ela se sentou no banco do motorista e olhou pelo vidro dianteiro. O bilhete estava visível, mas para um motorista distraído...

Puxou o bilhete com os dedos trêmulos.

Ninguém nunca mais vai te machucar, Sawyer. Não enquanto eu estiver de olho em você.

* * *

Sawyer dirigiu para casa sob neblina, e as gotas de chuva passaram de um gentil rufar sobre o carro para um estrondo quando ela entrou em Blackwood.

Quando entrou pela porta da frente, seu pai e Tara imediatamente pararam de falar, e olharam para Sawyer com atenção. Tara estava aconchegada no sofá, com a barriga enorme e os pés descalços enfiados debaixo de uma das almofadas de fibra de cânhamo que Sawyer tanto odiava. Seu pai estava inclinado sobre a esposa; a mão que massageava com ternura as costas dela moveu-se num gesto protetor.

Sawyer sentiu náusea. Ver o pai e a madrastra assustados, com olhar acusador, era quase insuportável. Seus olhos começaram a marejar.

– Eu sinto muito, Tara – disse ela –, mas eu prometo que...

Tara levantou uma mão pedindo silêncio e forçou um pequeno sorriso.

– Está tudo bem, Sawyer. Nós podemos superar tudo isso. Eu sei que deve ter muita coisa acontecendo que nós não entendemos.

Sawyer balançou a cabeça.

– É. Mas acabou. Eu vou descobrir tudo que está acontecendo. Ela se virou e subiu a escada, dois degraus de cada vez, e tirou a roupa encharcada e cheia de lama quando chegou ao quarto. Jogou as peças molhadas no cesto de roupa suja e pegou uma blusa quente, mas o frio em seus ossos continuou, e ela tremeu quando ligou o laptop e pegou o celular. Enquanto esperava carregar a página da Hawthorne High, ela andou de um lado a outro, mordendo o lábio inferior e rezando para que estivesse tomando a decisão correta.

Não iria à polícia, no fim das contas.

Não exatamente.

Rolou a página e viu fotos de rostos sorridentes na parte dos estudantes até encontrar o que queria.

– Alô? – Ele atendeu no primeiro toque, e Sawyer reconheceu imediatamente a voz de Logan e torceu para que ele não reconhecesse a dela.

Ela pigarreou.

– Err, alô. Eu posso... poderia falar com Stephen, por favor?

Logan parou por um instante e o coração de Sawyer disparou como um alarme de incêndio.

– Stephen?

– Sim. Por favor.

– Posso saber quem está falando?

O coração de Sawyer continuava acelerado.

– Err...

– Sawyer? É você?

Ela inspirou estremecida

– É. Oi, Logan.

– Eu não sabia que você e Stephen eram amigos. – A voz de Logan mudou, tornou-se lenta.

– É, na verdade. Mais ou menos.

Fez-se uma pausa tensa, e Sawyer ficou pensando se deveria ou não contar para Logan que havia conhecido o irmão dele na delegacia.

Mas era *só* Logan.

Que tinha o armário debaixo do dela, e a observou correr no dia das roupas rasgadas.

Será que Stephen disse para Logan que Sawyer foi à delegacia?

– Ele me parou por excesso de velocidade – Sawyer soltou –, e eu só queria perguntar uma coisa rapidinho. – Ela forçou um tom leve, descontraído. – Ele está por aí?

– Tá, acho que sim.

Logan deixou o telefone e Sawyer pôde respirar de novo. Todos os seus sentidos estavam em alerta e sua boca ficou seca; não esperou Stephen voltar ao telefone para encerrar a ligação. Jogou o telefone para um lado e se sentou à escrivaninha, pegou uma folha de papel em branco e uma caneta. Escreveu as palavras: *bilhete 1: Kevin*, na parte de cima, o nome Logan, com uma interrogação logo abaixo. Depois disso, listou o bilhete do professor Hanson, os dois buquês de flores, a pichação feita em seu armário.

Logan estava por perto quando ela saiu da sala do professor Hanson, depois de ele ter tentado forçar a barra com ela. Mesmo tentando agir com naturalidade depois, ela sabia que a emoção estava clara em seus olhos. Ele estava na pista quando ela estava correndo e poderia facilmente ter ficado por perto enquanto ela tomava banho. E ele admitira ter mandado as flores cor-de-rosa, saber o endereço da casa dela.

Alguém mais sabia?

Sawyer voltou para a página de estudantes e procurou sua foto. Ela estava sorrindo na fotografia, com a cabeça meio inclinada para trás como que no meio de uma risada, com o uniforme de corrida. O site dava seu nome, sua sala e o número de telefone. Mais nada.

Uma busca no Google não ajudaria; a mãe de Sawyer era paranoica e fazia seus funcionários varrerem constantemente a internet à procura de quaisquer menções à sua família, deletando informações pessoais de registros públicos. Ela dizia que havia processado criminosos demais que acharam suas presas com facilidade na internet.

Ela suspirou, recostou-se na cadeira. Olhou ao redor, e fixou o olhar no panfleto das Propriedades Blackhawk que seu pai havia orgulhosamente pendurado em seu mural. Um lado mostrava como ficaria o condomínio no fim da construção, com rascunhos a lápis de pessoas passeando com cachorros desenhados em volta de casas parecidas com sua casa, sombreadas por árvores. No outro lado, havia um desenho completo da casa-modelo – a casa *dela* – com o endereço completo bem visível.

Sawyer ficou tensa.

Logan poderia saber da briga de Maggie e Sawyer – todo mundo sabia –, mas ele seria capaz de *matá-la*? Seu coração começou a acelerar.

Ninguém nunca mais vai ter machucar, Sawyer.

Não enquanto eu estiver de olho em você.

O toque do telefone trouxe Sawyer de volta à Terra. Ela olhou para o aparelho piscando e sentiu o início de um tremor. Por fim, pegou o telefone, soltando um suspiro de alívio quando viu o identificador de chamada: Chloe.

– Ah, Deus, Chloe, estou tão feliz que é você.

– E é assim que você deveria atender sua melhor amiga sempre.

Sawyer levou a mão ao peito, tentando diminuir o ritmo de seu coração.

– Sim, claro. Desculpe, eu só... só pensei que fosse outra pessoa.

– Quem? Cooper? Não, espere; aí você não ficaria feliz por ver que sou eu.

– O que está dizendo?

– Que você o ama.

Sawyer deitou de costas na cama.

– Não. Ele é legal, mas eu não... sei lá. E aí?

– Novidades.

– Fofocas quentinhas?

– Meio mórbidas, na verdade.

Sawyer franziu as sobrancelhas, voltando a se sentar.

– Não sei se eu aguento mais morbidez agora.

Chloe perguntou com delicadeza.

– Não, é?

– Então, o que é? – O coração de Sawyer pareceu parar de uma vez – Está todo mundo bem?

– Sim. Eu acabei de saber que farão uma autópsia em Maggie.

– E?

– Não é estranho? Tipo, ela se matou. É bem óbvio.

– Eles sempre fazem autópsias em suicidas – disse Sawyer. – É obrigatório.

– Como você sabe?

– *Law & Order*.

Chloe suspirou.

– E o que faríamos sem televisão? Eu só achei estranho, só isso. Libby ficou falando sobre isso, dizendo que não suportava a ideia de Maggie sendo cortada.

O estômago de Sawyer se revirou.

– É bem horrível – disse ela, hesitando. – Quando você falou com Libby?

– No velório.

Sawyer ergueu as sobrancelhas.

– Você foi ao velório? Por que não me contou? Nós poderíamos ter ido juntas. Assim, talvez eles não me jogassem para fora de lá me acusando de ter matado Maggie.

– Disseram que *você* matou Maggie?

Sawyer passou a língua pelos lábios.

– Segundo Libby, eu fui a razão do suicídio de Maggie. Ela... nunca superou eu e Kevin.

Chloe respirou fundo.

– Uau. Sawyer, sinto muito. Você não acredita nisso, né? Afinal, Maggie se matou. Os motivos dela eram só dela. Eles não tinham nada a ver com você.

Sawyer queria poder ter tanta certeza.

CATORZE

Quase uma semana havia se passado desde o enterro de Maggie, e as coisas na escola estavam aos poucos – tão dolorosamente aos poucos – voltando ao normal. A retenção de Sawyer foi suspensa, ninguém da diretoria quis chamar mais atenção a um incidente envolvendo uma garota morta e uma que mal parecia viva.

A hora do almoço voltou a ser barulhenta, apesar de as conversas de corredor girarem ao redor da morte e de palpites sobre a autópsia, sobre o que podia realmente ter acontecido na noite em que Maggie morreu. Sawyer se sentia um zumbi na maioria dos dias e dormia como pedra na maioria das noites – um sono denso, sem sonhos, que vinha em ondas fortes, fazendo-a se sentir lenta e cansada na manhã seguinte. Ela não tomava mais o Trazadone com frequência. Por mais que dormisse, estava sempre bocejando, apoiando a cabeça nos braços, os olhos desesperados por um instantinho mais de sono a qualquer oportunidade.

Ainda se assustava com os barulhos na casa, ainda sentia o coração acelerar toda vez que abria seu armário. Começou a se afastar dos grupos na escola, fugia dos eventos de estudantes. Não foi difícil, já que o ocorrido no velório de Maggie se espalhou e Sawyer passou a ser vista como uma pessoa indesejada. Ela andava evitando até Chloe e Cooper, em parte porque não tinha ânimo para tentar ser sociável ou normal, em parte porque acreditava – vagamente – que a distância seria, possivelmente, a única coisa que protegeria seus amigos.

Sawyer acordou na quinta-feira de manhã, ainda grogue por causa do sono pesado, tentando afastar todos os pensamentos ruins. O jornal estava jogado sobre o balcão da cozinha quando ela finalmente marchou escada abaixo, vestida com jeans escuros e uma blusa de capuz cinza, o cabelo preso num coque malfeito. Seu rosto estava limpo, sem maquiagem; a palidez era bem evidente, com olheiras pronunciadas. O visual tinha virado seu look comum nos últimos dias. Tara já estava à mesa com uma xícara de chá fumegante e com a cabeça apoiada nos braços. Sawyer parou na porta, preocupada.

– Tara?

Tara olhou para a frente lentamente, seus cabelos estavam despenteados, o rosto, que normalmente era corado, estava amarelado.

– Eu pensei que os enjoos matinais terminassem ao final do primeiro trimestre. – Ela apoiou a testa na mesa. – E de manhã.

Sawyer sorriu, sentindo-se um pouco aliviada.

– Bom, é de manhã; sinto muito pelo lance dos três trimestres. Quer que eu prepare uma torrada para você?

Tara riu alto.

– Seu pai acha que o nome do bebê deveria ser Torrada.

– É o alimento cura-tudo da família Dodd – Sawyer pausou, os dedos tocando a palma da mão. – Tara, sobre o quarto...

Tara olhou para Sawyer e chacoalhou a cabeça.

– Está tudo bem, Sawyer.

– Não está, não.

– Você está certa, não está, mas eu estou disposta a deixar passar se você me disser que acabou e nada mais vai acontecer.

– Não vai – disse Sawyer, balançando a cabeça enfaticamente.

– Eu sei que tudo isso tem sido bem difícil para você. – Ela passou as mãos na barriga enorme. – E rápido. Mas quero muito que nós todos sejamos uma família.

– Eu também – respondeu Sawyer, surpresa por perceber que estava sendo sincera. Tentou pegar o jornal e Tara a deteve, tocando delicadamente o braço da garota.

– As notícias não são boas – disse ela, com olhos azuis bem abertos.

Sawyer pegou o jornal mesmo assim, e prendeu a respiração ao ver a manchete e o rosto sorridente de Maggie na primeira página.

“Suicídio de adolescente foi assassinato, diz legista”

– Sinto muito, Sawyer. Seu pai disse que vocês foram próximas. Sawyer ouviu Tara falando com ela, vagamente, mas estava tudo abafado. Sentiu-se tomada por um calor que a sufocou. Sawyer pegou o jornal e forçou seus olhos a se focarem, a evitar o sorriso inocente no rosto de Maggie, a ler a notícia abaixo.

A estudante da Hawthorne High de dezessete anos, Maggie Gaines, foi encontrada morta em sua casa na noite de terça-feira, vítima de aparente suicídio. A autópsia revelou marcas feitas após a morte e as fibras na garganta da adolescente apontam para morte por asfixia.

Sawyer sentiu o estômago embrulhado e começou a procurar pelo jornal, jogando os diferentes cadernos para o lado.

– Só tem isso aqui? Eles não falam mais nada?

– O que mais você quer saber?

– Bom, eles têm algum suspeito? Alguém se apresentou ou falou alguma coisa?

Havia um bilhete?

Tara se levantou e puxou uma caixa de cereal da despensa.

– Não há mais informações. Eu acordei às quatro da manhã e os jornais todos têm repetido as mesmas coisas. Cereal?

– Não. – Ela passou a língua pelos lábios que pareciam papel seco e pegou a mochila do chão. – Obrigada – e olhou para o relógio, assustada. – Estou atrasada. Tenho que ir.

Sawyer atravessou a calçada da frente, o sangue pulsando, correndo tão quente por suas veias que ela nem percebeu a garoa fria que começara a cair. Ligou o carro e saiu de Blackwood, as casas vazias como massas disformes pelo vidro molhado do Accord.

Os alunos lotavam o pátio da escola quando Sawyer estacionou; ela foi direto para o corredor do terceiro ano e viu Chloe esperando debaixo de um toldo, checando o relógio e batendo o pé impacientemente.

– Estou esperando por você há anos.

– Desculpe – Sawyer encolheu os ombros –, eu acordei tarde. – E hesitou. – Você ficou sabendo da Maggie?

– *Todo mundo* ficou sabendo da Maggie. Está todo mundo doido com isso. Aham que tem algum assassino maluco à solta por aí.

Sawyer se afastou da amiga.

– Você não acha?

Chloe deu de ombros.

– Eu não sei. Não quero pensar nisso. O que você sabe?

– Só o que eu li no jornal. Que ela foi estrangulada. Havia fibras em sua garganta.

– Fibras vermelhas – Chloe informou.

– Como você sabe disso?

Chloe gesticulou para trás, para a multidão de alunos.

– Fofoca.

Sawyer olhou para seu relógio.

– Por que está todo mundo aqui fora? O último sinal deveria ter tocado dois minutos atrás.

– Tocou.

– Psicólogos de novo?

– Eu não os vi, mas tem viaturas por todo lado. Sawyer ficou tensa e amedrontada.

– Viaturas? Eles acham... algo os trouxe para cá de novo?

– Tipo o quê? Pistas ou algo assim? – Chloe deu de ombros de novo. – Eu não sei. Quando eu vi, aquele detetive baixinho e gordinho estava entrando na sala do diretor Chappie – Chloe se inclinou para a frente, falando baixo. – Eu ouvi que ela foi estrangulada, ou sufocada, algo assim, com a faixa do vestido do coral.

Sawyer sentiu o rosto empalidecer. Lembrou-se do velório de Maggie, de sua mãe dizendo que não havia nenhuma faixa vermelha com o vestido preto de cetim de sua filha.

– Fibras vermelhas – ela sussurrou.

– Ei, vamos entrar!

Logan estava dentro da escola, andando pelo corredor. Ele abriu as portas e sorriu para Chloe e Sawyer.

– Oi, Sawyer.

– Oi, Logan. Bom ver você. O que está fazendo aqui? – Ela tentou disfarçar seu mal-estar, mas a voz soou falsa, mentirosa, até mesmo para seus próprios ouvidos.

– Eu peguei um ônibus mais cedo. Estava estudando no laboratório de informática, daí o diretor Chappie me deixou ficar lá dentro.

Chloe se surpreendeu.

– Então, você estava lá dentro esse tempo todo? Sabe de alguma coisa? Ouviu a polícia dizer alguma coisa?

– Sobre o assassinato da Maggie – disse Sawyer.

Logan ficou boquiaberto.

– Pensei que Maggie tivesse cometido suicídio.

Chloe balançou a cabeça.

– Não, está em todos os jornais de hoje, e no rádio. Você mora debaixo de uma pedra?

Logan corou. Ele levantou seu iPod.

– Eu fique ouvindo música o tempo todo. Alguém assassinou Maggie?

Sawyer apertou os olhos para Logan, tentando decifrar sua expressão. Estaria ele fingindo não saber para esconder seu crime?

– Seu irmão não te contou? – perguntou ela.

– Stephen? Não, ele não me fala nada sobre o que acontece na delegacia. – Logan se virou para Chloe. – Então, eles sabem quem foi? Pegaram alguém?

Sawyer chacoalhou a cabeça, negando.

– Por quê? Alguém sabe o porquê?

– Ela era tipo uma supervaca.

– Chloe! Ela está morta! – Sawyer se assustou. Ela viu o olhar triste de Chloe e suspirou. – Ela não era muito legal, mas não merecia morrer.

Um grupo grande de alunos passou pelas portas abertas, separando Logan e Sawyer por alguns metros. Um pouco antes disso, Sawyer acreditou ter ouvido Logan murmurar as palavras “assim como o Kevin”.

Não conseguiui conter o calafrio que percorria seu corpo. Na sala de aula, houve uma discussão sobre suicídio de adolescentes, e a professora falou sobre muitas vidas que são perdidas por decisões intempestivas. Olhou para Sawyer ao dizer isso, e em seguida, para toda a sala, com olhar carinhoso; os olhos de Sawyer começaram a marejar.

Ela levantou a mão.

– Posso ir até a enfermaria, por favor? Não me sinto bem.

A professora Fluke assentiu com a cabeça e escreveu uma autorização; Sawyer pegou a mochila e foi para o corredor deserto. Seu telefone vibrou no bolso e ela o pegou. Mensagem de texto de Chloe.

VC TÁ BEM?

SÓ PRECISO DE AR, respondeu Sawyer.

JÁ VOLTA?

Sawyer estava prestes a digitar que voltaria em pouco tempo quando o barulho de um armário a distraiu. Uma fileira para a frente começava a parte do terceiro ano, onde ficava o seu armário. O diretor Chappie, o detetive Biggs e um policial que Sawyer reconheceu, com uma sensação horrível, como sendo Stephen Haas, estavam lado a lado, observando enquanto o diretor destrancava um armário. Sawyer contou em silêncio as fileiras – *uma fileira para baixo, três armários para dentro.*

O armário de Logan.

Um suor frio começou a tomar todo seu corpo; pela primeira vez desde que o bilhete aparecera em seu armário, Sawyer pôde respirar aliviada. Ela gostava de Logan, mas se havia algo em seu armário que o apontasse como sendo seu admirador, como a pessoa que matara Maggie, Sawyer queria que ele fosse detido. Seus olhos se voltaram para Stephen, e ela imaginou se ele sabia que aquele era o armário de seu irmão.

Ela interrompeu a respiração quando viu o detetive Biggs se inclinar, e depois recuar com algo enrolado na ponta de seu lápis.

Era uma longa faixa vermelha.

– Ah não, Logan – ela sussurrou. Mas ficou paralisada quando os homens se viraram e ela viu que eles estavam diante do armário *dela*, e que a ponta da faixa saía de lá.

Os olhos de Sawyer estavam bem abertos. Ela puxou o ar e se colou à parede, rezando para que a fileira de armários à sua esquerda a escondesse. Podia ouvir as vozes dos homens, sérias, mas abafadas. Quando eles se calaram, ela deu uma espiada, com o estômago embrulhado. O detetive Biggs estava mexendo em suas coisas. Ele entregava itens, seu livro de química, o de matemática, para Stephen, que estava com as mãos cobertas por luvas de látex. O detetive Biggs se deteve quando pegou um envelope que Sawyer nunca tinha visto. Sua respiração se acelerou quando ela reconheceu o tom verde. Biggs abriu o envelope e despejou seu conteúdo, entregando cada item a Stephen. A notícia de jornal sobre a morte de Kevin. A embalagem de manteiga de amendoim e o que Sawyer imaginou ser a página de internet impressa sobre anafilaxia. Uma fotografia grande dela com Kevin. A prova amassada do professor Hanson. Havia mais algumas coisas que Sawyer não conseguiu identificar, mas o último item que o detetive tirou fez seu sangue congelar.

O detetive Biggs suspirou e entregou para Stephen a foto emoldurada de Sawyer e Maggie que estava na casa dos Gaines. O vidro estava rachado e, mesmo de onde Sawyer estava, dava para ver que o rosto de Maggie havia sido raspado.

Quando Sawyer se deu conta, estava correndo. Sua mochila batia em seu quadril; prendeu a respiração até passar pelas portas duplas e sentir o ar frio em seu rosto.

– Ah, meu Deus – ela murmurou, inclinando-se para a frente.

As vozes do diretor Chappie e dos policiais estavam ressoando pelo corredor e quando Sawyer se endireitou, viu os três abrindo a porta da classe da professora Fluke.

Seu telefone vibrou quando ela estava abrindo o carro. Era Chloe...

KD VC? CHAP E POLICIA TÃO PROCURANDO VC

Sawyer inspirou, trêmula, e começou a digitar.

ATRÁS DE RESPOSTAS

O estacionamento da delegacia de polícia estava quase deserto, e Sawyer se sentiu aliviada por isso. Ainda assim, escolheu um lugar que escondia seu carro ao máximo, por precaução.

– Posso ajudá-la? – A mulher no balcão da entrada vestia um uniforme, o cabelo estava bem preso e ela não usava maquiagem.

Sawyer abriu seu melhor sorriso ansioso.

– Sim, na verdade, eu sou do jornal da escola. Vim entrevistar o policial Haas. – Não disse o nome do jornal, e a mulher não perguntou.

– Ele não está na delegacia agora.

Sawyer assentiu.

– Certo, ele me disse. Ele deveria ter deixado um arquivo para mim. Algumas perguntas. Coisa simples. – Ela sorriu com simpatia, com o rosto corado. – Sobre como ser policial, essas coisas.

A policial assentiu gentilmente para Sawyer e apontou com seu lápis.

– Haas senta aqui. Você sabe onde o arquivo está? – Ela virou o pescoço. – Parece que tem uma pilha grande.

– Ah, sim, ele me disse exatamente onde deixaria. Disse que estaria bem ali, na mesa dele.

– Fique à vontade.

Sawyer foi direto para a mesa de Stephen, passando rapidamente pela pilha de arquivos, silenciosamente agradecendo a Deus por a delegacia ter dinheiro para comprar plantas artificiais, mas não para digitalizar seus arquivos.

Gaines, Maggie, era o terceiro arquivo. Sawyer enfiou-o na mochila e estava pronta para sair quando outro arquivo chamou sua atenção.

Anderson, Kevin.

Ela olhou em volta, confiante de que ninguém a observava, e enfiou o segundo arquivo na mochila também.

– Encontrou tudo o que você precisava? – A atendente estava sorrindo para Sawyer, olhando para trás.

O coração de Sawyer se acelerou, ela sentiu vergonha.

– Sim, achei, obrigada.

Os arquivos pareciam vibrar na mochila de Sawyer, e seus dedos coçavam para puxá-los e começar a examiná-los, mas ela sorriu graciosamente para a mulher e saiu com calma da delegacia. Seu telefone começou a vibrar assim que ela chegou ao estacionamento de novo. Ela olhou para o identificador de chamadas e suspirou.

– Pai – ela murmurou diante do carro vazio.

Ela apertou o botão *ignorar* e enfiou o telefone na mochila.

Sawyer entrou na autoestrada, pegando a primeira saída. As árvores que pareciam tão assustadoras e escuras na noite da morte de Maggie estavam agora alegres e receptivas, e o pequeno Accord de Sawyer passou depressa, e seu coração acelerava a cada quilômetro percorrido. Ela parou o carro na frente da

casa de Maggie e desligou o motor, respirando em silêncio.

Sawyer tirou os arquivos da mochila e pegou o de Maggie, correndo os dedos sobre as marcas escritas a mão – *Gaines, Maggie E.* Ela abriu rapidamente o arquivo e sentiu o estômago embrulhar ao ver as duas fotos grampeadas na frente. As duas eram de Maggie, seu cabelo comprido por cima da testa, os lábios contraídos. Na foto da esquerda, os lábios estavam rosados e brilhantes, esboçando um sorriso. Ela olhava para a frente, desafiadora; os olhos pareciam guardar um mundo de mistério. Na outra foto, o tom rosa brilhante dos lábios dela foi substituído por um azul não natural. O sorriso, sempre tão frequente, havia desaparecido, e as faces estavam pálidas. Seus olhos apareciam abertos, mas não brilhavam, o olhar misterioso havia desaparecido. Os olhos estavam fixos em Sawyer, cegos, leitosos, mortos.

Sawyer se surpreendeu quando uma lágrima grande caiu no arquivo. Ela fungou, forçando seus dedos a virarem a página. O relatório da autópsia estava anexado em seguida e dizia o mesmo que os jornais, nada que Sawyer não soubesse, nada que quisesse saber.

Finalmente, ela abriu a porta do carro e andou na direção da casa de Maggie. A rua estava silenciosa, toda deserta. Sawyer enfiou as mãos nos bolsos, sem saber o que pretendia fazer. Quando foi apertar a campainha, viu as cortinas do andar de cima se mexerem, um vislumbre de cabelos ruivos. Seu coração se acelerou. Ela bateu na porta.

Olivia entreabriu a porta, seus olhos vermelhos em Sawyer.

– O que você está fazendo aqui?

– Desculpe, Olivia, eu sei que eu devo ser a última pessoa que você quer ver.

Olivia engoliu em seco e olhou para trás, para dentro da casa escura. Ela abriu a porta um pouquinho mais e saiu. Sawyer surpreendeu-se ao ver como a garota parecia pequena e frágil, mesmo que só tivessem se passado alguns dias.

– Não quero que minha mãe veja você – disse ela.

Sawyer assentiu.

– Entendo.

– Eu sei que você não a estava maltratando. – Olivia sentou no degrau da varanda, cobrindo os joelhos com a blusa.

– Você sabe se alguém mais estava?

Olivia negou com a cabeça em silêncio, e Sawyer mordeu o lábio inferior.

– Preciso entrar no quarto de Maggie.

Olivia arregalou os olhos.

– Por quê? O que você quer dela?

Sawyer ergueu a mão de forma apaziguadora.

– Nada, não quero nada da Maggie. Pode ser que não fôssemos amigas recentemente, mas nós fomos um dia. Éramos melhores amigas, lembra? Eu quero ajudá-la.

– Ninguém mais pode ajudar minha irmã. Ela está morta.

Sawyer fechou os olhos, atingida pela amargura na voz de Olivia.

– Eu sei. Quero descobrir quem fez isso com ela.

Olivia olhou para trás de novo, pensando.

– Minha mãe tomou um remédio. Você tem cinco minutos.

Sawyer assentiu e seguiu a garota para dentro de casa.

O quarto de Maggie não tinha mudado muito desde que ela e Sawyer andavam juntas, no ensino fundamental. As paredes estavam pintadas com o mesmo tom rosa enjoativo, a cama ainda estava coberta com as mesmas colchas de renda sobre as quais Sawyer e Maggie brincavam de Barbie e que entravam embaixo para contar histórias de fantasmas. A única diferença eram os pôsteres e fotos pendurados em todo canto. Libby, Maggie e Kevin, animadoras de torcida, bandas de que Sawyer nunca gostou muito.

Isso, e o silêncio.

Um silêncio insuportável pairava no quarto, como se tudo lá dentro soubesse que Maggie não voltaria.

Sawyer não sabia o que estava procurando e tocava as coisas delicadamente: os livros de escola de Maggie, seu uniforme de líder de torcida, os pompons jogados no chão. Quando ela se virou e olhou para o armário, gotas de suor apareceram em sua testa.

Tentou ao máximo não pensar nos últimos momentos de Maggie, então ficou de joelhos, Tateando o chão dentro do armário. Seus dedos tocaram uma pulseira, e sentiu o coração acelerar ao vê-la de perto.

– “Melhores amigas” – Sawyer sussurrou. As palavras estavam gravadas na pulseira que ela e Maggie dividiram quando passaram o verão em um acampamento. Como a de Maggie, a pulseira de Sawyer provavelmente estava jogada em algum lugar no armário.

– Hora de sair – disse Olívia da porta.

Sawyer enfiou a pulseira no bolso e ficou de pé, passando pela menina ao sair.

– Conseguiu o que queria? – Olívia quis saber.

Sawyer meneou a cabeça, com as emoções formando um nó na garganta.

Quando Sawyer voltou para seu carro, percebeu que havia mais duas chamadas perdidas de seu pai. Ela as ignorou e partiu com o carro.

Sawyer foi para casa no piloto automático, e só na frente do portão do condomínio percebeu onde estava. Parou um instante para observar um carro do lado de dentro do portão. Estava sujo de lama e parado numa área de terra ainda vazia onde o pai de Sawyer prometera que um dia seria um parque comunitário. Sawyer hesitou, reconhecendo o automóvel muito vagamente. Era do mesmo modelo que o de Cooper, mas a porta do passageiro desse estava cheia de marcas, e ela parecia estar entreaberta. Foi tomada pela tristeza. Não havia muita chance de sua vida voltar ao normal agora; seria difícil um cara bacana como Cooper se interessar por uma garota perseguida pela polícia. Ela suspirou e acelerou, deixando o carro, e os pensamentos sobre Cooper, para trás.

A chuva ficou mais intensa, escurecendo o céu e dando às árvores esparsas e às casas vazias um aspecto assustador. Sawyer passou por ela e parou em frente à sua casa. A sala de estar estava escura e ela acendeu todas as luzes, tirou o jornal de cima da mesa da cozinha e abriu os arquivos ali. Com um suspiro, pegou o arquivo de Kevin e o abriu.

Grampeado a uma das capas estava o relatório do legista. Sawyer estremeceu, tentando ao máximo fugir dos detalhes ali relacionados – descrições cientificamente muito precisas de partes do corpo – partes do corpo de Kevin que

ela havia amado e acariciado. Passou os dedos pelo relatório da toxicologia, mostrando que o nível de álcool no sangue de Kevin era de 0.22. Um grande X cobria a caixinha ao lado da opção *embriagado*. Sawyer suspirou, mordiscando o lábio inferior e abrindo o envelope anexado ao relatório sobre Kevin.

Seu estômago ficou embrulhado e ela mordeu o lábio com força ao esvaziar o envelope. A mesa de jantar ficou cheia de fotos coloridas da cena do crime, e os dedos de Sawyer começaram a juntá-las, empilhando uma imagem terrível em cima da outra. Sua boca se encheu de sangue, mas ela manteve os dentes bem apertados, os punhos cerrados enquanto se forçava a ver cada fotografia, absorvendo cada detalhe pútrido – o metal retorcido do carro, os cacos de vidro cheios de sangue no asfalto. As primeiras fotos eram externas, e Sawyer pôde sentir o cheiro forte de metal quente, de sangue na noite. Sentiu o nariz arder e passou, com dedos tremendo, para o próximo grupo de fotos. Eram fotografias internas, e Sawyer piscou, sentindo as lágrimas pinicarem seu rosto. Ela se lembrou do toque suave do couro gasto, do brilho do pequeno cristal pendurado no espelho retrovisor. Lembrou-se da noite em que dera aquele cristal a Kevin.

Era setembro, mas o verão ainda marcava presença na atmosfera calma da noite; os longos dias terminavam com indícios de outono na brisa que soprava.

– Eu compre algo para você – disse Sawyer, um sorriso despondido.

Kevin apoiou a cabeça no encosto de couro e sorriu para ela, levantando as sobrancelhas de modo sensual.

– Ah é? O quê?

Ela puxou o pequeno amuleto do bolso – uma bola de futebol americano de vidro que tinha comprado numa barraca de rua – e o balançou entre os dedos. O vidro refletiu a luz amarela do poste de iluminação e produziu vários tons de arco-íris.

Os dedos de Kevin roçaram nos dela quando ele pegou o amuleto. Um arrepio percorreu o corpo todo de Sawyer.

– Você gostou? – perguntou ela, sussurrando.

– É um presente seu, certo? – ele pendurou o objeto no espelho retrovisor. – Significa que eu amei.

Sawyer sentiu uma onda de alegria.

– Vista isto – disse Kevin, tirando a blusa. – Não quero que a minha garota fique resfriada. – Ele cobriu os ombros de Sawyer com a blusa desbotada e a puxou para perto dele; ela cedeu, encaixando o corpo no dele.

– Isso é perfeito – disse ela, respirando fundo, deixando o perfume familiar de Kevin impregnado na blusa envolvê-la. – Tão, tão perfeito.

Ela fechou os olhos e conseguiu sentir o cheiro de Kevin, que se tornava cada vez mais fraco. Empurrou as fotografias e apoiou a cabeça nas mãos, respirando fundo. A ponta de uma foto chamou sua atenção.

Garrafas de cerveja. Vidro estilhaçado marrom no chão do carro de Kevin.

Pensou naquela noite, no jeito como o brilho do luar se refletia nos olhos dele, mesmo com o rosto quase todo coberto pelo capuz. Sawyer se lembrou de que ele puxou o capuz para cima e só um pouco de seus cabelos escuros ficaram à mostra; ela se lembrou das mangas compridas da blusa cobrindo metade de suas mãos. Lembrou-se de que ele estava vestindo aquela mesma blusa quando ela

correu para longe dele, quando a garrafa de cerveja passou raspando por sua orelha.

E agora, a blusa preta de capuz estava no banco de trás do carro dela. Sawyer apertou os olhos, tentando se lembrar. Como a blusa de Kevin tinha ido parar em seu carro? Estava no meio de um monte de coisas debaixo de um dos bancos, e ela não prestou atenção ao fato na ocasião, mas agora a lembrança a incomodava.

Ela viu os outros documentos no arquivo, parando rapidamente no interrogatório com o detetive Biggs, e prendeu a respiração quando viu com quem tinha sido o interrogatório seguinte – *Haas, Logan*.

A data era de um mês antes da morte de Kevin, e Sawyer examinou a página manuscrita, a cópia ruim, a tinta meio fraca.

– Kevin maltratava Logan. – Ela murmurou para si mesma, deixando o papel na mesa. – Isso não é novidade. – Sawyer virou o papel, notando que o policial responsável era Stephen Haas.

Ela deixou o arquivo de Kevin de lado. Então, esbarrou no canto da pilha e tudo caiu da mesa, e as páginas se espalharam e voaram até o chão. Sawyer se inclinou para pegá-las, e a primeira coisa que viu foi um relatório escrito à mão do arquivo de Maggie.

- tentou invadir na noite anterior; as autoridades foram chamadas, mas ninguém foi encontrado nas redondezas...

- sujeito relatou uma discussão com uma estudante na Hawthorne High School [aluna do terceiro ano, Sawyer Dodd] mais cedo no mesmo dia. Nenhuma atualização...

Outra página flutuou, pousando calmamente no chão. O estômago de Sawyer se revirou quando leu o que estava escrito no topo:

ASS: Emenda ao relatório de autópsia de M. Gaines

Continuou lendo:

J. Hugh, Médico, Crescent County

A minha opinião profissional é de que M. Gaines foi asfixiada com uma faixa (aproximadamente 3 cm de largura) em volta do pescoço. Criminoso atacou Gaines por trás; machucados feitos antes da morte indicam que criminoso mirou de cima para baixo, deliberadamente ou por uma diferença de altura. Quando a vítima foi dominada, o criminoso enfiou uma mordaca de tecido em sua garganta (também pre-mor-tem). Marcas na traqueia condizem com esses fatos.

Sawyer estremeceu e empurrou a página com o pé, só o suficiente para deixar à mostra uma linha do papel embaixo.

Primeiro a chegar ao local: Policial S. Haas.

Stephen era o policial responsável todas as vezes.

Será que ele...?

Pensamentos tomaram sua mente. Ela pensou em Logan, pequeno, tímido. Suas mãos tremiam quando ele a chamou para sair. Seria ele seu admirador? Stephen estaria dando cobertura para seu irmão menor?

Sawyer estremeceu, despejando as folhas numa pilha malfeita em cima da mesa, e se sobressaltou quando o telefone tocou. Ela atendeu.

– Alô?

– Sawyer, ah, graças a Deus.

Sentiu um calor subir por seu corpo.

– Oh, hum, oi, pai.

– Estou ligando para você faz meia hora. Você estava em casa esse tempo todo? Sabia que a polícia está à sua procura?

Sawyer pensou em desligar o telefone e correr para cima, para seu quarto, e se esconder embaixo das cobertas com cheiro doce em sua cama. Mas só começou a tremer.

– Eu não fiz nada, pai. Você sabe disso, certo?

Andrew deu um longo suspiro.

– Sua mãe vai te ligar em breve. Eu não tenho as informações do voo dela ainda.

– Mamãe vem para cá?

– Sawyer, ela é advogada. Você está bem encrencada.

Sawyer mordiscou os lábios.

– Tara está com você?

– Não, por isso eu liguei. Ela também não atende o celular. Mal chegou no trabalho hoje e a mandaram de volta para casa.

Sawyer olhou ao redor.

– Acho que ela não está aqui. Oh, espere. Estou vendo a bolsa dela. Ela não disse nada quando eu entrei.

– Ela provavelmente está dormindo. Faça-me um favor, dê uma olhada nela; não precisa acordá-la, ela precisa dormir; mas diga para ela me ligar quando acordar.

Um soluço ficou preso na garganta de Sawyer.

– Você não vem para casa agora?

– Não posso, Sawyer, agora, não. Desculpe. Vou para casa assim que puder.

– Você sabe que eu não fiz isso, né, pai?

Mas a única resposta foi o som da ligação interrompida.

Sawyer correu para cima, para o quarto da madrastra, e prendeu a respiração, batendo gentilmente na porta.

– Tara? – ela chamou.

Não houve resposta, então Sawyer abriu a porta bem devagar, enfiando a

cabeça para dentro.

– Tara? – perguntou de novo.

O quarto estava intocado, e Sawyer inclinou a cabeça quando ouviu o barulho do chuveiro. A porta do banheiro estava trancada e Sawyer bateu forte.

– Tara? Estou em casa. Meu pai pediu para você ligar para ele quando terminar, ok?

A casa estava escura. O cinza do céu estava se tornado cada vez mais intenso, e parecia oprimir Sawyer. Ela cruzou o corredor até seu quarto e caiu na cama, sentindo o peso do dia – dos dias, na verdade – em seus membros. Tudo doía. Esfregou as palmas das mãos nos olhos e então olhou para o teto piscando, deixando as lágrimas rolares pelas bochechas e pingarem nos lençóis. Ela as viu de relance, tingidas de vermelho.

Quando ela se virou de barriga para baixo, todos os seus músculos se travaram de medo. O coração batia forte e ela conseguiu sair da cama, recuando tão rápido que trombou na escrivaninha, jogando um monte de bijuterias e canetas no chão.

Não conseguia tirar os olhos da parede atrás da cama, dos garranchos vermelhos que aos poucos passou a odiar, das palavras *eu vejo tudo* escritas acima da cabeceira.

Q UINZE

Sawyer sentiu o gosto amargo de bile na boca.

Correu pelo corredor e chutou a porta do banheiro, puxando a maçaneta e batendo na porta com os punhos cerrados.

– Tara! Tara, sai daí! Temos que sair daqui agora!

Sawyer estava soluçando sem parar, olhando para seu quarto como se as palavras pichadas fossem ganhar vida e correr atrás dela.

– Tara! – Ela chutou a porta e colocou seu ouvido contra ela, rezando para ouvir o som da água diminuindo, a torneira sendo desligada, Tara vindo salvá-la. Mas o chuveiro continuava aberto. Sawyer deu um passo para trás para arrombar a porta com o pé e parou, atônita, quando sentiu o carpete afundar, porque estava ensopado.

– Ah, meu Deus, Tara!

Sawyer bateu com o ombro na porta, com força. Ela ouviu a madeira ceder e bateu mais uma vez, arrombando a porta e caindo dentro do banheiro. Escorregou no piso, água por todo o cômodo.

A primeira coisa que Sawyer viu foram os pés descalços de Tara, repousados um em cima do outro. Estavam encostados no vidro do box e um rio de água passava por baixo deles.

– Oh, não – Sawyer se agarrou à pia e chegou até o chuveiro, onde Tara estava caída. Seu corpo nu estava desabado no chão, o cabelo loiro flutuava num espelho d'água. Seu rosto estava rosado e os ombros e a barriga de grávida, vermelhos, onde a água quente caía.

Sawyer chorava copiosamente agora, ficou sem ar e sorriu quando viu o peito de Tara subindo e descendo.

– Oh, graças a Deus!

Ela se sentiu extremamente aliviada, passou a chorar de alegria, desligou o chuveiro e pegou uma toalha. Enrolou-a delicadamente no corpo de Tara, cobrindo-a. Deu tapinhas delicados no rosto dela, seguidos por outros mais fortes.

– Tara? Tara!

A cabeça de Tara rolou, sua boca mole, solta.

– Ah, por favor, Tara, acorde.

Sawyer atravessou a água e pegou o telefone do criadomudo do lado de seu pai da cama. Teclou o número e respirou fundo várias vezes e, então, parou quando percebeu que a linha estava completamente muda.

– Não, não, não!

Começou a ir na direção do celular quando percebeu um movimento pelo canto do olho. Um carro descia a rua em direção à casa, cruzando o asfalto escorregadio. Quando chegou mais perto, o coração de Sawyer começou a bater mais forte.

Era um carro de polícia.

Ela começou a se afastar da janela quando percebeu que Stephen Haas estava dirigindo. Foi só aí que Sawyer percebeu o carro estacionado perto da casa.

– Oh, Deus, Chloe.

Ela correu para baixo e abriu a porta, abraçando Chloe na varanda.

– Entre!

– Sawyer, a polícia...

Sawyer bateu a porta com força.

– Onde está seu telefone? Temos que ligar para a polícia.

– Mas a polícia está bem...

– Não! – Mais lágrimas romperam dos olhos de Sawyer. – Eu não confio nele! Ele está vindo me pegar. Ligue para a central e chame uma ambulância.

Chloe segurou nos ombros de Sawyer.

– O que está acontecendo?

Sawyer balançou a cabeça, tinha a sensação de que respirava dentro de uma bolha de plástico que se recusava a estourar. Sua pele parecia apertada demais; a cabeça parecia comprimir seu cérebro. Ela se dobrou, esfregando os olhos com os punhos.

– Acho que é Stephen. Ele é irmão de Logan. Acho que ele está atrás de mim... acho que matou Kevin e Maggie ou está acobertando o irmão.

– Mas por quê?

Lágrimas rolaram pelo queixo de Sawyer.

– Não sei.

Os olhos de Chloe estavam arregalados quando Sawyer ficou em pé de novo. Ficou boquiaberta; demonstrava estar muito preocupada. Ela apertou mais os ombros de Sawyer, e passou para o outro lado, fazendo a amiga entrar na casa, e fechou a porta. Sawyer ouviu o barulho da tranca.

– Sawyer, você está quase tendo um ataque.

– Você não entende, Chloe. Temos que sair daqui! Logan... Stephen... ele sabe onde eu moro! Ele vai voltar, e temos que salvar Tara...

Sawyer estava chorando muito, soluçando a ponto de fazer os ombros tremerem, aumentando sua dor.

Chloe pegou o telefone do bolso e ligou, apertando-o contra o ouvido. Sawyer escutou a amiga informar o endereço, falando devagar, perguntando a Sawyer se Tara ainda estava respirando.

Sawyer fez que sim com a cabeça e Chloe desligou o telefone.

– Eles estão a caminho.

Sawyer desabou fisicamente, e Chloe a enlaçou com os braços.

– Shh – disse ela –, vai ficar tudo bem. Vai dar tudo certo. – Chloe deu um beijo consolador na testa de Sawyer.

Ouviu-se uma batida forte na porta e Sawyer ficou tensa. Seu coração se acelerou. Arregalou os olhos e sentiu o medo correndo por suas veias e pelo corpo todo, que ficou pesado.

– É ele.

Chloe abaixou os braços e deu a volta em Sawyer, extremamente calma. Andou na ponta dos dedos e espiou pelo olho mágico.

– É um policial.

Sawyer se endireitou.

– Ele não pode saber que eu estou aqui.

Outra batida, forte, insistente.

– Sawyer? Sra. Dodd? É o policial Haas.

Chloe olhou para ela.

– Policial Haas? – ela sussurrou.

Sawyer engoliu em seco, sentiu a saliva amarga.

– Ele... ele... é o irmão de Logan.

Stephen mexeu na maçaneta e Sawyer fixou os olhos no chão.

– Precisamos atender — disse Chloe. — Ele sabe que eu estou aqui. Meu carro está logo aí fora.

Sawyer engoliu em seco, imagens das semanas anteriores percorrendo sua mente.

– Não. Ele quer me prender. Ou... – ela puxou ar, tremulando – ... pior.

Chloe suspirou.

– Ele não vai embora.

Sawyer deu um passo para trás, balançando a cabeça.

– Não posso atender. Não posso.

Chloe mordeu o lábio inferior.

– Só – ela abriu a porta do armário e enfiou Sawyer ali – fique quieta.

Sawyer prendeu a respiração enquanto escutava Chloe abrir a porta da frente.

– Posso ajudá-lo? – a voz de Chloe parecia calma.

– Estou procurando Sawyer Dodd. Ela está aqui?

O coração de Sawyer disparou. Tinha certeza que a acústica do armário amplificava o som.

– Não – respondeu Chloe. – Na verdade, eu vim aqui atrás dela, ela saiu mais cedo da escola. Mas não encontrei ninguém aqui.

Sawyer apertou o lábio inferior com os dentes. Seus punhos estavam cerrados, as mãos suavam.

– Como você entrou na casa? – ela ouviu Stephen perguntar.

– Sawyer é minha melhor amiga. Eu tenho a chave. Sawyer pensou ter ouvido o tilintar de chaves sendo balançadas. Começou a sorrir. Chloe estava dando um show, Sawyer nunca dera a ela a chave de sua casa.

– Olha... – disse Stephen.

– Chloe.

– Chloe, olha, é muito importante que eu encontre a Sawyer. Ela pode estar correndo grande perigo.

O coração de Sawyer continuou batendo forte e ela pressionou a palma da mão no peito, esperando abafar o som.

– Com certeza – disse Chloe. – Assim que eu encontrar Sawyer, vou avisar que o senhor a está procurando.

Fez-se um silêncio estranho e Sawyer esperou, músculos rijos, olhos arregalados, ajustando-se aos poucos à penumbra do armário.

– OK. Por favor, peça para ela entrar em contato comigo imediatamente.

– Certo.

Sawyer ouviu a porta da frente se fechar e esperou até ouvir o motor do carro

ligado para abrir a porta só um centímetro.

– Ele se foi? – ela sussurrou.

Chloe fez que sim, abrindo a porta.

Sawyer saiu cuidadosamente, e foi até a janela da frente. Prendeu a respiração até ver as lanternas de Stephen cruzando o portão de ferro.

– Graças a Deus.

Chloe umedeceu os lábios, sorrindo.

– Viu?

– Viu o quê?

Ela se virou, o rabo de cavalo loiro balançando.

– Eu não disse que sempre cuidaria de você?

Foi como se alguém tivesse retirado todo o ar da sala e os pés de Sawyer ficaram presos ao chão.

– O que você disse?

Chloe parou abruptamente, mas não se virou.

– O quê?

– O que acabou de dizer... – Sawyer se esticou cuidadosamente para encostar no ombro de Chloe. Para sua surpresa, Chloe se encolheu. Ela se virou para olhar para Sawyer, com os lábios cor-de-rosa contraídos.

– Eu disse que sempre cuidaria de você. Eu faria qualquer coisa por você, Sawyer.

Um arrepio quente passou pela espinha de Sawyer.

– Chloe?

– Vamos lá, querida – Chloe estendeu uma mão e Sawyer ficou olhando para ela, atônita. – Eu disse vamos lá! – Chloe segurou o pulso de Sawyer e deu um puxão forte. Ela parou imediatamente, como se pedisse desculpas. – Sinto muito – ela sorriu docemente. – Não quero que pense que eu sou como ele.

Sawyer parou e livrou-se da mão de Chloe.

– Que diabos está acontecendo aqui, Chloe?

As duas garotas pararam assustadas quando um gemido abafado e uma batida forte vieram do andar de cima.

– Tara. – Ela foi até a janela e espiou para fora. – Onde está a ambulância? Você espera a ambulância aqui, eu vou ver como Tara está.

Mas Chloe não se mexeu.

– Chloe!

– Tara vai ficar bem. Vai ficar tudo bem.

Sawyer se virou para correr, mas Chloe a agarrou, bruscamente, espetando algo frio em suas costelas. Foi o reflexo da lâmina que chamou a atenção de Sawyer.

– Chloe, o que é isso?

A faca era diferente de tudo que ela já tinha visto antes. A lâmina era curvada e ameaçadora, a ponta muito fina. Os olhos de Chloe seguiram os de Sawyer até a faca. Chloe rolou a ponta no corpo de Sawyer. O movimento foi delicado, mas causou ondas de pânico nela.

– Vai ficar tudo bem.

Sawyer estava paralisada.

– Abaixe a faca, Chloe. Meu Deus, onde você arranjou isso?

Chloe deu de ombros, mas não soltou o cabo da faca, a ponta ainda a um fio de cabelo de Sawyer.

– Você ficaria surpresa com as coisas que os meus pais têm em casa.

– Chloe, isso não tem graça. A polícia vai chegar a qualquer momento.

Chloe inclinou a cabeça, com os olhos serenos. Esboçava um leve sorriso.

– Ninguém virá, Sawyer.

Ela levantou o telefone e o soltou. Sawyer assistiu em pânico quando o aparelho caiu, a tela se despedaçou a seus pés, pedaços de plástico se espalharam pelo chão de mármore.

– Do que você está falando?

– Você ainda não entendeu, bobinha? – Chloe piscou e pegou a mão de Sawyer de novo, dessa vez encontrando-a, entrelaçando os dedos gentilmente com os de Sawyer. Chloe deu um passo pequeno, cuidadoso, para a frente, e Sawyer pôde sentir o cheiro leve do perfume da garota quando esta sussurrou em seu ouvido.

– Eu sempre admirei você.

O sangue começou a pulsar por Sawyer. Seus olhos arderam.

– Você? – Sua voz era um sussurro rouco, quase irreconhecível em entardecer.

– Você fez isso?

Sawyer pôde sentir a respiração úmida de Chloe em sua orelha, no pescoço. Assistiu em silêncio quando Chloe tirou a faca de perto de suas costelas e a encostou em seu pescoço.

– Eu faria qualquer coisa por você.

Um tremor violento começou na cabeça de Sawyer e desceu pelo corpo todo.

– O quê?

Chloe não respondeu. Apesar de manter a faca com firmeza, seus lábios eram macios e os olhos, sonhadores. Usou a outra mão para afastar com delicadeza um tufo de cabelo do queixo de Sawyer.

– Absolutamente qualquer coisa.

Sawyer balançou a cabeça, com a mente tomada por imagens: Kevin em seu caixão, a mão do professor Hanson em sua pele, Maggie...

– Não, não, você não poderia ter...

Chloe bateu a lâmina fina nos lábios, abrindo um sorriso contido.

– Eu não poderia encher o Kevin de cerveja até ele estar caindo de bêbado, e então entregar a chave do carro para ele? Ou não poderia ter colocado uma porção de óleo de amendoim na guacamole do Señor Hanson?

– Não. – Sawyer parou quando sentiu o roçar da pulseira em sua pele. Viu as palavras marcadas *melhores amigas para sempre* na lateral. – Onde você pegou isso?

Chloe sorriu.

– Nós duas as temos de novo. Você achou a da Maggie, não? Eu sei que você foi lá.

Sawyer se sentiu enjoada e fechou os olhos.

– Você me vigiou.

– Sempre.

Sawyer passou a língua pelos lábios.

– Você matou Kevin.

Chloe rolou a mecha de cabelos entre os dedos, olhos fixos nela, admirando.

– Por que Kevin? Por que agora? Há quanto tempo... há quanto tempo você sente isso?

A pergunta pareceu deixar Chloe agitada, com a lâmina fria da faca na direção da carótida de Sawyer.

– Desde sempre. – Ela parecia escolher as palavras.

– Desde sempre?

– Meu Deus, Sawyer! – Chloe ergueu as mãos. – Eu não aguentava mais! Eu amava você, eu amava demais e não conseguia mais aguentar. Ele estava... ele estava arruinando você, e você estava *deixando*.

Lágrimas embaçaram a visão de Sawyer.

– Não – ela sussurrou.

Os olhos de Chloe brilharam como as últimas fagulhas de um fogo se apagando. Ela parecia quase triste.

– Você não percebe? – Ela bateu forte com a faca na outra mão e o barulho fez Sawyer se sobressaltar. – Ele não gostava de você! Ele não te amava! Eu não fui a única, também, Sawyer. – Ela desviou o olhar por um breve segundo, olhou para Sawyer por entre os cílios. – Mas você foi a única que ele machucou.

A barriga de Sawyer se encolheu e ela se sentiu tomada por vergonha.

– Você sabia sobre isso? – Sua voz era um sussurro sufocado em meio ao suspiro de Chloe.

Chloe deu de ombros.

– Você deixou.

– Eu não deixei ele me bater. – Sawyer ficou brava. – Eu não deixei acontecer.

– Bom, você certamente não o impediu, certo?

– Não era assim. Eu não podia...

– Não podia ficar sem ele? – Chloe caçoou. – Não podia pedir ajuda? Não podia ver um palmo além do seu nariz babaca, isso sim. Você se faz de vítima, Sawyer. Veja tudo de ruim que acontece com a pobre coitada da Sawyer. Você não precisava dele. Então, quando eu vi uma oportunidade, eu a agarrei.

– O que você está...

– Naquela noite. Você finalmente – finalmente! – terminou com ele. Mas eu sabia que você não ia aguentar. Acabaria voltando para ele. Ele diria ser louco por você e você cairia como uma pata. Então, eu me meti. Você sabe o que acontece quando homens bebem, Sawyer? Eles ficam tarados. E um cara como Kevin Anderson não se importa muito de onde virá o que ele quer.

– Você... – Sawyer não conseguia dizer as palavras.

– Ah, não fique tão surpresa. Você não era a única. E nem eu – Chloe deu de ombros de novo, a faca dançando em sua mão. A lâmina afiada refletiu a luz e Sawyer engoliu em seco.

– Foi uma combinação perfeita, aquela noite – Chloe continuou. Um sorriso cruzou seu rosto e a serenidade dele era de arrepiar. – Um, dois, três, Kevin Anderson, meu freguês. – Ela parecia orgulhosa de sua rima macabra e riu, o

som reverberando no ar carregado.

– Então, seus freios? O corte na sua cabeça? Foi tudo você?

Chloe revirou os olhos.

– Ah, qual é, Sawyer! Eu tinha que jogar o jogo.

– Isso é um jogo para você?

Ela deu de ombros de novo, mostrando-se fria, casual.

– Vamos dizer que eu estava matando dois pássaros com um cajadada só. Todo mundo acha que tem alguém querendo confusão... – Os olhos de Chloe ficaram irados. – Talvez prestassem atenção em mim uma vez na vida.

Sawyer hesitou.

– E?

– E aquela coisa que eu chamo de mãe poderia ganhar uma carona para o inferno quando fosse para o trabalho – Chloe estendeu as mãos imitando uma balança. – Todo mundo sai ganhando.

Ela passou a língua pelos lábios e um sorriso surgiu em seu rosto. Era insano, maniaco, e provocou arrepios de medo em Sawyer.

– Mas você disse que consertaram o carro.

– É – Chloe assentiu, ainda sorrindo. – Consertaram.

A respiração de Sawyer ficou ofegante diante da confissão de Chloe.

– Você matou meu namorado. Você estava lá naquela noite. O sapato, meu sapato, e a blusa. Você pegou a blusa do Kevin.

Chloe fez um bico.

– Eu estava com frio.

Sawyer se esforçou para dizer as palavras.

– Você matou meu namorado.

Chloe abruptamente soltou o cabelo que segurava e cerrou os olhos.

– Belo namorado – disse.

Sawyer balançou a cabeça, incrédula.

– Você armou para mim, Chloe. Você colocou todas aquelas coisas no meu armário.

Chloe foi tomada por uma onda de fúria. As narinas se alargaram, seu lábio se curvou levemente.

– Você não estava ouvindo, Sawyer. Eu precisava fazer você ouvir.

– Me fazendo parar na cadeia?

– Eu não iria tão longe. Teria salvado você. Eu precisava chamar sua atenção, te obrigar a ouvir. Você sabe ser meio teimosa, Sawyer.

– Eu não acredito... eu não acredito... – o lábio inferior de Sawyer começou a tremer. Chloe franziu a sobrancelha, seus olhos refletindo a tristeza de Sawyer.

– Está tudo bem. Não precisa se desculpar.

– Eu não estou me desculando!

Chloe avançou na direção de Sawyer até seus rostos ficarem a poucos centímetros um do outro. Chloe inclinou a cabeça e Sawyer viu a lâmina subir. Chloe separou uma mecha grossa do cabelo de Sawyer com a faca e Sawyer tentou ficar parada, tentou se estabilizar contra o frio da lâmina que lançava ondas de arrepio quando fios de seu cabelo, cortados pela faca, caíram em seu braço.

– Você entende por que eu precisei fazer aquilo? Por que eu precisei cuidar de você? Eu sempre cuido de você. Mas tudo bem. – Um sorriso estranho, lento, se abriu no rosto de Chloe. – Eu gosto de cuidar de você.

– Você precisa de ajuda, Chloe. Sério.

Chloe inclinou a cabeça, incomodada, e cruzou os braços.

– Como é?

– Você está maluca.

Os olhos de Chloe se arregalaram.

– Eu estou maluca? – perguntou ela, alterada. – Eu estou maluca? Eu tento proteger minha melhor amiga, e o que ela faz? Vai brincar de ser saco de pancada de um jogadorzinho de merda. E pra quê? Para ficar popular? – Chloe formou aspas com os dedos ao dizer *popular*, mas seus olhos estavam arregalados e muito sérios. – Para você se sentar na parte descolada da arquibancada com as tontinhas siliconadas? – Ela coçou a cabeça. – Qual é, Sawyer? Você é bonita e tal, mas não a ponto de ser tão burra.

Sawyer encarou a garota, atônita, e Chloe bateu um pé.

– Você está brincando comigo? Você ainda acha que ele amava você – Chloe chegou perto do rosto de Sawyer de novo, que sentiu perdigotos no rosto enquanto a outra falava. – Ele não ligava para você. Mas você não saberia o que é amor nem se o esfregassem na sua cara. – Chloe usou as duas mãos para bater no rosto de Sawyer. – Você nunca nem olhava para mim quando Kevin estava por perto. – Sua voz era um sussurro baixo.

Sawyer enxugou os olhos com a manga.

– O quê? Eu não entendo. Quer dizer, por que... por que agora? Por que você está fazendo isso comigo?

– Por quê? – Chloe parou sem ar, totalmente atônita. Ela recuou hesitante e sentou-se no braço de uma poltrona, percorrendo a lâmina distraidamente com os dedos. – Eu realmente, realmente não acredito que você está me perguntando isso. Quer dizer, sério, Sawyer, você está me fazendo ficar mal.

– Mas...

– Mas, mas, mas – ela caçoou –, claro. Por que eu faria isso *com você*? A resposta está na pergunta – ela riu desconsolada. – As pessoas estão mortas ao seu redor e você me pergunta por que eu fiz isso com você. Não é o que eu fiz *com* você, é o que eu fiz *para* você. O que eu sempre faço para você. – Ela apontou o indicador na direção do próprio peito. – Eu protejo você. Mas você vê isso? Não. Claro que não. Você nunca vê porque tudo gira ao seu redor. O namorado da Sawyer. O professor da Sawyer dando uma cantada nela. A nova família da Sawyer. Sawyer, Sawyer, Sawyer – Chloe parou. – Mas e a Chloe? – Ela apontou a faca para si mesma. – E eu? – Seu olhos voltaram ao tom azul-claro, e quando ela piscou, uma lágrima escorreu por seu rosto.

Sawyer respirou tremendo e pensou em Tara inconsciente no andar de cima, pensou em sua irmãzinha. Não tinha como passar por Chloe e sua faca. Não havia celular, ninguém chegaria para ajudá-la. Passou a língua pelos lábios.

– Eu te amo, Chloe – disse Sawyer, sussurrando.

Chloe fungou e balançou a cabeça.

– Não diga isso. Você não me ama.

– Amo – Sawyer deu um passo para a frente.

– Pare! – Ela pegou a faca e posicionou-a diante do rosto. Sawyer olhou para ela, que sentiu seu corpo começar a tremer. Ela se controlou, forçou-se a olhar para outro lado.

– Você não gosta de mim de verdade – Sawyer murmurou.

– O que você disse?

Sawyer virou a cabeça para encarar Chloe e manteve as palavras sérias e incisivas.

– Eu disse que você não gosta de mim de verdade – ela riu. – Acho que você estava certa. Eu não sei nada sobre o amor. Chloe parou boquiaberta.

– Você está brincando comigo? Tudo isso. Eu fiz tudo isso por você.

– Acho que você fez para si mesma. Acho que gosta de machucar as pessoas e queria uma desculpa. Você não me ama, Chloe, você nem mesmo gosta de mim metade do que diz gostar.

– Cala a boca!

O golpe no rosto de Sawyer foi forte. Ardeu, e ela cambaleou. Fez o melhor que pôde para se manter calma, enquanto passava a mão pelo nariz latejando. Olhou para o sangue na palma da mão, provou-o enquanto ele escorria em sua boca.

– Isso só comprova.

– Não. – Os olhos de Chloe estavam arregalados, as lágrimas começaram a cair imediatamente. Ela passou os dedos pelos cabelos, ainda segurando a faca a sua frente. – Desculpe, Sawyer, eu não queria fazer isso. Mas você... você não entende. Eu amo você. Eu te amo tanto, tanto. Você não consegue ver? Tudo o que eu faço. Você está me ouvindo?

Mas Sawyer olhava casualmente pela casa, passava o pé no carpete, como se Chloe fosse alguém vendendo produtos nos quais ela não se interessava, como se a faca em sua mão fosse uma caixa cheia de bobagens.

– Você é impossível! – Chloe gritou, virando e andando de um lado a outro. Quando se virou de novo, Sawyer tinha ido embora.

Ela atravessou o corredor de entrada e chutou a porta da frente, deixando-a bater violentamente contra a parede. Sabia que isso chamaria a atenção de Chloe, sabia que se ela corresse, Chloe iria atrás. Sawyer pegou a bolsa de Tara do lado da porta quando partiu, as meias batendo no asfalto molhado da rua.

Parecia que Sawyer havia chegado em casa havia poucos minutos, mas o céu carregado já estava quase preto. A temperatura havia caído bastante, e o frio congelou os pulmões de Sawyer e fez suas pernas ficarem pesadas. Ela ouviu Chloe sair e ir atrás dela, poucos segundos atrás.

Sawyer se esforçou mais ainda, e pensou que gostaria de estar vestindo a blusa para bloquear o vento.

– Ah, Deus.

Ela se lembrou de uma foto na qual aparecia correndo, a fotografia que vira presa no mural de Chloe. Na foto, ela vestia a blusa que queria estar vestindo naquele momento. A que ela estava usando no dia em que correu pela vizinhança.

Sua melhor amiga a estava perseguindo.

Aterrorizando-a.

Desceu a rua procurando algum lugar para ir. As casas que pareciam tão alegres e aconchegantes até pouco antes, agora pareciam assombrosas, vazias. As janelas pretas refletiam a imagem de Sawyer, fazendo-a lembrar de que estava sozinha.

– Sawyer – Chloe estava chegando perto dela, e Sawyer fez uma curva brusca à esquerda, correndo pela garagem de seus vizinhos. O vento fazia seu cabelo bater na cara, mas a velocidade era constante. A chuva começou a cair, pingos pesados fazendo a terra virar lama, batendo nas casas semiconstruídas, enquanto Sawyer corria pelo quintal e dava a volta pela lateral da casa. A cerca de madeira vermelha e a fachada de vizinhança alegre acabavam na parte de trás do modelo, e Sawyer parou, o coração acelerado, olhando para o lamaçal em frente.

Chloe ainda não havia chegado na casa e Sawyer parou um instante, o tempo de mexer na bolsa de Tara e encontrar seu celular. Ela apertou todos os botões e a tela acendeu, mostrando que só havia uma barrinha de sinal.

– Volte aqui, Sawyer!

A voz de Chloe reverberou pela construção e Sawyer partiu, correndo em direção à única torre de celular no condomínio. Estava na base da pequena colina quando Chloe surgiu no jardim.

Sawyer apertou as teclas de novo, a tela ainda piscando uma única barrinha. A chuva começou a cair mais forte e ela tremeu, voltando para a colina, suas meias afundando na lama.

– Sawyer!

Chloe estava muito perto dela agora, seus dedos em forma de garra tentando agarrá-la.

– Me deixa! – Sawyer chutou as mãos de Chloe.

A chuva torrencial fazia descer a lama pela colina, e Sawyer escorregou na direção de Chloe, que a agarrou, apertando a pele macia de seu antebraço.

– Vamos lá, Sawyer, podemos ir. Podemos ir embora daqui.

– Não – Sawyer balançou a cabeça, as lágrimas se misturando com a chuva batendo forte em seu rosto. – Você está doente, Chloe. Isso não é amor. Você não me ama, você precisa de ajuda.

– Pare de dizer isso!

– É verdade.

– Você é tão ingrata. – Os dentes de Chloe estavam cerrados e água pingava de seu queixo. – Não acredito que eu amei você. Eu fiz tudo por você! Você nem me pediu, e eu fiz – Ela bateu com o punho na lama do lado da orelha de Sawyer. – Você nem liga! Você nem liga! – Chloe estava chorando agora, soluçando alto. – Eu fiz tudo por você, Sawyer. Todo mundo queria te fazer mal, e eu não. Eu não.

Sawyer se virou, os dedos dos pés e das mãos cavando na lama enquanto tentava se afastar.

– Aonde você vai? Pare com isso! – as palavras de Chloe se quebraram ao vento quando ela pulou com as duas mãos na direção de Sawyer, cravando a faca em sua panturrilha. Sawyer gritou, mas o grito foi abafado pela ventania.

Sawyer olhou para trás, espantada. Não sentia nada além do forte frio, até que a dor começou a se tornar quente e pesada, começando na lâmina e emanando por todo o seu corpo. Mas ela sabia que não podia parar.

– Sawyer!

Olhou para trás. Chloe estava de joelhos, seu cabelo encharcado e grudado na testa. Suas roupas estavam cobertas de lama e de sangue, e Sawyer sentiu a barriga doer, sem saber se era por causa do ferimento ou porque Chloe estava ajoelhada ali, com a faca ensanguentada pressionada contra a própria garganta.

Sawyer foi tomada pelo horror

– Chloe, abaixe essa faca, por favor.

Chloe chacoalhou a cabeça enquanto lágrimas rolavam por seus lábios rosados. Sua mão começou a tremer e pequenas bolhas de sangue começaram a surgir em seu pescoço.

– Você não gosta de mim! Ninguém gosta! Ninguém gosta!

– Não é verdade. Eu gosto de você. Eu quero te ajudar. Nós vamos conseguir ajuda para você. Por favor. – Sua voz era pouco mais que um sussurro, quase perdida no vento e na chuva. – Por favor, não faça isso.

Os dedos de Chloe estavam brancos pela força que ela fazia. A noite caiu num silêncio intenso, uma câmara lenta dolorosa.

Sawyer desceu a colina, mancando. Estava muito próxima de Chloe quando esta apertou os olhos, apertando a lâmina ainda mais contra a carne. Sawyer se esticou para tocar o braço de Chloe, mas antes de conseguir, sentiu o baque de sua cabeça na terra à frente, e flashes dançando à sua frente. Chloe estava em cima dela, olhando para ela, com um olhar de animal enjaulado.

– Você não liga para ninguém! Eu te amei e você não liga!

– Não machuque a Sawyer! – A voz de Cooper cortou a noite, e Chloe levantou a cabeça. Estava no jardim, mãos para a frente. Sangue seco, quase preto, em sua testa, ao longo do corte profundo logo abaixo de onde começava o cabelo.

– Eu matei você! – Chloe gritou, e a histeria deixou sua voz alta e aguda. – Eu matei você!

– Não matou, não – disse Cooper calmamente. Ele deu um passo cuidadoso para a frente. – E você também não vai fazer nada com Sawyer.

– Não me diga o que eu vou fazer!

Sawyer percebeu vagamente o que estava acontecendo. Sua cabeça ainda girava depois da batida e a dor de sua perna chegava até os dentes.

– Cooper? – Ela sabia que mal era um sussurro, mas queria dizer o nome dele, nem que fosse pela última vez. Chloe olhou para baixo e mexeu a cabeça.

– Não ouça o que ele diz. Ele vai acabar sendo igual ao Kevin. Só vai te fazer mal.

Sawyer viu Cooper se mexer pelo canto do olho.

– Não é verdade – disse Cooper, na base da colina. – E eu sei que você também não vai fazer mal para a Sawyer, Chloe.

Chloe empurrou a lâmina da faca de novo na garganta de Sawyer.

– Como você sabe? – perguntou ela.

Cooper deu outro passo à frente, voltando a falar normalmente.

– Porque eu sei. – Ele mantinha os olhos fixos em Sawyer. – Nunca machucamos a pessoa que amamos.

Sawyer sentiu uma onda de calor e a vontade de sorrir, quis que as palavras de Cooper, do jeito que ele as dissera, com os olhos fixos nela, fossem a última coisa que ela ouviria. A mão de Chloe havia voltado a tremer bastante, arranhando o pescoço de Sawyer.

– Não – disse Chloe, rangendo os dentes.

Sawyer fechou bem os olhos, esperando a dor lacerante da faca.

– Não – Chloe repetiu. Dessa vez, a voz soou mais suave, e Sawyer sentiu a faca se afastar de sua garganta, ouviu algo cair na lama. – Eu amo você de verdade, Sawyer.

As palavras de Chloe eram doloridas e abafadas, e quando Sawyer abriu os olhos, viu as mãos de Chloe diante do rosto, os ombros tremendo.

– Nós vamos conseguir ajuda para você, Chloe, eu prometo – disse Sawyer. – Vamos conseguir ajuda para você.

– Eu só queria fazer você feliz – Chloe soluçou. – Eu só queria que você gostasse de mim.

Sawyer engoliu em seco, desviando o olhar de Chloe, olhando rapidamente para Cooper.

– Vai ficar tudo bem.

Ela não sabia ao certo para quem dizia aquilo.

DEZESSEIS

Um paramédico pôs um cobertor de lã grossa nos ombros de Sawyer e um monitor de pressão em seu braço. Cooper sentou-se ao lado dela na parte de trás da ambulância enquanto outro paramédico passava uma gaze com antisséptico no corte da testa dele.

– Minha madrastra vai ficar bem? O bebê vai ficar bem? O paramédico assentiu.

– Ela está a caminho do hospital agora, mas seus sinais vitais estavam bons e os batimentos cardíacos do bebê, normais.

Lágrimas brotaram nos olhos de Sawyer e dessa vez foram bem-vindas, assim como o ar fresco que ela inspirou. Ela olhou para Cooper, que sorriu para ela, fazendo uma careta de dor ao toque da gaze.

– Eu sinto muito mesmo – disse ela. – O que aconteceu?

Cooper balançou a cabeça.

– Não teve nada a ver com você.

Sawyer ergueu uma sobrancelha e Cooper corou.

– Certo, acho que tinha um pouco. Eu sai da escola para ver se você estava bem. Chloe fechou meu carro quando eu entrei no condomínio. Fiquei meio confuso. Então, ela me acertou com alguma coisa e eu fiquei tonto. Ou inconsciente.

Sawyer nunca tinha ficado tão feliz ao ouvir uma história de sobrevivente.

– Oh, Sawyer!

– Pai! – Sawyer levantou-se da ambulância e abraçou o pai. Stephen Haas e o detetive Biggs estavam com ele, mas permaneceram mais para trás.

– Eu estava tão preocupado com você.

Sawyer afastou-se, gesticulando para a ambulância, para o paramédico que estava cuidando dela.

– Estou bem, mesmo. Você devia ir, a outra ambulância levou Tara. Precisa ficar com ela.

Andrew segurou o queixo de Sawyer.

– Preciso ficar aqui com você.

Sawyer balançou a cabeça.

– Não, não – ela hesitou. – Você precisa estar lá com a minha irmãzinha. – Ela parou, passou a língua pelos lábios –, e minha madrastra.

Andrew assentiu com os olhos marejados.

Em seguida, o detetive Biggs e Stephen Haas se aproximaram de Sawyer. Biggs deu um tapinha em suas costas, que Sawyer imaginou que devia ser carinhoso e paternal, mas foi estranho e a fez sorrir.

– Estou feliz que você esteja bem, Sawyer.

Sawyer olhou para trás, para a bandagem em sua panturrilha.

– Quase bem. – Ela parou e puxou o ar. – O que vai acontecer com Chloe?

– Chloe está muito doente – disse Biggs.

– Ela vai para a cadeia?

Os dois policiais ficaram em silêncio por um momento assustador.

– Vamos conseguir ajuda para ela.

Sawyer olhou por cima do ombro de Stephen, para a viatura, onde Chloe estava no banco traseiro, de cabeça baixa. Seu cabelo loiro, imundo de chuva e lama, descia em mechas duras sobre seu rosto. Chloe olhou para cima como se soubesse que Sawyer estava olhando para ela, e seus olhos se encontraram. Os de Chloe estavam claros, arregalados, azuis.

– Espero que sim – Sawyer sussurrou.

A viatura e a ambulância começaram a partir. O detetive Biggs entrou no carro por último, o sedã que parecia estar parado na frente da casa de Sawyer há meses.

– Posso te levar para o hospital, Sawyer?

– Não, obrigada, detetive. Acho que vou para lá um pouco mais tarde.

Biggs partiu e Cooper, todo cheio de bandagens, aproximou-se. Sawyer esboçou um sorriso.

– Estou muito feliz por saber que você está bem – disse ele de um jeito tímido.

– Eu poderia não estar se você não tivesse aparecido.

Cooper olhou para o outro lado, a poucos centímetros de Sawyer. Tocou seu curativo.

– Isso me deixou com cara de bobo? – perguntou ele, sorrindo.

Sawyer assentiu, divertindo-se.

– Bobo. – Ela se apoiou nele, sentindo que ele hesitou por um instante antes de envolvê-la em seus braços. – E sexy.

Cooper apertou Sawyer mais forte, com o coração acelerado. Ela encostou o rosto no pescoço dele, sentindo seu perfume. Ele ainda cheirava a sabonete, e apesar dos acontecimentos da noite, Sawyer se sentiu calma no mesmo instante.

– Estou feliz que você está aqui – ela sussurrou para ele.

– Que tal eu te levar ao hospital para você ver sua madrastra?

Sawyer assentiu.

– Eu gostaria, obrigada.

Ela começou a andar do lado dele. Seus dedos se encontraram e então se entrelaçaram, e eles estavam de mãos dadas.

– Devemos parar e comprar umas flores ou um cartão?

– Não – Sawyer balançou a cabeça enfaticamente. – Com certeza, não!

AGRADECIMENTOS

Obrigada especialmente a Leah Hultenschmidt e a todo o pessoal da Sourcebooks Fire, incluindo os autores – que me receberam tão bem e foram todos tão legais comigo. Espero que possamos nos encontrar de novo no Awesome Bus. A minha agente Vickie Motter – obrigada por me aguentar. Um obrigada muito especial e uma dívida de gratidão às mulheres mais incríveis da minha vida: Vovó Schwartz, por sempre dizer a verdade, Tia Carolyn, por ser minha primeira inspiração, Amberly Finarelli, por me dar uma chance, Joan Svoboda, por ser Joan Svoboda, e Marina Chappie e Britt Parmeter, por entenderem meu medo de telefone, meu gosto por canetas fedidas, e meu amor pelo Disney Channel Original Programming, e ainda assim me amarem.

Publicado em 2014 pela Companhia Editora Nacional.
Impresso pela IBEP Gráfica, São Paulo.

¹ “Hornet” é vespa, a mascote da escola. (N. T.)

² Brincadeira com os personagens dos livros de Mark Twain. (N. T.)

³ No original, Hawthorne Honeys. Honey também é uma expressão carinhosa, o que dá o sentido duplo aqui. (N. T.)